

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES DO MEIO AMBIENTE E DA NATUREZA NA LITERATURA
INFANTIL BRASILEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO 20**

Fernanda Aléssio Oliveto

Brasília, DF – dezembro de 2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES DO MEIO AMBIENTE E DA NATUREZA NA LITERATURA
INFANTIL BRASILEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO 20**

Fernanda Aléssio Oliveto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Brasília, DF – dezembro de 2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**REPRESENTAÇÕES DO MEIO AMBIENTE E DA NATUREZA NA LITERATURA
INFANTIL BRASILEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO 20**

Fernanda Aléssio Oliveto

Orientadora: Leila Chalub Martins

Banca:

Leila Chalub Martins, Doutora (UnB –
Faculdade de Educação)

Vera Margarida Lessa Catalão, Doutora
(UnB – Faculdade de Educação)

Lucília Helena do Carmo Garcez, Doutora
(UnB – Instituto de Letras)

Laís Maria Borges de Mourão Sá, Doutora
(UnB – Faculdade de Educação)

DEDICATÓRIA

À minha família

AGRADECIMENTOS

A Deus,
À querida Leila
Ao Ricardo, meu marido e melhor amigo

RESUMO

Esta dissertação trata das representações sociais da natureza e do meio ambiente na literatura infantil que foram construídas no Brasil do início do século 20, época em que tem início a produção de textos escritos para crianças sem finalidade exclusivamente didática, mas lúdica. Os autores cujos livros são analisados foram os que se destacaram entre o público infantil, e que continuam sendo reeditados até os dias atuais: Tales Castanho de Andrade e Monteiro Lobato. A partir das obras dos dois autores, este trabalho verifica a idéia de natureza e meio ambiente transmitida às crianças brasileiras.

Palavras-chave: literatura infantil brasileira, representações sociais, natureza

ABSTRACT

This dissertation deals with the social representations of nature and environment in children's literature that were built in Brazil in the beginning of the 20th century, when the production of writing texts for children started without exclusive didactic goal. It was just for fun. The authors, whose books are analyzed, were those who distinguished themselves among young readers. They still have been edited nowadays, and they are: Tales Castanho de Andrade and Monteiro Lobato. Based on these authors' works, this paper examines the idea of nature and environment transmitted to Brazilian children.

Key-words: brazilian children's literature, social representations, environment

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1:** A bonequinha preta
- Ilustração 2:** Perdida na floresta
- Ilustração 3:** Propaganda da Philips
- Ilustração 4:** Molequinho de brinquedo, de Ivan Wasth Rodrigues
- Ilustração 5:** Avenida Central no começo do século 20, por Marc Ferrez
- Ilustração 6:** A gripe espanhola chega às páginas d'O Tico-Tico
- Ilustração 7:** O Recanto Tranquilo
- Ilustração 8:** A filha da floresta
- Ilustração 9:** A família deixa a fazenda
- Ilustração 10:** Saudades do campo
- Ilustração 11:** A casa provisória
- Ilustração 12:** A casa nova
- Ilustração 13:** A roça do Raul
- Ilustração 14:** O sítio, três anos depois
- Ilustração 15:** Dona Lagartixa se queixa a El-Rei
- Ilustração 16:** Planos para as férias
- Ilustração 17:** O dia da caça
- Ilustração 18:** O discurso do Bem-te-vi
- Ilustração 19:** Surpresa na Festa das Aves
- Ilustração 20:** Histórias do Tio Gabriel
- Ilustração 21:** Nasce a árvore milagrosa
- Ilustração 22:** Emília e Visconde
- Ilustração 23:** A revanche dos bichos
- Ilustração 24:** O telefone chega ao Sítio
- Ilustração 25:** Quindim – um novo amigo
- Ilustração 26:** Aulas do professor Visconde
- Ilustração 27:** A fortuna do Sítio
- Ilustração 28:** Finalmente, petróleo!
- Ilustração 29:** Coitado do Pirambóia
- Ilustração 30:** Festa e discurso

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

INTRODUÇÃO	10
PARTE I	17
1. O começo da literatura infantil no Brasil	17
2. Lenyra Fraccaroli: meu ponto de partida	28
3. Representações sociais da natureza	33
PARTE II	43
4. Tales Castanho de Andrade	45
4.1 <i>A filha da floresta</i>	49
4.2 <i>Saudade</i>	55
4.3 <i>El-rei Dom Sapo</i>	67
4.4 <i>Bem-te-vi feiticeiro</i>	70
4.5 <i>Árvores milagrosas</i>	76
5. Monteiro Lobato	81
5.1 <i>Reinações de Narizinho</i>	86
5.2 <i>O Saci</i>	96
5.3 <i>Caçadas de Pedrinho</i>	99
5.4 <i>O poço do Visconde</i>	105
5.5 <i>A reforma da natureza</i>	115
PARTE III	118
6. Quadros de categorias e representações	118
6.1 Análise comparativa das categorias em Tales de Andrade e Monteiro Lobato	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158

INTRODUÇÃO

A literatura entrou na minha vida antes mesmo de eu nascer. Minha mãe, leitora compulsiva, conta-nos que virava noites em claro (à luz de velas) lendo livros da coleção do meu avô comunista. Avô que, antes de ser assassinado por um fazendeiro, teve toda a biblioteca (que ia desde Eça de Queiroz aos Irmãos Karamazov) escondida dos militares. Aliás, tão bem escondida que sumiu, desapareceu no limbo, desmaterializou-se... até hoje não se sabe para onde foi. Só sei que o tesouro deixado aos filhos por aquele homem torturado física e psiquicamente consistiu não em bens materiais, mas na paixão pela leitura. Herança que trago com muito orgulho para a vida toda.

Na noite do dia 4 de maio de 1973, há cinco meses de terem descoberto os sobreviventes da queda de um avião uruguaio nos Andes, cuja tripulação teve de comer carne humana para manter-se viva, minha mãe enjoava só de lembrar da tragédia, o que se agravou substancialmente na madrugada do dia 5 quando, além da náusea, fora acometida de fortes cólicas. Às sete horas do dia 5 deu à luz uma menina cujo nariz carecia urgentemente de plástica, ao que o obstetra, o hoje falecido Dr. José Maria de Magalhães Neto – Dr. Zezito – irmão do também falecido Antônio Carlos Magalhães, era veementemente contrário, argumentando que o nenê havia sofrido muito no parto com o cordão umbilical enrolado no pescoço e, portanto, o rosto tinha sido comprimido. O parto fora bastante complicado, e houve mesmo um momento em que minha mãe disse ao médico que me salvasse ao invés de salvá-la. Graças a Deus (e, segundo o Dr. Zezito, graças a ele!) nos salvamos nós duas. O nariz do nenê, ou seja, o meu nariz, realmente voltou ao normal após alguns dias. Em contrapartida, o episódio virou uma jocosa história familiar, repetida de vez em quando, para deleite da minha irmã mais velha.

Meu pai, a esta época advogado, passara em todos os concursos quantos se inscrevera. Mas fizera por onde. Vindo de uma família pobre, assim como a da minha mãe, chegara a dormir num caixote de frutas quando criança, na ausência de berços e de camas. Dedicou-se tanto à faculdade e ao concurso que, para manter-se desperto quando o sono vinha-lhe roubar algumas horas de estudo, chegava a preparar-se para as provas dentro de uma bacia com água fria. Foi bem recompensado. Transformou-se em um homem invejavelmente culto (desafio aquele que vencer meu pai em qualquer tipo de *quiz* e prova de conhecimentos! Simplesmente ele sabe tudo de tudo), um leitor voraz de toda sorte de literatura – de *bang bang* comprado em banca a tratados de reinos medievais.

Seja pelo sangue ou pela simples imitação do hábito, o fato é que eu e minha irmã crescemos ouvindo contos de fada e histórias da época em que histórias de fada se

escreviam com “e” ao invés de “hi”. Também sabíamos de cor uma série de relatos da tradição oral repassados por nossos pais principalmente antes de dormirmos ou quando queimávamos de febre. Às vezes usavam um argumento de alguma história clássica, como Cinderela ou João e o Pé de Feijão e, a partir dele, alçavam vãos muito diferentes dos originais. Lembro-me que a minha preferida era A Bonequinha Preta (Ilustração 1), de Alaíde Lisboa de Oliveira. Era a história de uma bonequinha preta que, ao ouvir a voz de um verdureiro passando pela casa de sua dona, debruçou-se tanto na janela que acabou caindo no meio dos rabanetes, das couves e das abóboras. Sem saber do acontecido, o verdureiro levou seu carrinho por toda parte, sempre causando situações novas e inusitadas para a boneca. Até que muito tempo depois ela é descoberta (ou se faz descobrir, já não sei mais) e volta para casa, para alívio da sua dona.



Ilustração 1: A bonequinha preta

Havia uma outra história sobre uma garota pobre que desejava mais que tudo na vida tomar um copo de chocolate (meu pai falava em Mukky... mas não façamos marketing gratuito, imaginemos um chocolate *anônimo*). E, para isso, subia e descia ladeiras carregando uma cestinha com amoras. Até o *glub* do chocolate descendo pela garganta me soa familiar, e é por esta reminiscência e outras do tipo que declaro meu amor pela literatura infantil e exalto sua importância para a formação de crianças imaginativas e sensíveis como eu fui.

Com o tempo meu pai comprou uma vitrola moderníssima e nos presenteou com uma coleção de discos com histórias de Walt Disney¹; cada disco vinha com um encarte com o texto e as ilustrações do que era narrado. A mais interessante, na minha sábia opinião de quatro anos de idade, era a da Branca de Neve (Ilustração 2). O que mais me encantava não era tanto a beleza da princesa – aliás, parecia-me um tipo comum, com cabelos negros e curtos na altura do ombro – mas a casinha dos anões e a cumplicidade dos animais que ajudavam a princesa a arrumar os quartos, varrer o chão, pendurar as roupas no varal. Além disso, ouviam os desabafos da órfã e tentavam encorajá-la a viver sua vida a despeito da madrasta malvada. Se analisarmos, os pássaros, esquilos e outros habitantes da floresta estão presentes em todos os momentos significativos para Branca de Neve; estão na faxina, na hora do choro, nas canções alegres, no socorro, no sono eterno, na volta à vida através do beijo do príncipe e, por fim, na despedida da floresta rumo ao castelo.

Em relação ao nosso ingresso (meu e de minha irmã) ao mundo dos livros, confesso que a imagem fez uma diferença enorme. É claro que a narração oral permite à criança pensar os personagens e as cenas da maneira que bem quiser, mas o texto escrito aliado a uma bela ilustração foi bastante significativo para mim. Da mesma forma que o *glub* da historinha que meu pai contava nunca mais saiu da minha memória auditiva, as páginas coloridas de Disney ficarão marcadas na memória visual. Inclusive, ao procurar as imagens da Branca de Neve para ilustrar esta dissertação, encontrei as originais dos nossos encartes (que são, na verdade, as cenas do desenho animado que foi exibido no cinema do mundo todo e que hoje está disponível em disco digital de vídeo – dvd).



Ilustração 2: Perdida na floresta

¹ Walt Disney popularizou os contos de autoria dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, ao levar para o cinema as histórias de A Bela Adormecida, Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, entre outras.

Essa experiência levou-me a procurar outras imagens por meio do Google (bendita tecnologia de hoje!), incluindo a da minha vitrola-vermelha-de-última-geração (bendita tecnologia da época!), a qual não resisti e acabei colocando aqui (uma pequena gentileza que me fiz, um brinde à minha infância). Com a propaganda da Philips (Ilustração 3) descobri que o nome da vitrola era “eletrofone”; no texto, a frase: “converse de homem pra homem com seu pai. Diga a ele que você já está na idade de ter um eletrofone só seu”.



Ilustração 3: Propaganda da Philips

Se para a psicanálise a infância passa por fases, na literatura, para mim, também se experimentam algumas: a “Walt Disney”, quando todas queremos ser princesas e, se preciso for, caímos em sono profundo para conquistar um lindo príncipe, e a fase “pós-Disney”, quando nos tornamos meninas mais aventureiras e menos melindrosas. É a época em que o sapatinho de cristal se espatifa, deixando nossos pés descalços e livres para sentir a terra, a grama, os pingos de chuva caindo entre os dedos. Esta também pode ser chamada de fase “pré-Lobato”, que geralmente deve ocorrer dos nove anos em diante. No meu caso, entretanto, não foi bem assim, e acabei me envolvendo com o Sítio do Pica-pau Amarelo bem antes do previsto, precocemente aos seis. Foi por acaso mesmo, mas como reza o ditado popular, nada acontece por acaso.

Só sei que meu pai, já da Receita Federal, fora transferido pelo Ministério da Fazenda para Brasília com a mulher e as três filhas (a partir de 1976 já não éramos só duas, em janeiro nascera minha irmã mais nova, que hoje continua sendo o bebê da família, embora esteja com 32 anos – mas isso é detalhe, nada que o *faz-de-conta* da Emília não dê conta de fazer).

Faço aqui um salto no tempo e pulo para 1991, mais exatamente no segundo semestre, quando ingressei na Universidade de Brasília para cursar a faculdade de Letras – português e literatura brasileira (difícil decisão esta pelo curso de Letras! Para mim era tão apaixonante que não conseguia vê-lo como uma profissão, mas apenas como gáudio, entretenimento. Uma blasfêmia ganhar dinheiro com esse ofício! – isso explica minha demora para tomar a decisão. Pensei em ser obstetra, analista de sistemas, jornalista, atriz...). Desse período até 1996, fui apresentada a muitos autores e obras que reforçaram a afinidade com os textos, e deixei-me levar pela escrita, arriscando uma meia dúzia de poemas e alguns contos. Enquanto isso, a literatura infantil continuava a flertar comigo em todos os trabalhos que eu tinha de apresentar e nas opções de curso de extensão em que era inscrita.

Já estamos em 2005, no dia em que vi meu nome na lista de aprovados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Havia passado em primeiro lugar para o cargo de analista ambiental, tema VI: estímulo e difusão de tecnologias, informação e educação ambiental. No embalo, matriculei-me em uma pós-graduação em educação ambiental (EA) e fiz como trabalho de conclusão de curso uma monografia sobre EA aplicada à literatura infantil.

Movida pelo entusiasmo da pós-graduação, fiz uma disciplina no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da UnB, aprofundando minhas leituras de Morin, Nicolescu, e refletindo sobre o conceito de sujeito ecológico e os que a ele se referiam.

Em 2007, voltei formalmente – e feliz da vida! – para a UnB, minha velha conhecida, a que tanto contribuía com o meu crescimento intelectual. Mas como toda boa história tem momentos dramáticos e tensos, a minha não seria diferente. Por causa do trabalho no IBAMA tive de mudar meu projeto inicial sobre informação ambiental para criança, tantas e tantas vezes, e para temas tão desestimulantes na minha opinião, que cheguei mesmo a pensar em desistir. Afinal, passar dois anos insistindo num assunto pelo qual não sentia a menor paixão seria uma tortura! Pois então, ao voltar de férias encontrei os portões do IBAMA fechados, faixas, piquetes, polícia. Essa via crucis demorou quase dois meses até que houvesse a divisão. De uma costela do IBAMA nascia o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, onde estou hoje, numa equipe responsável pela capacitação dos servidores desse órgão federal. Graças à bondade de minha orientadora (que teve para comigo a paciência de um monge e a *delicadeza de uma borboleta* – expressão do escritor Murilo Mendes para definir a suavidade das palavras), voltei aos meus livros infantis e pude pensar um novo projeto, mais interessante ainda do que o original.

A presente dissertação nasceu de muita inquietude e de incertezas, mas também de amor e prazer. Ir ao encontro da infância é um momento especial, de curiosas sensações – um misto de saudade gostosa das coisas que experienciamos quando criança e um bocado

de melancolia pelas lembranças que temos (e que muitas vezes não correspondem à realidade dos fatos, mas à realidade do coração). Não vou me demorar na tentativa de descrever essas sensações porque demoraríamos uma eternidade e descobriríamos que não há dicionário que defina as recordações e tudo o mais que trazem no seu bojo. Tampouco pretendo esmiuçar a literatura infantil, mas apenas enveredar por um de seus caminhos.

Por ora, restringir-me-ei a dizer que as perguntas que me levaram a este estudo referem-se ao imaginário da época a sobre o meio ambiente. Assim, buscarei saber qual a idéia que tinham os escritores sobre o progresso, uma vez que acompanharam as mudanças rápidas e radicais do princípio do século 20; que mensagens pretendiam passar às crianças sobre a natureza; e até que ponto estavam engajados e comprometidos com a conservação dos recursos naturais e de que modo conciliavam o uso desses recursos com a modernidade – indústrias, automóveis, poluição, desmatamento.

Portanto, o que se vai ver nas próximas linhas é uma visita aos textos produzidos por dois autores brasileiros no período que abrange desde o início até a metade do século 20, ou seja, a fase inicial da produção nacional para crianças. A escolha dos dois escritores – Tales Castanho de Andrade e Monteiro Lobato – deu-se por motivações estratégicas, uma vez que eles foram os de maior sucesso no período citado e os que permanecem sendo editados ainda hoje, há quase um século. Ao aproximar-me deles, pretendo analisar o teor da mensagem que transmitiam ao leitor infantil sobre o meio ambiente e as relações que nele estabelecem a natureza e o homem, observando a maneira como a idéia de progresso (então em franco desenvolvimento) se compatibilizava com as noções de sustentabilidade e de conservação da biodiversidade, temas hoje tão em voga.

Na Parte I farei um resgate sucinto do cenário em que a literatura se desenvolveu no Brasil, desde a chegada da corte portuguesa até as primeiras publicações nacionais, feitas por escritores brasileiros para crianças brasileiras. São apenas alguns marcos que considero fundamentais para contar uma história que começou em 1500 e que se estende até hoje, a qual possui personagens novos e outros antigos, com algumas preocupações atuais idênticas às de outrora (no caso dos temas ambientais, como veremos à frente), diferente talvez no vocabulário e em um ou outro costume, mas igual na sua essência.

Na seqüência da contextualização, irei explicar como a *Bibliografia de Literatura Infantil de Língua Portuguesa*, de autoria de Lenyra C. Fraccaroli, chegou às minhas mãos, e de que maneira essa obra deu-me o rumo que faltava para começar as análises dos textos. Definirei, também, os recortes desta pesquisa, explicando a faixa etária escolhida, o tipo de texto e outros passos metodológicos, como os critérios estabelecidos para selecionar os livros analisados dentro do recorte temporal (primeira metade do século 20) e análise a partir de categorias de representação e sub-representação sociais.

Depois disso, serei guiada pelas mãos de Carlos Walter Porto Gonçalves em um passeio pelo conceito de natureza, desde a sua construção, percebendo que se trata de uma idéia criada, constituída dentro de cada sociedade, segundo uma determinada cultura. No caminho encontrarei Moscovici, romeno naturalizado francês, um dos criadores do movimento ecológico na França, cujos pensamentos acerca das representações sociais me darão pistas consideráveis para prosseguir esta dissertação.

Mais adiante, na Parte II, abordarei alguns títulos da obra de Tales Castanho de Andrade e Monteiro Lobato, fazendo uma análise das principais características e destacando os aspectos que têm relação com a temática desta dissertação – o homem, a natureza e o meio ambiente.

Na Parte III, apresentarei alguns quadros de categorias e representações, em que comparo os textos dos dois autores no tocante à natureza, relação natureza–homem, relação natureza–homem, vida no campo, vida na cidade, progresso e sustentabilidade.

Nas considerações finais buscarei sintetizar as comparações a fim de conhecer a mensagem que cada um dos autores citados passava para seu público leitor, o que me dará uma idéia do tipo de visão de homem e natureza que as crianças da segunda metade do século 20 tinham. Elas, que algumas décadas depois, tornar-se-iam partícipes do movimento ambiental no Brasil, muitos em condição de líderes, outros de testemunhas.

Por fim, e para dar início à dissertação, ressalto que a proposta de estudar a relação do homem com a natureza no meio ambiente, que envolve o ideal de progresso e de modernização, justifica-se pela importância de conhecermos o passado do País para entendermos os reflexos no presente. É uma das formas de entrar em contato com o pensamento de uma determinada cultura é por meio da literatura, já que o escritor tem o poder de captar a ideologia e transmiti-la ao mundo, sendo porta-voz da sociedade. Portanto, a literatura nos ajuda a penetrar num universo desconhecido, revelando-nos fragmentos de uma realidade vivida, cuja análise nos permite entender muito do que acontece no tempo atual. Várias representações existentes à época não mais fazem parte do imaginário coletivo, algumas mudaram, outras permanecem. Mas o homem continua o mesmo: um ser inconformado com sua condição humana, cujas ações são regidas pela ambição, pela curiosidade e pelo eterno desejo de ser feliz.

PARTE I

1. O começo da literatura infantil no Brasil

Podemos dizer que a literatura dedicada à criança é fenômeno recente, se considerarmos que apenas na metade do século 18 ensaiou-se um novo olhar sobre estes seres de tamanho diminuto, modos peculiares e criatividade à flor da pele. Até então, pouco ou nada se compreendia da infância, um “período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida” (Ariès, 1981, p. 52). As pequenas criaturas existiam como estranhos, convivendo com seus familiares sem grande expressividade. E assim iam, de maneira apagada e insignificante, até o dia em que cresciam e passavam a desempenhar um novo papel no meio social, como se estivessem adormecidos ou encantados até o momento de “amadurecer” e entrar em cena.

Rousseau, com a obra *Emílio* (1773), foi um dos primeiros intelectuais a questionar a visão da criança como mera projeção do adulto. Para ele, a infância consistia numa fase preparatória para a vida adulta, mas com características próprias, que deveria ser aproveitada ao máximo, pois era o momento de maravilhar-se com o mundo, de descobrir nas brincadeiras e na fantasia o lado amável da existência humana. Portanto, o enciclopedista lançava a idéia da criança como indivíduo com vontades e peculiaridades, ou seja, como sujeito (e não objeto) das próprias ações, e que deveria gozar de todas as prerrogativas para crescer de forma saudável e livre de pressões.

Esse pensamento foi revolucionário para a educação infantil (Carvalho, 1987, p. 89), ao considerar o processo de ensino-aprendizagem como algo natural ao ser humano, que vem com o tempo e não deve ser forjado. Para entender essa fase, sugere o filósofo que o homem se prive do orgulho, do egoísmo e da ambição, preparando-se, assim, para enxergar a pureza da criança e para penetrar no universo infantil, ainda não tão contaminado pelas mazelas sociais.

Se a Europa começava a abrir sua mente para novas perspectivas no tocante à infância, no Brasil a valorização da criança estava longe de ocorrer. Mesmo com a vinda da família real, em 1808, que trazia nos baús alguns respingos da modernidade européia, a infância continuou sendo uma incógnita – apenas uma ponte para a maioria. Nesse cenário de indiferença, havia ainda um agravante, que era o mercado de escravos, cada vez mais praticado na colônia portuguesa. Os que mais sofriam eram os filhos e filhas dos escravos, duplamente submissos (primeiro, por serem crianças; segundo, cativos) conforme nos conta a historiadora Mary Del Priore (1999, p. 111):

As pequenas crianças negras eram consideradas graciosas e serviam de distração para as mulheres brancas que viviam reclusas, em uma vida monótona. Eram como que brinquedos, elas as agradavam, riam de suas cambalhotas e brincadeiras, lhes davam doces e biscoitos, deixavam que, enquanto pequenos, participassem da vida de seus filhos.

A esse respeito, em sua *Casa-grande e senzala* (2006), Gilberto Freyre faz uma anotação curiosa. Além de servirem de entretenimento às patroas entediadas, tão logo pudessem andar com as próprias pernas os pequenos escravos eram oferecidos aos sinhozinhos e às sinhazinhas, crianças como eles, mas com a *superioridade* do homem branco estampada na pele. Os *negrinhos*, a partir daí, deviam satisfazer aos caprichos dos *donos*, quaisquer que fossem as brincadeiras imaginadas. Ora transformavam-se em burros de liteiras e de cargas pesadas, ora em cavalos de montaria, sovados com varas de goiabeira no lugar de chicotes (Ilustração 4). Sobre os muitos papéis assumidos pela criança negra durante a brincadeira da criança branca, nos diz Freyre (2006, p. 419):

Suas funções foram as de prestadio² mané-gostoso³, manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pó de serra e de pano como os judas de sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos.



Ilustração 4: Molequinho de brinquedo, de Ivan Wasth Rodrigues

² Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (p. 529), o adjetivo prestadio significa algo útil, que tem serventia.

³ Mané-gostoso é um personagem do bumba-meu-boi que possuiu pernas de pau, de acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (p. 412).

Apesar de todo o sofrimento ocasionado pelo regime escravista, da violência que ele implicou, da crueldade que degradou o ser humano em sua essência e o coisificou, retirando-lhe qualquer sinal de dignidade, o negro conseguiu manter aquilo que é essencial ao homem e que faz único um povo, distinguindo-o de qualquer outro agrupamento social, ou seja, sua cultura, seus costumes, suas formas de expressão. A matriz africana⁴ foi fundamental para a formação da cultura brasileira, dando-lhe a religiosidade, a resistência e o espírito livre e criativo, e trouxe uma notável contribuição para a literatura, especialmente a infantil, em um momento em que as crianças não eram alfabetizadas e tinham nas histórias narradas a oportunidade de darem vazão ao sonho e à criatividade. O ato de contar histórias ornadas com detalhes e de alimentar o imaginário das crianças com lendas e personagens tornou-se um hábito que mantemos até hoje. Na época, as narrativas assustadoras eram bastante úteis para castigar os meninos e meninas mais malcriados e rebeldes, como as que tinham os temíveis boi-tatá, cabriola, papa-figo⁵, negro do surrão, entre outros personagens. Atualmente perderam o caráter punitivo e resistem ao tempo como distração para as crianças.

Sobre a arte de contar histórias, sabemos que é algo muito mais complexo do que a transmissão de frases em alta voz para uma platéia. Ela consiste em reunir (ou *enfeitiçar*) ouvintes ao redor do narrador para os guiar, por alguns minutos, a um mundo de fantasia, de sonho, de puro encantamento. Não seria exagero dizer que é um dom, pois exige de quem conta muitas habilidades que a maioria dos *mortais* não possui, apesar de ser uma atividade democrática – todos podem se atrever a contar histórias –, mas apenas a alguns é dada a magia de manter atentos os que escutam, de fazer vozes diferentes tantas quantas forem as personagens da história e de entoar quase que cantando, como o faziam os bardos⁶, cada sentença pronunciada.

Segundo o historiador literário Arroyo (1968), a transmissão oral foi de suma importância para lançar as primeiras sementes da literatura infantil no Brasil, com destaque para as negras contadoras de histórias. Não que inexistissem homens narradores, mas era

⁴ Os africanos dominavam a técnica da metalurgia e o manuseio do ferro, outros importantes legados à cultura brasileira. No documentário feito sobre a obra **O povo brasileiro**, de Darcy Ribeiro, há a seguinte narração: “os povos bantos possuíam uma longa história. Produziam objetos de cerâmica, praticavam agricultura e criavam gado. Haviam domesticado diversas plantas e dominavam as técnicas da metalurgia. (...) Os bantos conferiam um valor sagrado ao ferro. (...) Por toda a África e no Brasil espalhavam-se deuses metalúrgicos”.

⁵ Descrição do Papa-figos: Ele costuma sair à noite ou ao fim da tarde, na hora do crepúsculo, aproveitando o horário de saída das escolas. Seu aspecto pode variar de região para região. Algumas vezes é velho, sujo, sofre de hanseníase e tem o corpo coberto de chagas. Pode, também, ser alto, magro, pálido e com a barba por fazer. Às vezes, carrega um saco. Procura por crianças, atraindo-as com o intuito de raptá-las, extraindo-lhes, a seguir, o fígado. Segundo a crença popular, o sangue é produzido no fígado. Quando este não funciona bem, o sangue apodrece, causando a lepra. A cura estaria no consumo do órgão sadio. Mas somente o fígado infantil teria pureza e força suficientes para aliviar o sofrimento dos hansenianos. E sempre haveria alguém disposto a pagar qualquer preço por tão poderoso e raro lenitivo. É mito que ocorre em todo o Brasil, convergindo para outras figuras do ciclo do pavor infantil, como o lobisomem, o negro velho e o homem do saco. Segundo a versão registrada por Ademar Vidal, referente à Paraíba, a fim de não cometer injustiças, o papa-figo restringia sua caça apenas aos meninos mal-comportados, desobedientes, teimosos ou chorões. (JANGADA BRASIL).

⁶ Bardos eram poetas e músicos da História Antiga, exímios narradores de lendas e fatos de época.

mais incomum. Aquelas, por meio de suas narrativas cheias de suspense e engenhosidade, supriam a carência de livros dedicados às crianças, despertando-lhes o gosto pelos fatos passados, com um sabor especial a cada nova versão. O registro do que contavam e do papel que exerciam à época só pôde ser possível graças ao relato de escritores que, quando crianças, tiveram a infância embalada por essas negras e por sua presença ficaram tão extasiados a ponto de deixar o testemunho nas memórias publicadas. Verdadeiras *instituições*, as negras eram respeitadas por onde andavam, conquistando o coração de adultos e crianças com seus enredos transbordantes de aventura, mistério e amor pela vida. Algumas chegavam a receber dinheiro em troca das histórias. O escritor José Lins do Rego divide com os leitores, em seu *Menino de engenho* (2007, p. 79), a ilustre figura de Totonha, contadora e *fazedora* dos sonhos de sua infância:

A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. (...) Pequenininha e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das Mil e Uma Noites. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! (...) As suas histórias para mim valiam tudo. (...) A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Ela subia e descia ao sublime sem forçar as situações, como a coisa mais natural deste mundo. Tinha a memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa, como notas explicativas. (...) Depois sinhá Totonha saía para outros engenhos, e eu ficava esperando pelo dia em que ela voltasse, com suas histórias sempre novas para mim. Porque ela possuía um pedaço do gênio que não envelhece.

O contador de casos, propagador da oralidade, representa a memória cultural de um povo, por preservar, como acentua Pereira (1998), uma visão de mundo, com seus conflitos humanos e sociais, com suas lições, as quais o ouvinte irá recorrer em algum momento de sua vida. Em outras palavras, a literatura oral participa ativamente na constituição do imaginário coletivo, alcançando um contingente grande de pessoas sem fazer distinção de cor, sexo e condição econômica (incluindo-se as analfabetas, pobres, iletradas e marginalizadas), mais do que a literatura escrita, que esbarra em obstáculos como instrução, letramento, poder aquisitivo. É, pois, um veículo de grande aceitação e de amplo alcance popular. De acordo com Pereira (1998, p. 1):

A narração tem o poder da palavra, do som e suas inflexões, aliada ao gestual simbólico do narrador (...) não é uma declamação, é uma prosa, e sofre modificações conforme o ambiente, a ocasião, a platéia. Um "contador" conhece e utiliza, mesmo que intuitivamente, quase todas as figuras de linguagem (como metáforas e catacreses), figuras de sintaxe (ênfase no pleonasma) e figuras de pensamento (principalmente a hipérbole e a prosopopéia). Dessa forma, a narração de uma história, de um conto, lenda ou mito, ganha um enorme poder (...) capaz de transformar a fantasia

em realidade, de evocar emoções, de fazer o ouvinte "viajar" nas asas da imaginação. E a criança acostumada a ouvir histórias desenvolve e estimula a imaginação, além de também desenvolver o gosto pela leitura e pelas pesquisas.

Mas não só de africanos se fez a literatura brasileira. Além deles, encontramos no Brasil colonial traços das matrizes indígena e portuguesa. Dos marinheiros portugueses vieram os contos de fadas, os gigantes, as mouras tortas. Misturados à tradição oral lusitana e africana, as histórias da mata, do curupira, das entidades divinas dos indígenas. Parte da criatividade e inventividade dos brasileiros deve-se a esse colorido de sotaques mantido através dos tempos com a narração de pai para filho. Freyre (2006, p. 411) relata a fecundidade dessa miscelânea de culturas ao tratar dos temores do menino colonial:

Novos medos trazidos da África, ou assimilados dos índios pelos colonos brancos e pelos negros, juntaram-se aos portugueses, da côca, do papão, do lobisomem; ao dos olharapos, da cocaloba, da farranca, da Maria-da-Manta, do trangomango, do homem-das-sete-dentaduras, das almas penadas. E o menino brasileiro dos tempos coloniais viu-se rodeado de maiores e mais terríveis mal-assombrados que todos os outros meninos do mundo.

Mesmo com a grande quantidade de contos oferecidos ao imaginário infantil, podemos deduzir que até então a criança não era vista de maneira diferenciada. Pelo próprio conteúdo das histórias e os personagens que habitam seus enredos, percebemos que não havia preocupação em adequar – ou melhor – em traduzir as narrações para a *língua* dos pequenos. Isso pode ser comprovado, inclusive, nos versos das cantigas de dormir, que traziam seres abomináveis e perversos para a vigília do sono das crianças (como o velho surrão e tantas outras criaturas da noite), como menciona Freyre (2006, p. 410):

Deixou-se de ninar o menino cantando como em Portugal: *Vai-te, Côca, para cima do telhado: deixa dormir o menino um soninho descansado, para cantar, de preferência: olha o negro velho em cima do telhado. Ele está dizendo quero menino assado.*

Dessa forma, podemos inferir que o menino colonial nascia com o ouvido afinado para as histórias, sendo tocado de maneira bastante acentuada pela criatividade de seus contadores. Portanto, a falta de livros e o analfabetismo não desviaram a infância do caminho da literatura; ao contrário, serviram para facilitar a entrada da literatura escrita, difundida algum tempo depois, com a abertura de escolas e a propagação da imprensa, por meio dos jornais e revistas.

Com a chegada da corte portuguesa, o Brasil vislumbrou novas perspectivas em termos de cultura e educação do povo. A preocupação em transmitir valores tidos como os

mais adequados e aceitáveis e a urgência em moldar a criança – *homem em ponto pequeno que deveria progredir dentro dos padrões de moral, sociais e psicológicos válidos para os adultos*, nas palavras de Arroyo (1968) – fizeram com que fossem construídas várias escolas, além de estabelecimentos para formar professores.

A abertura das instituições de ensino levou a uma outra questão: a elite colonial deu-se conta de que faltavam livros para crianças que pudessem ser utilizados em sala de aula, com finalidade didática, e fora dela, como material de apoio e reforço do conteúdo. Esse fato e, mais tarde, o estabelecimento da imprensa, foram os primeiros passos em direção à literatura infantil de cunho nacional, laica e paradidática. Não significa que inexistissem livros para crianças⁷. Eles estavam presentes na sociedade, trazidos nas malas dos viajantes e na biblioteca de D. João VI, circulando entre os letrados. Porém, a maioria era escrita em português de Portugal ou em outro idioma de origem – que podia ser inglês, francês, alemão até. Parte deles, traduzida para a língua portuguesa, possuía limitações comuns a toda tradução: expressões idiomáticas e situações culturais muito diversas das vividas no Brasil, por isso mesmo não eram leituras atraentes para as poucas crianças das famílias mais abastadas que conseguiam ser alfabetizadas.

Devemos notar que essas obras associavam tédio e aversão ao ato de ler e dificultavam o aprendizado das crianças brasileiras. Obrigados que eram a suportar leituras de obras maçantes escritas por adultos para adultos, os leitores infantis só vão conhecer o livro como sinônimo de prazer mais adiante, com autores que os entendiam e satisfaziam sua fome de fantasia, sem os aborrecer ou menosprezar sua inteligência – com o devido destaque para Tales Castanho de Andrade e Monteiro Lobato. E é este quem, numa carta escrita ao amigo Godofredo Rangel, reclama das traduções disponibilizadas no Brasil (1925, apud Arroyo, 1968): “Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegais! Temos de refazer tudo isso – abrigar a linguagem”.

⁷ Em relação à falta de livros, é interessante o trecho publicado nas memórias do reverendo Robert Walsh (1824, apud FREITAS, 2006): “Ilhéus era cercada de hortas e pomares, que produziam pêras, uvas, repolhos e inúmeras outras frutas e legumes do Velho Mundo. Uma grande capela erguia-se no topo de um outeiro, e as casas caiadas de branco, bastante numerosas, davam ao arraial um ar de bem-estar e prosperidade. A venda era mantida por um homem instruído, que também mantinha uma escola. Quando entramos, fomos saudados pelo animado murmúrio das crianças, que recitavam em coro a lição num cômodo contíguo. Fomos até lá e deparamos com dez ou doze meninos sentados em bancos, decentemente trajados, todos lendo juntos em voz alta. Seus livros não passavam de cartas comerciais recebidas pelo seu mestre e tratando de vários assuntos relativos aos seus negócios, sendo cada folha protegida de maneira que manuscritos tão preciosos não sofressem com o manuseio dos meninos. O professor via-se forçado a se valer desse recurso porque não dispunha de livros, e dessa forma seus alunos aprendiam a ler textos manuscritos antes dos impressos. Algumas cartas eram quase incompreensíveis e muito mal escritas, e na minha opinião teriam confundido qualquer escrivão do Registro Público. Parecia-me espantoso que, numa época em que os impressos já eram tão comuns, e em que havia tantos jornais e gazetas em circulação, ainda não se tivesse cogitado da publicação de livros de ensino elementar. Prometi ao professor informar-me no Rio sobre livros desse tipo e, se o encontrasse, enviá-lhe um suprimento deles, o que ele considerou a melhor dádiva que eu lhe poderia fazer”.

Para Arroyo (1968, p. 79), a contribuição estrangeira na educação do Brasil, manifesta através dos livros que imperaram durante muito tempo, foi uma das razões para o atraso da manifestação de uma literatura infantil legitimamente brasileira. Segundo nos relata,

(...) mestres e mestras, tanto franceses, como alemães, ingleses ou norte-americanos, utilizavam-se as mais das vezes de sua própria língua. Indicavam assim leitura em suas línguas de origem, criando um consumo de livros que não aqueles de língua portuguesa.

Muitos escritores brasileiros, ao desabafarem em suas memórias, criticaram e muito os livros que lhes davam como leitura no auge da infância: obras pesadas, maçantes, essencialmente moralistas ou pretensamente religiosas, quando o que mais precisavam era de aventura, criatividade, entretenimento. A bem da verdade necessitavam sonhar, como reflete Carvalho (1987, p. 21):

Tire-se ao homem a capacidade de sonhar, o poder da imaginação criadora e contemplativa, e diga-nos o que resta nele, ou melhor, o que fica da criatura humana?! Eu ousaria parodiar o Mestre, dizendo: quem, com o mínimo de sensibilidade, não coloriu sua imaginação de sonhos e esperanças, “atire a primeira pedra”. Sonhar é preencher vazios, é criar condições terapêuticas para os impactos da realidade, é libertar-se, enfim!

A influência do estrangeiro dificultava a descoberta de uma voz nacional e trazia maneiras importadas e afetadas ao comportamento social. Conta-nos Arroyo (1968) que a influência francesa no Brasil *atingiu, sob muitos aspectos, proporções ridículas*. Diz ele, lembrando de um caso contado por seu conterrâneo Ciro Arno, que um “negro retinto, habitante de São Paulo, metido a literato e com grandes inclinações para as frases difíceis e as palavras empoladas, fizera cartões de visita com o nome afrancesado: François Prosper d’Olivier, quando, na verdade, não passava de um mulato nascido no Brasil e batizado como Francisco Próspero de Oliveira”.

No início do século 20, a cultura vinda do exterior encontrava na sociedade republicana de maior poder aquisitivo a ressonância ideal. Logo em 1902 o então presidente Rodrigues Alves (o segundo do Brasil) pôs em prática o desejo de transformar o Rio de Janeiro em uma cidade moderna, urbanizada e em sintonia com o modelo europeu de viver. Para promover o embelezamento da paisagem, mandou derrubar, literalmente, mais de 600 imóveis em menos de um ano, construindo, no lugar, a cidade dos sonhos. Entre os prédios postos a baixo estavam cortiços e casarões onde se amontoavam pessoas consideradas pelo governo uma ameaça à segurança e aos bons costumes da sociedade do Rio – desculpa que serviu para justificar a ação radical que ficou conhecida como “Regeneração” ou o “bota-abaixo”, conforme ironizava a imprensa (Bueno, 2003, p. 277).

Com o fim da *limpeza*, o Rio de Janeiro passava a ser a vitrine do Brasil, digna de receber turistas e de vangloriar-se por ser o terceiro mais importante pólo de exportação e importação do continente americano. Os que foram escorraçados não receberam qualquer indenização e partiram para os morros, dando início à existência das favelas.

Em 1904 ficava pronta a majestosa Avenida Central (Ilustração 5), ícone do progresso e da modernização brasileira, com dois quilômetros de comprimento e 33 metros de largura. A respeito dela, comenta o jornalista Bueno (2003, pp. 274-275):

(...) quando a Avenida foi inaugurada, em 15 de novembro de 1905, o povo do Rio de Janeiro – e, por extensão, o do resto do Brasil – percebeu que uma era se iniciava. O bulevar possuía imenso significado metafórico: era uma vitrine da civilização; era o símbolo quase miraculoso da eficiência, saúde e beleza do país; (...) Era o fim da letargia tropical. Mais do que uma rua, era uma proclamação.



Ilustração 5: Avenida Central no começo do século 20, por Marc Ferrez

O Brasil, então, aproximava-se da cobiçada modernização europeia. Para isso, passava a renegar o seu passado de colônia, sufocando as matrizes de sua origem e a herança cultural por elas deixadas. Enfim, tudo o mais que pudesse associar o País ao atraso perante as nações do progresso.

Ao desconsiderar a cultura popular, a pobreza e a miséria estampadas por detrás da maquiada Avenida Central, as famílias da *alta* sociedade desfilam modas francesas, trejeitos de afetação descabida e a ilusão de não pisar calçadas tupiniquins. É a *regeneração* que se impõe à custa da *renegação* das origens do povo. Diz Sevcenko (1983, p. 43):

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia quem pudesse se opor a ela. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação

dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.

Entretanto, apesar de agradar a uma quantidade restrita de pessoas, a República começou a sofrer críticas da população, que despertou para o fato de que o novo regime privilegiava poucos e excluía a grande massa dos direitos de cidadania, saúde, educação e moradia. Num cenário de discrepância, o País percebeu-se correndo atrás da modernidade do século 20, mas sem pernas para alcançá-la. Enquanto isso, o analfabetismo reforçava essa imagem, revelando-se um entrave para o progresso.

A quantidade de escolas era insuficiente para atender a toda a demanda, e nelas as crianças aprendiam a ler e a escrever, mas não dispunham de livros agradáveis ao seu paladar recém descoberto de leitor. Faltavam textos escritos especialmente para o público infantil, e a carência era solucionada muitas vezes com literatura inadequada, maçante e que causava aversão aos pequenos.

Para preencher esse vazio e lançar o conceito de entretenimento nos textos para crianças, o jornalismo apresentara uma proposta inovadora que começou a delinear o protótipo da literatura infantil no País: a publicação da revista Tico-Tico (1905), às quartas-feiras, um encarte de O Malho, jornal de grande êxito na época. Os editores perceberam que não existia nada além de textos didáticos e de cunho excessivamente moral e propuseram um novo conteúdo para o leitor infantil, que enfatizasse o caráter lúdico e prazeroso da literatura ao mesmo tempo em que teria a pretensão de ensinar de maneira natural, sem pressões. No editorial da primeira edição fica claro o papel da revista:

Todos amam as crianças; não há poeta que não celebre a sua inocência e a sua beleza... entretanto, caso singular! Nada se faz em favor delas, para diverti-las, para distrair e encantar a sua existência. Não organizamos festas alegres em que elas possam folgar e rir em liberdade (...). Este jornalzinho (...) vem a preencher uma lacuna. É um jornal que se destina exclusivamente no uso, à literatura, ao prazer, a aplauso da gente grande; os pequeninos, os inocentes, os simples formarão o nosso público. É para eles que escrevemos – e se conseguirmos agradar-lhes, teremos obtido o único triunfo que ambicionamos.

Contos, poesias, problemas, concursos, contribuirão, nas páginas do Tico-Tico para, ao mesmo tempo, instruir e deliciar as crianças; e, de hoje em diante, elas poderão dizer, com orgulho: - os marmanjos têm os seus jornais? Pois nós também temos o nosso jornal, que é feito para nós, exclusivamente para nós! (Almanaque do Tico-Tico, edição comemorativa dos 100 anos, 2006, p. 10).

Desde o lançamento, o Tico-Tico foi um sucesso absoluto não apenas entre as crianças, conquistando leitores de outras faixas etárias devido ao seu texto leve, agradável e, sobretudo, muito divertido. A revista passou a fazer parte do cotidiano das famílias, sendo leitura obrigatória dentro dos lares brasileiros. Na divulgação do primeiro número, de acordo com o que foi publicado na revista O Malho, em 16 de setembro de 1905, dizia-se o seguinte:

Um jornal saltitante, delicado, jovial, traquinas, um diabrete de asas, em suma, como o exige a idade dos leitores a que se destina, que substitua os brinquedos, porque nenhum brinquedo divertirá tanto quantos as suas páginas (...). Ao mesmo tempo que divertirá, fazendo rir esses pequenos entes buliçosos e irrequietos que são o encanto da vida, O Tico-Tico será um veículo leve e suave de instrução. Suas páginas não se descurarão do lado útil e moral, procurando, no meio de suas histórias de fadas e desenhos travessos, fortalecer e orientar o espírito desses que amanhã serão os nossos grandes homens. (Almanaque do Tico-Tico, edição comemorativa dos 100 anos, 2006, p. 23).

Até as escolas utilizavam a revista para motivar os alunos, aproveitando o caráter de diversão e o formato de passatempo, cujo conteúdo tinha o firme propósito de educar as crianças, preparando-as para assumir o posto de cidadãs, futuros adultos com valores éticos e nobres. E assim o fizeram durante mais de 50 anos, período em que se esforçaram por mudar a imagem do Brasil (que tentava, a todo custo, encontrar uma identidade cultural no início do século 20) para a de um país em pleno desenvolvimento tecnológico e rumando ao progresso, deixando para trás a visão de atraso e de toscas projeções culturais.

Nas ilustrações e nas falas dos personagens percebem-se, ao longo dos anos, as muitas representações sociais construídas e as lições conservadoras que preenchem as páginas e ditavam o paradigma de atitudes e comportamentos. Entre elas, a de que a educação e o trabalho eram a salvação da Pátria, algo comum ao discurso republicano.

Outra característica que justificou o êxito da publicação foi o respeito com que os editores tratavam seus pequenos leitores, evidenciado no diálogo cuidadoso e nas satisfações dadas quando da ocorrência de falhas, atrasos ou enganos cometidos, conforme, por exemplo, nota veiculada no dia 23 de outubro de 1918, período em que a gripe espanhola fizera inúmeros enfermos no País inteiro (Ilustração 6). Abaixo de uma ilustração em que os personagens principais estão acamados, visivelmente recuperando-se da gripe espanhola, lê-se o seguinte:

“Aos caros leitores pedimos desculpas não só pelo atraso com que foi distribuído o nosso numero passado como também por qualquer senão que possa existir no presente numero. A epidemia da ‘grippe hespanhola’, que se generalizou nesta Capital, transtornou, paralisando mesmo os serviços

das oficinas d'O Tico-Tico, razão porque é bem possível não ter sahido este jornal com a sua parte material como de costume"⁸ (Almanaque do Tico-Tico, edição comemorativa dos 100 anos, 2006, p. 63).

A criança sentia-se, pois, prestigiada como consumidora de uma publicação sob medida para ela, o que, sem dúvida, é um avanço enorme na história da literatura, que até pouco antes não se dedicava a este leitor tão sensível e exigente.

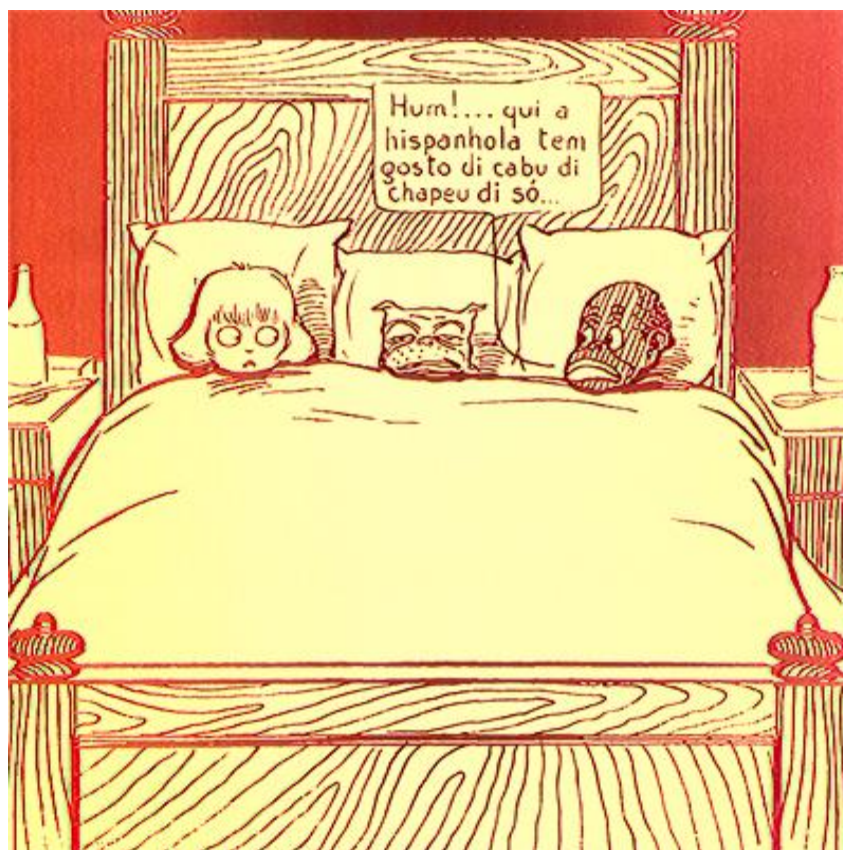


Ilustração 6: A gripe espanhola chega às páginas d'O Tico-Tico

Assim, a revista pode ser considerada uma das primeiras tentativas de literatura voltada especialmente ao público infantil. Porém, o Brasil teria de esperar um tanto mais para ver nas livrarias obras para a criança leitora, sendo apenas no começo da década de 20, mais de uma década depois de o lançamento d'O Tico-Tico, que os escritores Tales Castanho de Andrade e Monteiro Lobato publicariam histórias de cunho eminentemente dedicado às crianças. Cansados de deparar-se com traduções e originais estrangeiros pouco apropriados – o próprio Monteiro Lobato não sabia o que oferecer aos filhos como leitura: “é de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos lança” (1951, apud Freitas, 2006) –, lançam, respectivamente, em

⁸ Transcreveu-se a nota exatamente conforme a grafia original.

1919 e 1921, obras ainda sob a definição de literatura escolar, mas caminhando para o livro paradidático, de entretenimento, entrando de vez na vida das crianças e na história da literatura.

Após as estréias bem-sucedidas, os dois escritores não pararam mais de produzir textos para o público infantil. Tales lançaria nos anos seguintes diversos títulos, entre os quais: *Saudade*, *El-rei Dom Sapo*, *Dona Içá-Rainha*, *Bem-te-vi feiticeiro*, *Árvores milagrosas*, *Praga e feitiço*, *O fim do mundo*, *Caminho do céu*, *A bruxa branca*. Já Monteiro Lobato tornar-se-ia referência para outros autores e teóricos da literatura como a historiadora de livros infantis Coelho (2006, p. 15), que divide os períodos da história da literatura infantil brasileira tomando por marco orientador o aparecimento Monteiro Lobato nas letras do País, a quem considera “o iniciador”:

- Precursora. Período pré-lobatiano (1808 –1919);
- Moderna. Período lobatiano (anos 1920 –1970);
- Pós-moderna. Período pós-lobatiano (anos 1970 em diante).

A obra de Lobato é vastíssima, incluindo títulos como *Fábulas de Narizinho*, *O Saci*, *O Marquês de Rabicó*, *A caçada da onça*, *A Cara de Coruja*, *O circo de escavalinho*, *História do mundo para crianças*, *Memórias da Emília*, *Dom Quixote das crianças*, *Histórias de Tia Nastácia*, *O poço do Visconde*, *A reforma da natureza*, *A chave do tamanho*, *Os doze trabalhos de Hércules*, entre outros.

Os dois escritores souberam captar a linguagem exata para comunicar-se com as crianças. Embora eu conhecesse alguns de seus livros desde minha infância, exceto os de Tales Castanho de Andrade, ainda não tinha muito claro se iria inseri-los na minha dissertação. Depois de pesquisar bastante e refletir que rumo tomar, tive a sorte de deparar-me com um livro que seria a luz que faltava para me guiar: a *Bibliografia de Literatura Infantil em Língua Portuguesa*, de Lenyra Fraccaroli, e que considero, de fato, por onde este estudo começou.

2. Lenyra Fraccaroli: meu ponto de partida

Diariamente somos bombardeados por informações sobre questões ambientais. A criança do século 21 já nasce familiarizada com os termos “mudanças climáticas”, “ecologia”, “educação ambiental”, “reciclagem”, “aquecimento global”, “desmatamento” e tantos outros mais, ainda que não entenda a complexidade do que se trata. Nas livrarias, centenas de livros sobre a natureza e o meio ambiente disputam a atenção dos pequenos

através de títulos chamativos e visual atraente. Uma enorme quantidade de dados, porcentagens, preceitos e regras que beiram a manuais de etiqueta e de bons costumes tenta alertar a criança do que a espera caso a humanidade não mude sua postura para com o próprio homem e o meio em que vive.

Mas isso é nos dias de hoje. Minha curiosidade, pois, foi saber como era no início da literatura infantil brasileira, no início do século 20 – ou seja, quando pouco se prestava atenção à infância e os escritores ainda tentavam encontrar o canal mais adequado para comunicar-se com os pequenos leitores, além do que a população mundial não havia despertado para os temas afetos à natureza – se as questões ambientais eram mencionadas, e, se o eram, que tipo de mensagem era transmitida. De imediato o nome que me veio à lembrança foi o de Monteiro Lobato, mas seria injusto deixar fora da análise outros escritores igualmente brilhantes, mas não tão conhecidos como o do autor do *Sítio do Pica-pau Amarelo*. O próximo passo seria, então, garimpar esses nomes e definir a extensão deste estudo (quantidade de escritores, de obras, de representações analisadas, entre outros).

Ao pesquisar os livros de literatura infantil brasileira escritos entre o início do século 20 e a sua metade, surpreendi-me com a diversidade de autores, títulos e temas abordados. Diante da impossibilidade de analisar todos eles, tive de tomar a difícil decisão de fazer recortes, desde o tipo de texto (se adaptado, traduzido, original de Portugal, poesia, biografia, entre outros), à abrangência temporal (se pegaria uma década de produção literária do século 20), autores e obras que seriam escolhidas como leitura. Para isso, busquei na teoria da literatura infantil brasileira pistas que me levassem a uma resposta ou, pelo menos, indicassem um caminho a seguir.

Conforme lia, mais curiosa ficava a respeito de um livro citado inúmeras vezes, a *Bibliografia de literatura infantil em Língua Portuguesa*, da bibliotecária Lenyra C. Fraccaroli, no qual constaria toda a produção escrita para crianças bem no período que eu necessitava saber. À procura nos sebos⁹, encontrei a segunda edição, aumentada, publicada em 1955, pelo Instituto Nacional do Livro – INL, Editora Jornal dos Livros. Logo na contracapa, Manoel Marques de Carvalho, técnico de educação do Ministério de Educação e Cultura, diz o seguinte:

Sentimo-nos honrados em apresentar ao público brasileiro Bibliografia de literatura infantil, 2ª edição, publicada sob os auspícios do Instituto Nacional do Livro. Diante do interesse despertado pela 1ª edição não só no Brasil, como em outros países, a autora Da. Lenyra C. Fraccaroli, Chefe da Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis do Departamento Municipal de Cultura, da Prefeitura de São Paulo, empregou ingentes esforços no sentido de publicar a mais completa bibliografia especializada até hoje apresentada.

⁹ Sebos são livrarias especializadas na venda de livros e revistas usados.

Tecnicamente organizado, este trabalho é realmente guia indispensável aos pais, professores, educadores, orientadores, bibliotecários e instituições que têm o encargo de indicar literatura sadia à criança e vem preencher a lacuna no mercado livreiro do país. (...) Pelo exposto, trata-se de obra organizada pelo labor constante da autora, no trato permanente com os assuntos técnicos relacionados com a orientação da leitura às crianças, pesquisados nos longos anos de atividades na direção de uma das principais divisões da Prefeitura do Município de São Paulo.

Na introdução o então diretor do INL, Augusto Meyer, tecia novos elogios à Fraccaroli, pelo esforço de ter conseguido juntar em um mesmo trabalho sobre literatura infantil toda a “produção editorial do País, na espécie, desde os primórdios até 1954”.

Com o livro de Fraccaroli, a definição da minha pesquisa e dos critérios para análise ficou mais clara. A obra, muito bem organizada, trazia uma imensa lista de títulos, contemplando todos os livros infantis em língua portuguesa, ou seja, traduções, originais de Portugal, adaptações de obras estrangeiras, biografias, poesia e outros, distribuídos por faixas etárias dos leitores. As informações eram apresentadas de maneira completa, com o nome do autor, ano de nascimento e morte do autor, título do livro, nome do tradutor ou de quem adaptou a história, nome do ilustrador, local de publicação, editora, data, número de páginas, existência ou não de ilustrações, tamanho do livro (em centímetros), nome da coleção (quando for o caso), preço (em cruzeiros) e sinopse. Para exemplificar, transcrevi abaixo a entrada de um dos títulos:

ANDERSON, HANS CHRISTIAN, 1805-1875. Os contos de dona Gansa; adaptação de H. Sanchez Puyol; ilustrações de Nazar Haleblan. Buenos Aires, Codex, 1947. [10]p. ilustr. 22 cm. (Coleção figuras gigantes) CR\$ 8,00. Tristeza de dona Gansa ao verificar que os patinhos do açude em que habita já conhecem todas as suas histórias.

Com 286 páginas e quase três mil livros listados, a segunda edição da obra de Fraccaroli estava disposta na seguinte forma:

- de 3 a 6 anos (117 livros);
- de 6 a 9 anos (872 livros);
- de 10 a 12 anos (970 livros);
- de 13 a 15 anos (426 livros);
- revistas infantis (26 títulos);
- índice de autores;
- índice de títulos;
- índice de assuntos;
- editoras de livros de literatura infantil (com respectivos endereços).

Comecei a definir os textos com os quais trabalharia a mensagem dos escritores sobre o meio ambiente a partir da idade da criança. Entre as opções, eu dispunha de quatro categorias etárias (conforme mencionado acima), que abrangiam dos três aos quinze anos de idade. Cheguei à conclusão de que a faixa etária ideal seria a dos 10 aos 12 anos, por se tratar de um leitor mais amadurecido, tanto em aspectos cognitivos como em sociais. Adotei para este estudo a classificação que Nelly Novaes Coelho sugere no *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira* (2006), ao considerar o leitor de 10 a 12 anos um sujeito fluente, com domínio da leitura e compreensão do mundo expresso no livro. Ele, portanto, é um meio termo entre o leitor em processo e o leitor crítico, pois não está mais em processo de formação, nem tampouco possui total domínio e capacidade de fazer uma reflexão profunda do texto. Além disso, era a faixa etária para a qual havia mais livros disponíveis.

Uma vez feito o recorte do público leitor, providenciei a exclusão das tipologias que não interessavam ao objetivo da minha dissertação. Assim, pude eliminar mais da metade dos títulos propostos na *Bibliografia*. Entre os tipos excluídos estão:

- **adaptações:** originalmente para adultos, caíram no agrado das crianças, seja pelo caráter aventureiro, pelo mistério ou pela fantasia. Excluí justamente por não terem sido escritas para crianças, sofrendo alterações posteriores para agradá-las;
- **biografias:** pretendiam ressaltar nomes de pessoas que tiveram importância para o Brasil e o mundo. Não interessavam à minha análise porque recontavam histórias verídicas, ao invés de privilegiar a inventividade dos textos prioritariamente fantasiosos, muito embora às vezes tivessem teor criativo, o que seria exceção e não a regra;
- **contos de fada:** essas histórias, marcadas pela presença de elementos fantásticos – mágicos, dragões, poções de encantamento, fadas – requerem um tipo de análise bastante peculiar, um profundo cuidado de interpretação, envolvendo a construção de arquétipos, o diálogo entre o consciente e o inconsciente e a dualidade psíquica do ser humano. São obras atemporais, cujos temas fazem parte da memória de todas as culturas e residem em todas as civilizações, tais como as de Hans Christian Andersen, Charles Perrault e dos irmãos Grimm. Apesar de estar presentes na formação da literatura infantil brasileira, sobretudo nas narrações orais da matriz portuguesa, são essencialmente de origem estrangeira, o que não acrescentaria muito à minha dissertação;
- **obras estrangeiras:** livros no idioma original, incluindo-se os escritos por portugueses de Portugal. Há uma grande quantidade de livros de autores portugueses nesta época, pois a literatura escrita por brasileiros para crianças

começou tardiamente no Brasil, sendo importada. Um dos problemas dessa categoria são as expressões idiomáticas e o vocabulário distinto do falado no País;

- **narrações históricas:** livros que narram fatos históricos, verídicos, ocorridos em alguma parte do mundo. São registros romanceados de episódios da história local ou mundial e que aqui não me interessam pelo mesmo motivo que as biografias;
- **poesias:** textos em forma de versos, cuja função que sobressai é a poética, centrada nos sentimentos e no subjetivismo. Há toda uma metodologia específica de análise (que não vem ao caso para esta dissertação), sob o aspecto das rimas, dos versos, da contagem de sílabas, da escolha das palavras, entre outros;
- **obras religiosas:** livros que transmitem passagens bíblicas e que pretendem divulgar determinada religião. Insere-se na justificativa dada às biografias e obras históricas;
- **traduções:** histórias em língua estrangeira que são reescritas em outro idioma. Neste estudo interessam-me apenas livros feitos em língua portuguesa falada no Brasil e por escritores e crianças genuinamente brasileiros.

Portanto, dois recortes estavam definidos: a faixa etária e o tipo de texto. Ainda assim restava uma quantidade significativa de obras e eu precisaria restringir ainda mais a extensão da pesquisa. Como havia títulos, conforme dizia a introdução da obra de Fraccaroli, do período compreendido “desde os primórdios até 1954”, e considerando-se a subjetividade do substantivo “primórdios”, estabeleci como marco inicial a publicação do conto *A filha da floresta* (1919), de Tales Castanho de Andrade, um livro de grande sucesso no início do século 20, e que abriu espaço para a prosa infantil de qualidade e legitimada como literatura infantil brasileira, conquistando a fidelidade do público leitor. Ao todo, há 26 obras de Tales na categoria “10 a 12 anos”, sendo grande parte de conteúdo histórico e nacionalista, de exaltação aos fatos passados no Brasil. Dos que restaram, muitos títulos e sinopses tinham ligação direta com o tema da minha pesquisa, o que contribuiu decisivamente para a escolha desse autor como um dos que entrariam para o estudo. Entre eles, *Saudade*, *Bem-te-vi feiticeiro* e *El-rei Dom Sapo*.

O segundo escritor escolhido para esta análise foi Monteiro Lobato, pela quantidade de livros indicados por Fraccaroli (entre coleções completas e histórias separadas, há 72 citações de obras). Inicialmente, o autor escreveu textos voltados para a leitura escolar, mas depois tomou outros caminhos, com uma proposta mais lúdica do que propriamente didática. Com o Sítio do Pica-Pau Amarelo, coleção com a qual atingiu notoriedade, foi

elevado à posição de maior escritor infantil brasileiro, ganhando a fidelidade de milhões de leitores no mundo inteiro, apaixonados pelos personagens e suas aventuras fantásticas.

É preciso mencionar que Monteiro Lobato tem várias histórias da coleção do Sítio que se encaixam na lista de exclusões desta dissertação, como, por exemplo, as fábulas. Portanto, elas não foram consideradas para esta análise.

A seguir, tratarei o conceito de representações sociais, embasando-me, para isso, em Serge Moscovici, enfatizando sua aplicação ao conceito de natureza.

3. Representações sociais da natureza

Ao identificar as representações sociais da natureza e do meio ambiente na literatura infantil brasileira da primeira metade do século 20, revela-se-nos o conteúdo que veiculava à época sobre o tema, transmitido de pessoa a pessoa, e delineado a partir de conjunturas econômicas, sociais, políticas, culturais.

Surgidas do convívio social, da troca de experiências e de convenções estabelecidas ao longo do tempo, essas representações são reforçadas, modificadas, amenizadas ou até anuladas (caso venham a perder a importância em determinados contextos). Um dos maiores estudiosos do assunto, Moscovici (2000, p. 33) argumenta que todas as informações que circulam no mundo passam pelas lentes da subjetividade das representações:

(...) nós nunca conseguimos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações 'superimpostas' aos objetos e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessíveis. Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos. Assim, em última análise, elas são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, organizadas em uma determinada seqüência.

Moscovici (2000) define as representações como sendo um sistema de valores, idéias e práticas, cuja função precípua é estabelecer uma ordem que vai permitir às pessoas a orientação em seu mundo material e social, além de tornar possível a comunicação entre os indivíduos que constituem uma comunidade, a partir do momento em que criam um código para nomear e classificar, com objetividade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. Nesse sentido, podemos dizer que elas têm o poder de influenciar o comportamento dos indivíduos participantes de uma coletividade.

Duveen (apud Moscovici, 2000, p. 8), na introdução do livro *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*, ressalta que a transição para a modernidade marcou-se fundamentalmente pelo advento de novas formas de comunicação e pelo desenvolvimento da imprensa, e que através da comunicação as representações se tornam senso comum.

(...) Elas entram para o mundo comum e cotidiano em que nós habitamos e discutimos com nossos amigos e colegas e circulam na mídia que lemos e olhamos. Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros.

Partindo do pressuposto de que as representações sociais são potenciais influenciadores, e, ainda, que a literatura é um veículo de divulgação de idéias, ou seja, dessas influências das representações, podemos deduzir o peso que as histórias têm na vida das pessoas, não apenas como entretenimento, mas como reprodutora de conceitos e valores de determinados grupos sociais, que se unem em torno de idéias comuns e que lhes são peculiares.

Portanto, ao nos depararmos com objetos ou imagens com que não estamos familiarizados, não tendo, por conseguinte, idéia prévia sobre eles, não os interpretaremos de modo significativo. Rodrigues (2007, p. 69), ao discutir os significados denotativo e conotativo das imagens, menciona que muitas delas não são assimiladas por determinadas culturas pelo fato de estas não possuírem conhecimentos cognitivos adequados para entendê-las. Ainda a esse respeito, comenta Manguel (2006, apud Rodrigues, 2007):

(...) dificilmente conseguimos distinguir aquilo que não podemos nomear. Enquanto todas as línguas comportam distinções de claro e escuro, e a maioria tenha palavras que denotam as cores primárias e as secundárias, nem todas as línguas têm termos específicos para as cores. O idioma tarahumara, do norte do México, não tem palavras especiais para o verde e o azul; em consequência, a capacidade dos tarahumaras de distinguir matizes entre essas duas cores é bem menos desenvolvida no que no falante do inglês ou do espanhol. A leitura que um tarahumara fará de uma pintura azul e verde será forçosamente afetada pelas aptidões lingüísticas do espectador.

Sob o enfoque das representações sociais, diz-nos Gonçalves (2006, p. 23) que toda sociedade cria uma determinada idéia do que seja a natureza e a transmite por meio de sua cultura – livros, atitudes, músicas. Enfim, as mais variadas formas de expressão humana.

É sabido, pois, que o conceito de natureza varia segundo alguns aspectos, como o lugar onde se vive (espaço), o como se vive (modo) e o quando se vive (tempo). Assim, notamos uma diversidade de práticas e costumes entre as populações do mundo todo. Uma tribo indígena da Amazônia certamente verá a natureza com olhos distintos do de um

corretor de imóveis cujo escritório encontra-se em Nova Iorque. Da mesma forma que o habitante da Cidade do México, onde o índice de poluição do ar é um dos mais elevados do Planeta, percebe a natureza de maneira bastante distinta da que um esquimó, que vive na neve.

O mesmo se dá com a expressão “meio ambiente”. Muitos a confundem e empregam-na como sinônimo de natureza, desconsiderando ou mesmo desconhecendo que são conceitos distintos. Para explicar as diferenças, Reigota (2007) coloca, de um lado, os conceitos científicos, e, de outro, as representações sociais – segundo as quais natureza e meio ambiente são o mesmo termo. Diz ele que os conceitos científicos são termos definidos, entendidos e ensinados da mesma maneira pela comunidade científica internacional, sendo, portanto, um consenso acerca de algo. As representações, por sua vez, relacionam-se às pessoas que estão fora do círculo acadêmico-científico, embora ocasionalmente possam dele fazer parte.

Assim, para ecólogos, geógrafos, psicólogos e dicionaristas, a expressão “meio ambiente” tem sentidos muitas vezes divergentes, o que indica que no âmbito científico não há consenso a esse respeito. Reigota (2007, p. 14) considera, por isso, que meio ambiente é uma representação social, devido ao caráter difuso e variado que possui, e propõe uma definição que será a empregada neste estudo, fazendo com que seja diferente de natureza. Meio ambiente passa a ser

O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído.

Desse modo, os grupos sociais aparecem como parte do ambiente natural, onde se dão relações dinâmicas e interativas. Mais adiante retornarei a essa definição ao tratar da representação natureza–homem.

No início do século 20 então, quando no Brasil a literatura infantil era importada da Europa e da África, muitas das representações implícitas nos textos não faziam sentido para as crianças, por não serem familiares às suas vidas, distantes de suas realidades. Com Tales de Andrade e Monteiro Lobato iniciando a produção nacional, abre-se a possibilidade de *descobrir, reinventar e transmitir* culturas, práticas e costumes apreciados ou, então, necessários ao momento em que escreviam. Segundo Carvalho (1987, p. 129), Tales foi o primeiro a inaugurar a literatura infantil no País.

Devemos lembrar que houve um esforço grande por parte do meio artístico e dos políticos para que fossem criadas identidades nacionais e, paralelamente, para que se incentivasse o amor à Pátria, o orgulho de ser brasileiro. Basta dizer que o movimento da

Semana de 22 foi realizado com o intuito de promover a cultura do Brasil, buscando uma essência artística nacional que desse conta de superar os modelos que vinham do estrangeiro. Também havia urgência em fortalecer a República, e uma das soluções foi a promoção de benfeitorias em nome do novo regime político. Procurava-se, a todo custo, consolidar e difundir a noção de “brasilidade”, ressaltando a natureza exuberante, a dignidade advinda do trabalho, o sentimento de pertencimento à terra. Assim, vemos essas e outras representações sociais nas obras de Tales de Andrade e de Lobato.

Para Coelho (1981, p. 41), Tales de Andrade ressaltou em todos os seus livros os valores ideais do sistema de vida patriarcal-burguês, entre os quais a dedicação irrestrita ao dever, o paternalismo, o impulso progressista, a exaltação do trabalho. Também foi firme na divulgação da política desenvolvimentista da época, apostando no incremento da agricultura para o progresso econômico do Brasil.

Nas décadas de 1930 e 1940, quando os dois escritores eram já bastante lidos, a preocupação voltava-se à organização da política e à reconstrução da economia nacional e mundial. A crise da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, atingiu como um raio as exportações cafeeiras do País. A fase áurea do café começou a declinar a partir de então, com os preços do produto caindo a níveis baixíssimos. Nesse meio tempo, em 1930, Getúlio Vargas chegava ao poder, dando início à Era Vargas, período que coincidiu com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939. O Brasil passou, pois, por uma fase de mudanças e turbulências na esfera política, social, econômica. A sociedade de então tentava, como podia, adaptar-se a essas modificações.

Esse contexto histórico é terreno fértil para a proliferação das representações sociais, instigando o senso comum. As crianças, que já contavam com os livros de Tales de Andrade e de Monteiro Lobato não apenas na vida escolar, mas também fora dela, assimilavam mensagens de toda ordem. Por parte de Tales tinham histórias cuja moral era que o trabalho dignificava o homem; que o camponês devia ater-se ao meio rural para o progresso econômico do País; que a natureza tinha de ser cuidada e preservada (ainda que o foco fosse prover a humanidade de recursos naturais), entre outros. Lobato, por sua vez, foi mais questionador e polêmico. Se, por um lado, lutou pelo estabelecimento da realidade nacional, por outro encantou-se com o progresso tecnológico estadunidense, por conta de uma viagem à América do Norte. O modelo de homem por ele defendido era aquele que tinha ação, que não se assustava diante dos obstáculos e utilizava a inteligência para vencer.

Há pontos contrastantes nos textos dos dois autores, especialmente quando falavam do habitante da zona rural. Tales cobria-lhe de adjetivos positivos e os caracterizava como homens, crianças e mulheres de fibra e coragem. Sempre com uma enxada ou livros na mão, os personagens são batalhadores e incansáveis defensores dos governantes

brasileiros. Monteiro Lobato, ao contrário, via no roceiro traços de lentidão, preguiça e falta de ação. Mas os dois tratavam com respeito seus leitores e os colocavam como protagonistas, deixando os adultos como coadjuvantes. Recorrente também era a demonstração de amor à mata, aos animais, às águas – ainda que em Lobato a relação dos humanos com as outras manifestações de vida fosse por meio do realismo fantástico, com, por exemplo, o burro, o jabuti, o leitão e tantos mais que conversavam com as pessoas, entendendo tudo e se fazendo entender.

À luz da teoria das representações sociais podemos imaginar o papel que teve a prosa de ambos, no tocante às questões sobre a natureza e o homem, principalmente na formação de pessoas mais sensíveis à causa ambiental. Quantos meninos e meninas, leitores ávidos dos dois, viriam a tornar-se ambientalistas e simpatizantes do movimento ecológico do Brasil? Quantos, na adolescência e, depois, na vida adulta, passariam a perceber a natureza como um espaço de aconchego e de vida, como a fazenda Recanto Tranquilo, de *A filha da floresta*, e que merecia respeito e cuidado, como ensinava Lobato através das palavras sensatas de dona Benta?

Um exemplo do poder dessas representações sobre as crianças do início do século 20 pode ser visto na trajetória do ambientalista e defensor da natureza Osmar Salles de Figueiredo¹⁰, criador do primeiro borboletário brasileiro. Com mais de duas mil borboletas sob sua proteção, ele mantém forte as lembranças da obra *Saudade*, de Tales de Andrade, com a qual fora alfabetizado. Em entrevista à RAC – Rede Anhanguera de Comunicação, em 25 de março de 2008, respondeu desta forma à pergunta sobre a origem de sua paixão pelo meio ambiente:

Eu fui alfabetizado com um livro chamado Saudade, de autoria de Tales Castanho de Andrade – que mais tarde viria a ser um grande amigo meu. O livro trazia histórias lindas que falavam do campo, das jabuticabas, dos passarinhos. Eu não sei se este livro foi o estopim do meu amor pela natureza, mas **certamente contribuiu para despertar o meu interesse**, tanto é que foi a primeira coisa que me lembrei quando você fez a pergunta. Sou um homem do interior, criado perto do mato e dos bichos. E estou convicto de que o homem terá de retornar para o campo se não quiser entrar em extinção no próximo século.
(grifo meu)

A historiadora Duarte (2004) ressalta a existência de muitos estudos no Brasil que analisam as representações da natureza e consideram as variáveis ambientais como parte das condições naturais. Entre eles, os de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e

¹⁰ Osmar Salles Figueiredo é engenheiro químico e advogado por formação, artista plástico, poeta, repórter, ambientalista e professor. Trabalhou ao lado de educadores como Zeferino Vaz e Tales Castanho de Andrade e de jornalistas como Assis Chateaubriand. Foi diretor do Colégio Técnico de Campinas (Cotuca) e da Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado (Etecap), lecionou Física na Universidade de São Paulo (USP) e se aposentou como professor do curso Estudos dos Problemas Brasileiros, na Universidade de Campinas (Unicamp).

Capistrano de Abreu, para quem a sociedade, a cultura e a natureza estão profundamente imbricadas, sendo indissociáveis as relações natureza–homem.

Sobre isso, Pádua (1987) identifica algumas representações sociais da natureza ao investigar o comportamento socioambiental no contexto da história ambiental: uma delas é a renascentista que, recém saída das trevas da Idade Média, observa com deslumbramento o aspecto pictórico e colorido das matas, dos rios, dos pássaros. É a contemplação e exaltação às belezas naturais, à riqueza e diversidade da fauna e flora, à água em abundância, aos índios perambulando nus e interagindo nesse cenário que retoma o Éden. Tipicamente descritiva, está bastante imbuída do valor informativo da literatura que se fez no Brasil durante a fase denominada Quinhentismo e prestava-se a chamar a atenção para a nova terra. Entre adjetivos que supervalorizam os relatos históricos, a paisagem natural assumia ares de perfeição e harmonia que vão além dos limites da realidade.

No Quinhentismo, por exemplo, fase áurea da “literatura de informação”, destacam-se os textos de Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Souza e Ambrósio Fernandes Brandão, cujo registro tem mais relevo histórico do que literário.

O escrivão Pero Vaz de Caminha, em sua famosa Carta ao Rei D. Manuel, noticia ao Velho Mundo as paisagens e os habitantes da *terra nova*, a Terra de Santa Cruz. Entre elogios à biodiversidade e à pureza dos indígenas, deixa transparecer a ideologia mercantilista, espelho da mentalidade colonizadora da época (Bosi, 1994), evidenciando a preocupação em achar ouro, prata e pedras preciosas, como acontecera nas demais colonizações da América:

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

(...)

Em seguida o Capitão foi subindo ao longo do rio, que corre rente à praia. E ali esperou por um velho que trazia na mão uma pá de almadia. Falou, enquanto o Capitão estava com ele, na presença de todos nós; mas ninguém o entendia, nem ele a nós, por mais coisas que a gente lhe perguntava com respeito a ouro, porque desejávamos saber se o havia na terra.

A imagem idílica da natureza do Brasil vai perdurar por muito tempo, sobretudo nas manifestações literárias seguintes.

Pádua (1987) observa que a expressão máxima da identificação entre o Brasil e a natureza dá-se quando o país recebe o nome da árvore “pau-brasil”¹¹, ao invés de “Terra de Santa Cruz”, este encharcado da ideologia religiosa. Ironicamente, ficou “Brasil”, a árvore mais explorada da história nacional.

Mais adiante, na metade do século 19¹², o sentimento de nacionalismo e valorização das belezas naturais brasileiras vai aparecer no Romantismo, sobretudo na primeira geração, a indianista, cujos escritores de maior relevo foram, na poesia, Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, e, na prosa, José de Alencar.

Bosi (1994, p. 93) menciona que a natureza romântica diferenciava-se da arcade por não ser meramente decorativa, mas expressiva, significativa e reveladora.

Como podemos observar nas duas quadras abaixo, do poema “Canção do exílio”, de autoria de Gonçalves Dias, a natureza do Brasil era a mais bela de todas. Uma terra onde até o canto dos passarinhos soava mais musical, onde havia mais vida e mais flores:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Na prosa de José de Alencar, como bem argumenta Bosi (1994, p. 138), o Brasil ideal consistia em uma espécie de cenário selvagem onde reinariam “*capitães altivos, senhores da baração e cutelo rodeados de sertanejos e peões, livres sim, mas fiéis até a morte. Algo como a Europa pré-industrial, mas regenerada pela seiva da natureza*”.

Ainda segundo Pádua (1987), uma outra representação estaria ligada ao olhar mercantilista, voltado para os lucros advindos da transformação dos recursos naturais em recursos materiais. Com ele teve início a degradação ambiental e a conseqüente desumanização da natureza e desnaturalização do homem. Este estabelece, então, uma

¹¹ Darcy Ribeiro, durante depoimento no documentário “O povo brasileiro”, sobre sua obra homônima, menciona que o Brasil existia muito antes disso, e que, portanto, não passaria de lenda o nome dado por causa do pau-brasil. Diz ele: “Antes do Brasil existir, como é que era o mundo? O Brasil nasce sob o signo da utopia, a terra sem males, a morada de Deus. Há mil anos atrás, tem cartas que falam de uma ilha Brasil. Isso significa que o nome Brasil não vem do pau-brasil não. Isso aqui era Ilha Brasil, que alguns navegantes sabiam, mas um dia os portugueses precisavam fazer uma descoberta oficial, mandando até um escrivão do cartório declarar no cartório que foi descoberto, isso foi em 1500. Mas pré-existia há muito, fisicamente, bioticamente, biologicamente e humanamente, com a humanidade indígena (sic).”

¹² O Romantismo chega ao Brasil em 1836, com a obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães.

relação de dominador frente ao objeto dominado, subjugando o que é natural e apartando-se cada vez mais desse meio do qual era parte integrante.

Ao longo da história da humanidade, veremos esse dualismo. O homem, ora se considera parte do meio natural, ora se coloca como dominador e superior à natureza. Quando, por exemplo, sai do campo (ambiente natural) para a cidade (ambiente artificial), ele perde a qualidade de vida (poluição, alto custo de vida, trânsito, desemprego), mas ganha em facilidades do mundo moderno (lojas, automóveis, cinema). Quando experimenta o progresso, deixa, muitas vezes, de participar da simplicidade e da gratuidade da vida campesina.

Esse talvez seja o maior conflito do homem, desde o início dos tempos: retornar ao meio natural e sentir-se a ele pertencente ou observar, de fora, o ambiente natural, como se este fosse matéria-prima rentável para a manutenção da tecnologia e do conforto artificial. O equilíbrio desses dois mundos é o desafio também do nosso momento presente, e o será nos próximos anos, provavelmente até quando durar a existência humana.

Conforme veremos adiante, com a leitura das obras de Tales Castanho de Andrade e Monteiro Lobato foram se revelando algumas representações sociais da natureza e do meio ambiente importantes para entender a mensagem que os autores transmitiam às crianças.

Para proceder à análise, construí quadros com as seguintes informações: na primeira coluna de cada quadro está uma das categorias identificadas (**Natureza, Relação Natureza-Homem, Campo, Cidade, Progresso, Sustentabilidade**) e as representações. Na segunda, as obras de Tales de Andrade com a transcrição dos trechos em que essas categorias e representações foram encontradas. Na terceira coluna, as obras de Monteiro Lobato.

Além de preencher os quadros, optei por contar a história de cada um dos dez livros escolhidos (cinco de cada autor), para contextualizar a análise e familiarizar o leitor desta dissertação com o universo dos personagens. À medida que conto, e conforme surgem informações relevantes, antecipo meus comentários críticos, para não perder a oportunidade de registrar as observações. Posteriormente, na Parte III, apresentarei os quadros completos e as referidas interpretações dos dados.

Categorias	Tales C. de Andrade	Monteiro Lobato
Natureza	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E

Categorias	Tales C. de Andrade	Monteiro Lobato
Natureza-Homem	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E

Categorias	Tales C. de Andrade	Monteiro Lobato
Campo	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E

Categorias	Tales C. de Andrade	Monteiro Lobato
Cidade	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E

Categorias	Tales C. de Andrade	Monteiro Lobato
Progresso	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E

Categorias	Tales C. de Andrade	Monteiro Lobato
Sustentabilidade	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E	Obra A Obra B Obra C Obra D Obra E

Finalizo a Parte I com uma reflexão que Moscovici (2007, p. 32) faz em sua obra *Natureza – para pensar a ecologia*:

A maior parte das sociedades – e notoriamente as sociedades modernas – formou-se contra a natureza, determinada a explorá-la e a transformá-la pela violência. Uma violência no sentido estrito do termo, na medida em que se pensa e age para dominá-la, combatê-la ou forçá-la. É bom admitir que a técnica e a ciência, o psiquismo, as doutrinas filosóficas, são impregnados por essa separação e esse antagonismo que prevaleceram até aqui. Eu o digo não para dramatizar essa relação, mas para mostrá-la à luz do dia. O único remédio: rascunhar, a partir de nossa própria experiência, aquilo que queremos, o que quer dizer uma sociedade pela natureza, uma visão que permite modificá-la em vista da natureza, uma nova ciência que nos ensina a inseri-la na nossa natureza.

Em seguida, na Parte II, comentarei alguns livros da obra de Tales de Andrade e Monteiro Lobato, sob o ponto de vista das representações sociais.

PARTE II

Antes de tratar dos escritores cujas mensagens serão analisadas, registro algumas observações em relação às palavras que utilizarei ao longo do texto.

Primeiramente, não fiz distinção entre campo, sítio, fazenda, roça, chácara, zona rural, interior, sertão e natureza. Todas são usadas como sinônimos por Tales de Andrade e Monteiro Lobato. Os adjetivos advindos desses substantivos seguem o mesmo preceito. Assim, teremos agricultor, fazendeiro, camponês, chacareiro, lavrador, roceiro e campesino sendo utilizadas indiscriminadamente com igual significado, conforme notamos claramente nos exemplos abaixo. Os grifos foram colocados por mim, para facilitar a identificação:

- Mas no **sertão**, lá na **fazenda** do padrinho Florindo, lá sim, há milhares de aves, grandes e bonitas, de todas as espécies. Segundo ouvi dizer, lá sim, dá gosto de caçar. Perto da casa, no terreiro, na horta, no chiqueirão, no pomar, no pasto e na roça há de tudo (...). E, na floresta, então?! (*Bem-te-vi feiticeiro*, pp. 4-5)

- Viver no **campo**, meu filho, é viver na simplicidade; é viver com a **natureza** e encantado pela natureza. (*A filha da floresta*, p. 17)

- O senhor não calcula, seu Ferraz, o meu arrependimento por ter abandonado a liberdade do **sítio**. Ao vender a **fazenda**, fiz a maior asneira da minha vida. (*Saudade*, pp. 19-21)

- Quando ia à **roça**, sentia um prazer indizível em pisar, de propósito, as plantinhas que nasciam, milho, feijão, arroz... Gostava de malhar as árvores. (*El-rei Dom Sapo*, pp. 46-47)

- Eu sou o Bem-te-vi, rei das aves nestas **matas**. (*Bem-te-vi feiticeiro*, pp. 4-5)

- Em seguida, lá surgia a **floresta**, com as suas árvores altas, seculares; com o seu arvoredado miúdo, juntinho; com a sua vestimenta de muitas trepadeiras. (*A filha da floresta*, pp. 22-23)

- Mário gosta demais do viver **campestre** e tem forte inclinação pelos trabalhos da agricultura. Tem um jeito extraordinário para lidar com plantas e animais. (*Saudade*, pp. 161-162)

- Conhecia todas as **florestas**, inclusive o Capoeirão dos Taquaruçus, **mato** muito cerrado onde Dona Benta não deixava que os meninos fossem passear. (*Caçadas de Pedrinho*, p. 7)

No quadro abaixo, temos uma síntese do que foi mencionado:

NATUREZA = natural	
Substantivo	Adjetivo
Campo	Campesino, campestre, camponês
Sítio	Sitiante
Fazenda	Fazendeiro
Roça	Roceiro, lavrador, agricultor
Chácara	Chacareiro
Zona rural	-
Interior	Interiorano
Sertão	Sertanejo
Floresta	-
Mata	-
Mato, matagal	-
-	Rústico, tosco, caipira, bronco, jeca, matuto

Entretanto, alguns adjetivos, como bronco, tosco e jeca são empregados de maneira pejorativa em determinadas vezes, significando pessoa sem estudo, de pouco conhecimento e sabedoria, de modos acentuadamente simples.

Em oposição aos substantivos e adjetivos mencionados, encontramos as palavras cidade, centros, metrópoles, citadino e urbano. Ou seja, aquilo que não é natural, que não faz parte da natureza, mas que foi construído pelo homem, que é, então, artificial. Em geral, temos o seguinte:

CIDADE = artificial	
Substantivo	Adjetivo
Cidade	Citadino
Metrópole	Metropolitano
Capital	-
-	Cosmopolita
Rio (= Rio de Janeiro)	

E a cidade está quase sempre associada ao progresso, à modernidade. É praticamente um outro mundo, onde os que estão fora especulam e querem entrar, idealizando-o como local de grandes possibilidades.

Por fim, registro que percebi algumas outras representações sociais durante a leitura, e quando achei necessário e interessante para enriquecer a análise, as mencionei, como o que diz respeito à relação das crianças com os adultos, a influência dos Estados Unidos no Brasil e as ideologias de progresso. Embora não sejam o objeto desta dissertação, nos ajudam a ter uma visão mais ampla da época em questão.

Feitas essas observações, escolhi cinco obras de cada autor. Começaremos por Tales de Andrade: *A filha da floresta*, *Saudade*, *El-rei Dom Sapo*, *Bem-te-vi feiticeiro* e *Árvores milagrosas*. Na seqüência, Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho*, *O Saci*, *Caçadas de Pedrinho*, *O poço do Visconde*, *A reforma da natureza*.

4. Tales Castanho de Andrade

Nascido em Piracicaba, São Paulo, em 15 de agosto de 1850, Tales Castanho de Andrade dedicou sua vida à educação do campo. Em suas obras exaltou o meio rural, as belezas naturais, e divulgou a idéia de que o homem precisava aprender a conviver com a natureza para ter paz e progresso, valendo-se, para o desenvolvimento agrícola, de todo o aparato que a ciência e a tecnologia pudessem lhe oferecer, desde que para isso o meio ambiente não fosse agredido. Em linhas gerais, seu pensamento esteve à frente de sua época, ao levar às crianças a idéia de que conservando a terra, as fontes, as matas e os animais, a espécie humana estaria garantindo a sua própria sobrevivência.

Além da pioneira consciência ecológica no Brasil, Tales esforçou-se para despertar nas crianças o nacionalismo, a admiração e obediência ao governo. Em todos os textos é latente o patriotismo e o orgulho pelas raízes brasileiras, que retratava por meio das descrições das festas, comidas típicas, crenças populares e dos costumes regionais. Tudo isso num momento em que os brasileiros não tinham bem definida sua identidade enquanto povo, nação, e tentavam ampliar seus sentidos de pertencimento à coletividade (Sevcenko, 1998).

Mais do que exaltar o País, o autor trazia a explícita preocupação em manter a população rural no campo, produzindo, aprendendo e ensinando o cultivo da terra, e dela retirando seu próprio sustento. Dessa forma, pensava em conter o êxodo para as cidades, que começavam a sofrer com a falta de espaço para a quantidade de pessoas que a elas chegavam cheias de esperança de uma vida melhor, por conta da imagem que os grandes centros urbanos passavam, como pólos de cultura, educação e progresso, principalmente

nas primeiras décadas do século 20, e representavam a oportunidade de mudar de classe social, de crescer economicamente.

Conforme observa Sevschenko (1998), houve um inchaço populacional nas cidades. Atraídos pela oferta de emprego, pela possibilidade de viver com mais conforto, ter condições melhores de saúde e, além disso, ainda desfrutar das diversões que os centros ofereciam, houve um acentuado movimento migratório – tanto de brasileiros vindos do interior como de estrangeiros. Ao contrário do esperado pela massa, a enorme concentração de pessoas acabou pressionando a economia, aumentando as desigualdades sociais e espalhando pobreza pelas ruas.

Num esforço de desmistificar a imagem sedutora dos centros urbanos, Tales fazia com frequência a contraposição das peculiaridades citadinas com as campesinas, sempre chegando à conclusão de que a felicidade obtida na cidade era ilusória, artificial. Isso fica muito claro em trechos como o seguinte, retirado do livro *Saudade*, em que dois personagens (um deles, Raimundo, arrependido por ter se mudado do campo) conversam sobre as vantagens e as desvantagens de morar na cidade:

- Que saudades da fazenda, disse papai suspirando. O senhor não calcula, seu Ferraz, o meu arrependimento por ter abandonado a liberdade do sítio. Ao vender a fazenda, fiz a maior asneira da minha vida.
- Também penso nisso, afirmou seu Ferraz. A cidade tem os seus encantos: ruas bem arranjadas, igrejas, teatros, mercados, iluminação, automóveis, muita gente e tantas coisas boas, mas também tem outras que só nos causam desgosto e dão prejuízos.
- É isso mesmo, continuou papai. Veja o nosso caso. Levamos uma vida trabalhosa e sem esperanças de melhorar. De que me serve a abundância nos mercados, nas lojas e nas vendas, se tudo é a peso de dinheiro? Para que me prestam os belíssimos e espaçosos prédios que vejo por aí, se a casa onde moramos é pequena, abafada e com uns vizinhos importunos e sem educação? De que me valem as festas e os espetáculos, se para freqüentá-los é preciso tempo, dinheiro e boas roupas? Que grande serviço me prestam as praças ajardinadas, se estão longe de minha pobre vivenda? Depois, seu Ferraz... depois, são os filhos a chorar, porque viram, na vitrina da esquina, um cavalinho de vinte mil réis, ou a gritar porque querem sorvete, melado, amendoim, rebuçados, frutas e mil coisas que os quitandeiros inventam e oferecem pela rua, desde manhã até à noite.
- E o senhor não fala do perigo dos veículos em disparada? Lembre-se de que sempre há por aí o caso novo de uma desgraça. É um homem com as pernas quebradas, é uma criança esmagada...
- E as doenças, seu Ferraz?
- É verdade. Só poeira... só a poeira quantas moléstias não espalha! Basta falar da tuberculose. Depois há sempre as epidemias de gripe, de sarampo, cachumba, catapora, dord'olhos, coqueluche... Alastram-se espantosamente.
- Creio que ainda volto a morar no sítio, seu Ferraz.
- Pois faz muito bem. Olhe, seu Raimundo – nem para os ricos é boa a vida da cidade. (pp. 19-21)

Assim, entre prós e contras, prevalecia a imagem da cidade como um local onde relações desiguais eram traçadas, em que o homem estaria em constante exposição ao

perigo e ao lado negativo da modernidade. Indo na contramão do pensamento do início do século, que divinizava a revolução tecnológica e as novas dinâmicas da vida, Tales toma outro rumo e fala a seu público infantil o quanto o meio urbano poderia ser perigoso e ludibriante. Nas frases dos personagens de *Saudade* acima transcritas, o consumismo também é um dos pontos negativos, o que demonstra a preocupação do autor com a influência da publicidade, que aos poucos invadia os lares de seus pequenos leitores por meio do rádio, das revistas e das propagandas.

Nesse aspecto, o homem do campo seria mais feliz, estando *longe* da tentação das vitrines recheadas de produtos, de brinquedos dos mais diferentes modelos e inacessíveis à maior parte dos trabalhadores. Dessa forma, as inovações tecnológicas que transformaram as relações, os costumes, os conceitos, as representações sociais, faziam abundar novos apelos: o apego à moda e a necessidade de segui-la à risca para não destoar do socialmente aceitável, o ato de consumir cada vez mais para preencher um vazio existencial, o aparecimento de chavões capitalistas como o de que “tempo é dinheiro” e “o dinheiro compra tudo”, a submissão doentia ao relógio em detrimento do lazer e do descanso. Disso tudo o homem do campo estaria a salvo, por não precisar trabalhar como escravo para patrões gananciosos, como ocorria na cidade, a fim de comprar o que o capitalismo lhe empurrava como sendo necessário à sua satisfação plena. Na roça tudo era dado, sem que para isso as pessoas tivessem de vender sua vida, sua saúde, as horas livres que poderiam ser empregadas no convívio familiar.

Portanto, para realizar-se e viver em plenitude, o homem deveria voltar às suas origens. Assim, ao invés de buscar prazeres momentâneos em parques de diversões ou entregando-se aos pecados da gula em docerias, as pessoas encontrariam a felicidade duradoura em ações simples e gratuitas – num banho de rio, numa pescaria, numa colheita. Em lugar de lojas e brinquedos industrializados, as crianças poderiam se deleitar chupando laranja ao pé da árvore, cultivando a terra, plantando flores e ouvindo o canto dos pássaros.

Como bem observa Soares (2007, p. 159), uma das maiores mensagens que Tales almejava passar com seus livros era a que o homem não deveria considerar a natureza apenas como fonte potencial de recursos. Ela significaria muito mais que isso se fosse amada e respeitada por todos, constituindo-se em fonte de felicidade, onde haveria paz e harmonia por toda parte.

Outro aspecto que deve ser mencionado é o esforço do autor para manter a ordem e aceitação ao sistema republicano, fazendo-lhe referências sempre positivas, com ações bem-sucedidas do governo. É necessário lembrarmos que a República ainda engatinhava, na tentativa de firmar-se no Brasil.

No citado *Saudade*, há um capítulo intitulado “O Governo”, que ilustra de forma emblemática as intenções republicanas de Tales. Nele, o governo é a personificação do pai, daquele que quer o bem de seus filhos e que ajuda de todas as maneiras a sua prole.

Nós olhamos para dentro da carroça.

- Que porção de jacazinhos engraçados! Exclamou o Juvenal. Veja, Mário.

- Para que tanta muda? perguntei a papai.

- Tanta muda? Isso é apenas o começo, meu filho. Esse é o primeiro pedido que fiz. Pretendo fazer muitos outros ainda.

- Pedidos? Então isso é dado?

- É dado, sim.

- E quem dá presentes assim?

- o Governo.

- O Governo! Então o Governo dá presentes? Que Governo bom!

- Você está admirado? Pois olhe: eu mostrarei como isso é uma coisa muito natural. Olhe Mário: você deve saber que a obrigação dos governantes é fazer tudo quanto seja possível para que as terras prosperem e enriqueçam. Para conseguir tal prosperidade e enriquecimento, buscam todas as maneiras. Ora, uma dessas maneiras consiste em prestar auxílio aos lavradores e criadores. Aqui, meu filho, podemos considerar-nos felizes pelo que os governos vêm fazendo. Fornecem, gratuitamente, mudas de árvores frutíferas, florestais e ornamentais. Remetem sementes selecionadas, de todos os cereais e plantas úteis. Concedem prêmios aos melhores agricultores e criadores. Distribuem publicações em folhetos e livros com ensinamentos sobre plantas e animais. Pagam uma turma de inspetores agrícolas, que percorrem a lavoura, combatendo pragas e modos atrasados de cultura. Não cobram impostos sobre máquinas agrícolas, animais de raça e materiais para adubos. Criam e mantêm escolas superiores de agricultura, aprendizados agrícolas, núcleos coloniais, campos de cultura, campos experimentais, hortos, postos zootécnicos, ensino agrícola ambulante...

- Quanta coisa, papai!

- É isso mesmo. Por essa carroçada de mudas você bem pode calcular. Aí estão 22 plantas frutíferas, de qualidade, enxertadas e prontinhas, 50 mudas de pau-brasil, ipês, primaveras e quaresmeiras, para enfeitar o caminho, desde a porteira até o terreiro, e 100 mudas de eucaliptos, que marginarão o “Guamium”. Tudo isso não me custou um só níquel”. (pp. 104-105)

Tales preocupava-se também com a construção de um mercado livre de trabalho, como bem observa Soares (2007). O campo aparecia, então, como um espaço solidário de superação das dificuldades, destacando-se como eixo na formação social e econômica do País. Com esse intuito, há um engrandecimento da vida rural, que assegura o sustento de todos, sem os fantasmas do desemprego, da fome, da condição de pobreza.

Em um primeiro momento, quando do desabrochar da literatura infantil brasileira, as obras de Tales foram consideradas “literatura escolar”, sendo adotadas como leitura nos colégios do início à metade do século 20, assim como acontecera com Monteiro Lobato e outros grandes nomes. O sucesso de seus livros deveu-se principalmente à delicadeza com que retratou a vida da criança, aproximando a literatura do cotidiano infantil sem recorrer a

temas importados e distantes da realidade dos meninos e meninas do Brasil. Em suas histórias, o autor mostrava conhecer a fundo os encantos da infância,

Nas obras de Tales, as crianças são sempre do sexo masculino e são protagonistas das histórias – seja como vilãs ou exemplos de bondade. Quando malvadas, como o personagem Agapito, de *El-rei Dom Sapo*, passam por transformações interiores e aprendem a viver o bem, após experiências negativas. Existem os tipos ingênuos, que praticam más ações não por terem má índole ou por quererem prejudicar alguém, mas tão somente por desconhecerem que alguns dos atos que cometem desencadearão o mal de outrem, que é o caso dos meninos que, em *Bem-te-vi feiticeiro*, saem mata adentro para caçar passarinhos apenas por aventura, sem pensar que tiram a vida de um ser inocente. O contraponto é feito com personagens infantis que trabalham (como o Raul, de *Saudade*, que cultivava sua própria horta e guardava o dinheiro para investir em um sítio, quando fosse adulto), são prestativos (o Mário, também de *Saudade*) e amam a natureza e todos os que nela habitam (o Sílvio, de *A filha da floresta*).

A seguir, concentrar-me-ei em cinco histórias de Tales de Andrade, nas quais pretendo identificar as representações sociais quanto às questões da natureza e de sua relação com os homens.

4.1 A filha da floresta: contra a devastação das matas

A filha da floresta foi o primeiro livro de Tales Castanho de Andrade, publicado em 1919. Nele o autor aborda um problema já existente à época, embora ainda pouco conhecido e debatido no Brasil do início do século 20: a devastação das matas. A partir de uma abordagem sistêmica, mostra a importância de haver respeito mútuo entre homem e natureza para que o mundo seja próspero e de abundantes recursos naturais, caso contrário, o Planeta inteiro iria padecer, como se o meio ambiente (aqui considerado homem e natureza em interação) seria castigado e sofreria as conseqüências da falta de harmonia e tolerância entre os seres.

No início, o leitor é apresentado ao menino Samuel e a seu pai, um homem descrito apenas como muito bondoso e muito rico. Este, carinhosamente pergunta ao filho o que ele mais desejaria possuir na terra. Diante da incerteza daquele, começa a oferecer várias possibilidades: viver no mar, no ar, na cidade ou no campo.

Qualquer que fosse a escolha, o pai promete apoio incondicional. Se optasse pelo mar, Samuel freqüentaria uma escola da marinha e depois percorreria o oceano, conhecendo os continentes e as gentes de todo o mundo; se preferisse o ar, seguiria para uma escola de aviação e, posteriormente, voaria em um *esplêndido avião* às mais altas

regiões, percorrendo o espaço. Continuando, propõe-lhe estudar na cidade, na melhor escola do Rio de Janeiro, para tornar-se médico, engenheiro, advogado ou qualquer outra profissão que fosse de seu agrado – vale dizer que em 1919, época em que foi lançada a história, o Rio era símbolo da modernidade e do progresso europeu, copiando do Velho Continente os gostos, os costumes, a moda e até mesmo as vitrines.

Sem perceber entusiasmo no filho, o pai lança a última proposta, como que deixando o melhor para o final: “Pois bem, Samuel. Você não se decidiu nem pelo mar, nem pelo ar, nem pelas grandes cidades. Pretenderá viver no campo?”

Samuel, por fim, se interessa e pede ao pai que lhe diga como é a vida no campo, recebendo como resposta uma descrição idílica e de verdadeiro amor à pátria e à natureza:

Viver no campo, meu filho, é viver na simplicidade; é viver com a natureza e encantado pela natureza. Viver no campo é não se importar com o luxo, é não se importar com a fama. Viver no campo é amar as plantas, é amar as fontes. Viver no campo, meu filho, é amar a chuva que faz nascer as sementes e o sol que amadurece os frutos. Viver no campo é amar a tarde, com a sua poesia, a noite com o seu sossego e a aurora com o seu encanto. Viver no campo é amar o trabalho, é produzir, é diminuir a miséria, é amar a Pátria, é amar os homens, é amar a vida. Viver no campo é amar a Deus! Vamos, diga-me com sinceridade: você quer viver assim? (p. 17)

Depois de ouvir palavras tão motivadoras e nobres, o menino decide-se pela vida no campo. O pai recebe a decisão com indisfarçável alegria, e parabeniza o filho por sua *acertada escolha*.

Passado certo tempo, é chegada a hora de Samuel partir da casa paterna e buscar, mundo afora, um campo onde se estabelecer. Ele atravessa várias cidades, vilas, vales, pantanais, até que um dia senta-se para descansar e acaba parando perto de uma nascente de águas puras. Fica admirado com a paisagem, com o *murmúrio das águas, o farfalhar dos ramos e o canto dos passarinhos* (p. 20). Então, surge uma moça muito bela, que de súbito encanta Samuel. Eles começam a conversar e ela, cujo nome era Eunice, conta que mora numa casa muito humilde com seu pai, já bem velhinho, dono daquele lugar maravilhoso.

Meses depois, Eunice e Samuel se casam, e passam a viver nas terras onde a moça morava com o pai. Nesse momento da história, Tales demonstra, por meio da fala do narrador, que o homem que trabalha com afinco e determinação consegue transformar tudo à sua volta, proporcionando melhorias e bem-estar à família. Diz ele:

Com o trabalho de Samuel, por ali, tudo mudou. Aos poucos, como que por encanto, aquelas terras se transformaram numa confortável fazenda, que recebeu o nome de Recanto Tranquilo. Samuel, desde que ali chegara, não parara um só instante. Quis realizar os seus velhos sonhos, quis ver realizado o seu antigo ideal. Seguindo os conselhos de seu pai e com sua força de vontade, fez do Recanto Tranquilo um verdadeiro Paraíso. (p. 22)

E Tales passa a descrever o que seria, para ele, um paraíso (Ilustração 7), ou seja: a perfeita harmonia entre o homem e a natureza; onde a água matava a sede de todos; as abelhas produziam mel; as pessoas eram felizes e agradecidas ao Criador de tudo:

No lugar da pequenina casa, onde Eunice nascera, levantou-se uma bela vivenda. Ao redor, estendia-se um grande jardim, com canteiros de rosas, cravos, papoulas, margaridas, lírios e boninas... Depois, vinha a horta. Em seguida, o pomar, com laranjeiras, pessegueiros, figueiras, bananeiras. Mais além, estava o pasto, tão belo que parecia um manto de veludo sobre a terra. Aí estavam as vacas, os cavalos e as mansas ovelhinhas. Depois, viam-se as culturas de cana, de algodão, de milho... Em seguida, lá surgia a floresta, com as suas árvores altas, seculares; com o seu arvoredado miúdo, juntinho; com a sua vestimenta de muitas trepadeiras. Abaixo da floresta, lá estava a fonte a cantar, jorrando sempre com abundância, para a sede de todos – para a sede dos homens, para a sede do gado, para a sede dos pássaros, para a sede das abelhas e cheiros de flores (...). Ali, tudo era belo, tudo era bom, tudo encantava! A vida corria docemente para Samuel e Eunice, que não se esqueciam de agradecer a Deus a felicidade que lhes concedera. (pp. 22-23)



Ilustração 7: O Recanto Tranquilo

Há um salto de doze anos na história, e o leitor fica sabendo que o casal tivera um filho, Sílvio, criança muito boa, inteligente e querida pelas pessoas e pelos animais. A bondade do menino fica explícita em alguns parágrafos em que o escritor detalha a amizade e o respeito que Sílvio tinha para com a natureza, o que lhe era recompensado com ações também amigas e respeitosas por parte dos animais. Além disso, Sílvio posiciona-se veementemente contra os maus-tratos à natureza, e zela por esta, preservando aqueles que

nela habitam. Assim, protege os ninhos dos pássaros, não usa bodoque¹³ para ferir e matar as aves.

Aos pais, ele obedecia sorrindo. Era delicado para com os empregados. Tratava os animais com carinho. É verdade que subia às árvores como um serelepe, mas nunca tirou um ninho. (...) Era por isso que uma corruíra chegava bem pertinho dele, sem medo, todas as manhãs, catando pulgões e larvazinhas. Era por isso que os patos o rodeavam quando ele ia nadar. Era por isso que o cavalo acudia correndo ao seu chamado. Era por isso que os cães o festejavam... (pp. 23-24)

Numa tarde, Silvio distrai-se com o canto de um sabiá e acaba adormecendo à sombra de um ipê. Então, sonha com a “Filha da Floresta”, uma fada de rara beleza que lhe revela o segredo das fontes, por achar que o menino é merecedor dessa revelação (Ilustração 8):

- Não fuja, bom menino. Não se assuste e nada receie de mim. Sou a Filha da Floresta. Sei que você protege os pássaros, sei que trata bem os animais. Por isso, vendo que você deseja conhecer o segredo das fontes, aqui estou para explicar esse segredo. (...) Pois eu me chamo Filha da Floresta e sou também uma fonte. (p. 26)



Ilustração 8: A filha da floresta

¹³ O bodoque – pequena arma manejada pelas crianças como serventia para abater caças, aves, lagartixas – é um dos primeiros brinquedos citados em narrativa de viagem publicada na Alemanha, em 1820. O bodoque, bodoc ou baducca, ou arco de bodoque, palavra de origem árabe, de *bondok*, é feito de madeira *airi*. É construído com duas cordas separadas por duas pecinhas de madeira. No meio as cordas são unidas por uma espécie de malha, onde se coloca uma bola de barro ou uma pequena pedra redonda. A corda e o projétil são retesados para trás pelo polegar e o indicador da mão direita, soltando-se, abruptamente, para arremessar o projétil. (ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das Crianças no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002).

E ela explica a importância das águas para a sobrevivência das árvores, dos animais, das pessoas, a partir de um raciocínio integrado, em que floresta e fonte atuam dentro de um sistema, cada qual exercendo papel relevante para a manutenção da vida dos seres. Ao longo desse trecho, o autor grafa os substantivos “sol”, “vento”, “nuvem”, “floresta” como nomes próprios, reforçando o caráter animado e personificado dos elementos da natureza. Por fim, a Filha da Floresta pede socorro a Sílvia, argumentando que os homens destroem a floresta e, conseqüentemente, secam as águas:

Em paga da proteção que a Floresta me dispensa, passo a vida inteira dando de beber a todos – aos homens, ao gado, aos passarinhos, às flores perfumosas, às hortaliças e às árvores boas que dão fruto. Mas os homens são ingratos. Os homens destroem a Floresta. E a destruição da Floresta é a minha morte. (...) Ouça: você protege os pássaros, protege os animais. É amigo das plantas. É amigo das flores e das frutas. É a vida do “Recanto Tranquilo”. Pois bem: agora que você conhece o segredo das fontes, bem sabe que a destruição destas matas é a minha morte certa. Ora, a minha morte é a morte dos animais, é a morte das plantas, é a fuga dos pássaros, é a desgraça no “Recanto Tranquilo”. Adeus, Sílvia! (pp. 26-27)

Sílvia corre para falar a seu pai que não desmate nunca o Recanto Tranquilo, mas, ao chegar, ouve a ordem que esse dá a um empregado para derrubar a floresta. As palavras duras atingem de modo certo o menino, que se desespera e tenta impedir a destruição. Mas o pai diz que está decidido, que não mudará de idéia por nada. Nem mesmo o choro da criança é capaz de deter a situação. Começa a derrubada, que é descrita com imagens visuais de forte apelo emocional:

Os braços subiam e desciam sem piedade, os machados calavam nos velhos troncos, arrancando-lhes lascas. A cada instante, o fragor de alguma grande árvore a cair, abafava o pã-pã dos machados. Uma a uma, iam rolando por terra: as perobeiras, os bálsamos, os jatobás, as juçaras, os pequiás, os cedros, os jagatirões, os faveiros, os jacarandás, as maçarandubas, as cabriúvas, os araribás, os cambuís... E enquanto o sol a pino queimava como uma brasa, o horroroso capataz derrubador, sempre a grunhir e a arreganhar a dentuça de cachorro louco, lançou fogo numa touceira. Minutos depois, apareceu a primeira labareda, pequena ainda e medrosa; outras labaredas foram aparecendo, aqui, ali, por toda parte: logo depois, soprado pelos ventos, o fogo se estendeu por tudo, cresceu, tomou conta do terreno, roncou com uma violência de mil demônios, devorou as tranqueiras, torrou a folhada, torrou a galharda, despejou para o céu um mundo de fumaceira negra, estrelejada de faíscas. Era o triste espetáculo! Era a queimada! Árvores que até ali estiveram cheias de vida, cobrindo a terra com a sombra dos galhos e dando-lhe valor, agora, de repente, num instante, se acabavam tragadas pelo fogo que o malvado acendera, surdo às queixas dos galhos, que iam se incendiando em verdadeiros gritos de dor. Que estupidez! (pp. 28-29)

Depois da devastação aparecem as conseqüências, e a natureza reage na mesma medida da maldade humana. O que antes era frescor e abundância transforma-se num cenário dantesco, desolador, onde tudo não passa de brasa, de cinza, de morte. O pomar seca, os cavalos e vacas adoecem. A fonte de águas puras e límpidas agoniza. Sílvio sofre por todos os seres que padecem, e suas últimas lágrimas caem em sintonia com as últimas gotas da fonte. Nesse momento, vendo a sinceridade do sofrimento do menino, a natureza resolve dar mais uma chance à humanidade, e a Filha da Floresta clama por socorro. Pede a Sílvio que percorra, sozinho, um longo trajeto até a Floresta Grande, onde encontrará uma maneira de *ressuscitar* as árvores: “*Você pode. A Bondade tudo pode. Você é bondoso. Vi o quanto você fez para salvar-me. Acompanhei o seu sofrimento... Merece que eu lhe ensine a maneira de ressuscitar as árvores*”. (p. 31)

O menino despede-se de todos e recebe o apoio do pai, que abençoa sua empreitada. Depois de escapar de perigos no caminho e enfrentar anões endiabrados que tentam matá-lo, finalmente chega ao local indicado. Lá ele ganha várias sementes e mudinhas encantadas de plantas. Ao retornar, encontra o pessoal do Recanto em desespero e os convoca a semear, ainda que não houvesse o menor sinal de chuva.

Terminado o trabalho, ocorre um milagre e começa a chover, para felicidade de todos e renascimento da floresta. Tudo volta a ser como era; retornam os passarinhos, as flores desabrocham, a vida, enfim, aos poucos substitui a morte. Nisso, o leitor percebe que tudo não passava de um sonho, e a história é retomada no momento em que Sílvio adormecera sob o ipê florido. Ao notar que não havia acontecido de verdade, o menino se alivia e procura o pai para contar o pesadelo, a fim de evitar que ocorresse de fato. O pai ouve com atenção e promete que nunca fará mal algum à natureza:

Nunca, meu filho. Se eu precisar de madeira, mandarei cortar um ou outro pau, somente. Se eu precisar de lenha, apenas mandarei derrubar uma pequena parte da mata, só o que for verdadeiramente necessário, mas, assim mesmo, plantá-la-ei de outra banda, logo depois. E mandarei revolver e esterçar as terras já aproveitadas para plantações; mandarei revolvê-las e adubá-las para que não se cansem e não fiquem velhas, e, assim, não haja pretexto para derrubar matas, em busca de terras descansadas e novas. (pp. 37-38)

E assim, todos ficam felizes e fazem uma festa para comemorar a floresta, a qual denominam “A Festa da Floresta”.

Conta o próprio Tales Castanho de Andrade, em prefácio à reedição de *A Filha da Floresta*, em 1967, que em 23 de março de 1919, lera esse conto a uma platéia de jornalistas, escritores e educadores de Piracicaba, que se encantaram com a beleza da história, a qual rendeu-lhe inclusive uma valsa composta pelo maestro Benedito Dutra. A obra recebera também comentários elogiosos de Monteiro Lobato, para quem *A filha da*

floresta tratava-se de “literatura genuinamente brasileira”¹⁴. Essa foi a primeira de muitas histórias de Tales para crianças, e que marcaria o estilo simples da linguagem e a temática engajada com os temas ambientais.

A seguir, passo a contar o enredo de *Saudade*, considerada a obra de maior sucesso do autor, e que continua sendo reeditada até hoje.

4.2 Saudade

Este livro conta a história de Mário e sua família, moradores da zona rural que, seduzidos pela idéia de felicidade e progresso da cidade grande (“Às vezes ouvia mamãe dizer que a vida na cidade seria mais alegre e menos trabalhosa”, p. 11), vendem as terras (Ilustração 9) e montam um pequeno negócio em um centro urbano. Porém, acabam se desiludindo com as dificuldades, além de não obterem sucesso com o comércio por causa dos constantes prejuízos com compradores que não saldavam suas dívidas, e voltam para o campo. Lá a vida melhora e a alegria e a abundância retornam à família. Com muito trabalho e esforço de todos, as plantações se multiplicam, e nesse cenário Tales aproveita para tratar de problemas que ocorriam no Brasil rural, como o combate às pragas e o desmatamento, sempre focando a importância da educação para a prosperidade humana.



Ilustração 9: A família deixa a fazenda

¹⁴ Prefácio intitulado “Recordando e Agradecendo”, escrito em São Paulo, em 25 de abril de 1967, quando da publicação de *Encanto e Verdade*, uma coleção com a compilação de obras literárias infantis de Tales Castanho de Andrade. Edições Melhoramentos, p. 5.

Logo que chegam à cidade, Mário decepciona-se com a casa alugada, pois era pequena em comparação à da fazenda, e sem árvores no quintal. Além disso, havia muito barulho nas ruas, bem diferente do silêncio e da calma do campo.

Ao invés de andar à vontade, tinha de estar bem vestido dentro de casa, sempre atento para não riscar o assoalho encerado nem os móveis novos.

Aos poucos, a vida na cidade vai-se delineando como um espaço artificial, onde o dinheiro dita a porção de felicidade a que cada pessoa tem direito – o mais abastado tem o poder de comprar aquilo que as vitrines expõem, enquanto que aos demais resta cobiçar, com *os olhos cheios de gula*, os brinquedos, os doces, as roupas... enfim, as mercadorias que o capitalismo incentivava consumir para ser um indivíduo pleno e realizado.

O dinheiro começa a rarear, e os negócios de Raimundo, o pai de Mário, vão de mal a pior devido às inúmeras compras fiadas e não pagas pelos clientes:

No livro de assentamentos havia um fiado enorme, completamente perdido. Estava todo em mãos de gente velhaca, trampolineira. Dantes, quando possuía a fazenda, tudo parecia *cair do céu por descuido*. Não pagava aluguel de casa, não pagava água, lenha, café, feijão, arroz, batatas, cebola, banha, leite, queijo, manteiga, frangos, ovos, verduras, frutas, flores... Agora? A despesa, já despropositada, crescia cada vez mais. Tudo custava muito dinheiro. Mas não era só isso. Percebia-se explorado pela maioria dos que o rodeavam. Ainda naquele dia arranjara mais um desafeto. E por quê? Somente porque não lhe emprestara certa quantia de dinheiro que estava no banco. Qual! Era preciso mudar de vida. Era forçoso acabar com aquilo. Era necessário gastar menos, senão, ao cabo de algum tempo, chegariam à miséria. (p. 15)

Começa o aperto da família. Os móveis e os objetos de decoração (como o tapete de onça que enfeitava a sala de visitas), tão apreciados pela mãe de Mário, são vendidos para saldar as dívidas, mas a situação fica insuportável a ponto de Raimundo vender o negócio, ficando desempregado. Nessa parte da história, Tales aborda a questão das cidades cada vez mais populosas e sem infra-estrutura para receber e manter todos os que nelas vivem; há muita mão-de-obra para pouca oferta de trabalho – mais uma ilusão que cai por terra: a de que na cidade haveria oportunidades de emprego iguais para as pessoas.

Até parece impossível! Mais de três meses e sem emprego! Papai mexia por toda parte, falava com toda gente. Nada! Diziam que a ocasião era imprópria, davam mil desculpas, aconselhavam paciência. Na primeira vaga que aparecesse, não se esqueceriam dele. Promessas, muitas promessas, mas... só promessas. (pp. 16-17)

Depois de muito tempo, Raimundo consegue um pequeno posto em uma loja de chapéus, mas nem por isso as coisas melhoram em casa. A vida de contenção de gastos

começa a prejudicar os relacionamentos na família, provocando impaciência e irritação, principalmente à mãe de Mário, que passa a fazer todo o serviço da casa, cozinhando, lavando, torrando café, tudo para economizar o suado dinheiro do ordenado do marido. Com as vicissitudes freqüentes, adquire um hábito até então desconhecido por ela enquanto morava no campo: o de pechinchar.

Eu achava engraçado o jeito de mamãe fazer compras. Não adquiria coisa alguma de um lugar sem saber ao certo dos preços em outra parte. Depois não tinha preguiça nem vergonha de *pechinchar*. E, com isso, obtinha quase sempre reduções compensadoras. (p. 18)

Certa vez, a família vai passar o domingo na chácara de uns amigos e Raimundo desabafa com Ferraz, o dono da casa, sobre sua desilusão com a vida na cidade (Ilustração 10). Diz ter saudades da fazenda, da liberdade, da vida tranqüila e sem maiores preocupações. Ferraz concorda plenamente, num diálogo que reproduz de modo enfático a situação vivida no Brasil do começo do século 20, dividido entre as seduções modernas e a estabilidade do campo.

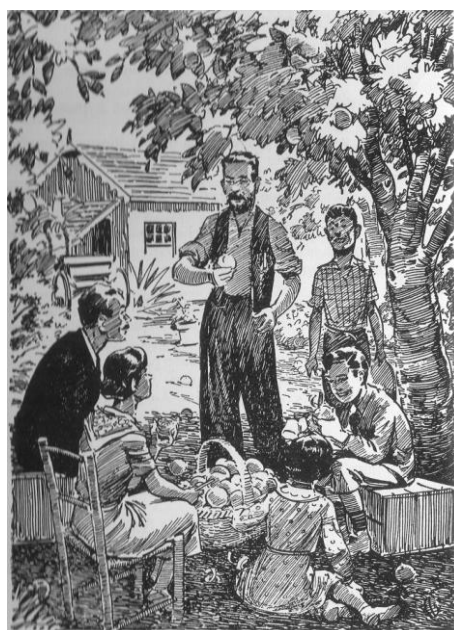


Ilustração 10: Saudades do campo

Mas a sorte começa a voltar para o pai de Mário, que recebe a proposta de comprar um sítio de terras férteis, coberta por uma densa mata e cortada por um córrego. Sabendo que Raimundo não tem dinheiro suficiente para a compra, o dono da propriedade ofereceu-lhe condições especialíssimas de pagamento, pois, segundo ele, era importante que as terras fossem cultivadas a fim de enriquecer o País:

- Olhe, seu Raimundo, nesse caso as terras são suas.
- Como assim?
- O senhor efetua a compra pagando-me a metade ou a terça parte na ocasião, e o resto após um prazo bem largo, cinco anos, por exemplo. Não lhe fica bem?
- Aceito. Aceito e agradeço a felicidade que me oferece.
- Não tem que agradecer. Saiba que essas terras me couberam por herança e que não pretendo cuidar da lavoura. Achei acertado auxiliar alguém que pretenda viver dela. Com isso me favoreço, dispondo de uma coisa morta para mim, favoreço-o também e creio beneficiar a nossa Pátria. Não é nada, mas será sempre uma grande área de terra cultivada, produzindo, enriquecendo o país.
- Vejo o quanto o doutor é bom e patriota.
- Obrigado, seu Raimundo. (pp. 32-33)

Raimundo aceita a generosa oferta e, pouco depois, vai sozinho para a nova propriedade a fim de proceder às primeiras arrumações no sítio (Ilustrações 11 e 12). Tendo passado uma semana envolvido com esse trabalho, conta à mulher, ao retornar, as obras que fizera, entre as quais a derrubada de uma parte da mata para construir a casa, os ranchos, o pasto, a horta e demais culturas. No diálogo dos dois, Tales de Andrade demonstra o cuidado que deve haver para aliar o uso dos recursos naturais com a conservação da natureza, quando Raimundo explica à mulher o porquê de não desmatar a floresta de uma vez só, justificando que o desaparecimento da mata acarretaria a destruição das fontes, a morte das plantas, o empobrecimento da terra.

Após alguns dias, Raimundo leva a família para conhecer o sítio. Logo a chegar, a mãe de Mário percebe a pureza dos ares campestinos e sente-se mais feliz e saudável, assim como os demais, como se uma aura de alegria envolvesse o local. Então, aproveitando a atmosfera mágica, o pai passa a narrar suas obras desde que fora para lá.

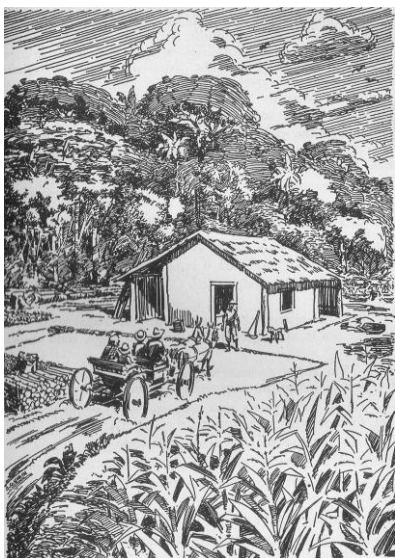


Ilustração 11: A casa provisória



Ilustração 12: A casa nova

O personagem Raimundo é o exemplo do homem correto, digno, que zela pelo bem-estar dos seus e não esmorece diante das dificuldades da vida. Através de suas falas e atitudes, Tales reforça o mérito do trabalhador, daquele que não teme a labuta e que, por isso, é recompensado e vence no futuro. Dona Emília, a mulher, também não faz por menos. Para os moldes patriarcais do Brasil do início do século 20, ela pode ser considerada a companheira ideal. Sempre ao lado do marido, encorajando-o e conservando a família unida. Assim se dá a conversa dos dois:

- (...) Quero mostrar-lhe as nossas terras. Muito já trabalhamos, mas ainda fizemos pouco, diante do que resta a fazer. Se Deus permitir, hei de transformar isso aqui, pouco a pouco, num verdadeiro jardim. Já que nos saiu má a vida na cidade, já que nos dispusemos a residir no sítio para sempre, estou disposto a cercar a nossa morada de todo o conforto possível. Não me falta esperança, nem coragem, para levar avante esta empreitada.
- Pois lhe garanto, Raimundo, que encontrará em mim uma companheira e decidida e pronta para auxiliá-lo a realizar esses dourados planos. (p. 52)

Mais adiante, as boas notícias revelam que a sorte está ao lado de quem se esforça e persegue seus ideais:

- Papai levou-nos à bica.
- Ao pé de uma árvore, vertia um jorro d'água clara.
- Todos bebemos dela.
- Subam nesse toco, disse papai. Poderão ver como as plantações estão lindas. Penso que colherei carradas e carradas de milho e centenas de alqueires de feijão e de arroz. Hei de ter mantimento para o resto do ano e ainda vender tanto que com o dinheiro possa mandar construir uma boa casa de tijolos, espaçosa, alta, assoalhada, forrada e que sirva definitivamente para nossa morada aqui no sítio. (p. 53)

Algo interessante a observar é que, conforme se mostram os recursos naturais, o pai de Mário vai moldando seus planos de benfeitorias e realizando melhorias no sítio, sem danificar nada, com respeito e em harmonia com a natureza:

- Dali fomos ver o córrego.
- Chama-se Guamium, disse papai.
- Repeti esse nome por duas ou três vezes, para retê-lo na memória. Depois observei:
- O tal Guamium é pequeno, mas é barulhento.
- É por ser encachoeirado, respondeu papai. E isso é muito bom. Logo que eu possa, erguerei um paredão ali. Assim haverá no sítio um tanque esplêndido para criação de marreco e poderei assentar uma roda d'água que tocará um moinho. (pp. 53-54)

Passa-se o tempo e a família muda de vez para o sítio. As crianças vão, então, conhecer o grupo escolar, onde começarão a estudar. Lá, Mário dá-se conta de que a idéia

que se fazia na cidade de a escola do campo ser ruim não correspondia à verdade. Tudo era limpo e arrumado com capricho, em perfeita ordem.

- Sabe por que eu estava admirado pela escola?
- Não sei, Mário.
- Disseram-me que no sítio a escola era relaxada.
- Que grande mentira!
- Mentira mesmo. (p. 64)

Em *Saudade* também há diversas partes recheadas de narrações líricas e pueris, capazes de agradar não apenas os que no momento da leitura estão na infância, mas também os que um dia por ela passaram e que lembram, saudosos, desse período mágico em que as preocupações são inexistentes:

O dia 28 de setembro chegou, afinal. Mamãe fez arroz-doce, balas de ovos e mandou comprar duas garrafas de capilé, tudo em homenagem à Rosinha, que era a senhora do dia, pois completava nove anos. Desde cedo, eu e o Juvenal andamos aos trotes, de um lado para outro, no quintal, ajudando a mana nos preparativos para a festa, que seria à tarde, com a presença de muitos convidados. Enfeitamos o nosso rancho com folhagem, vasos, jarros e muitas bandeirinhas. Para servirem de mesas, arranjamos diversos caixões, que cobríamos com papel de seda. Um caixão maior seria o palco, pois discursos, cantos e recitativos faziam parte do programa. Ao meio-dia mais ou menos, a tarefa estava terminada. Então, eu e o primo apresentamos os nossos presentes à Rosinha. Juvenal ofereceu-lhe um livro de histórias, chamado *A Filha da Floresta*, da Biblioteca Infantil. Eu dei-lhe um estojo com agulhas, dedal e uma tesourinha (...). Houve distribuição de figos, de bolos, de pires com arroz-doce, de capilé com água... Quando escureceu e as estrelas foram aparecendo, a festa estava terminada para todos. Só não estava terminada para mim. Tanta mistura eu fiz que fiquei, até tarde, rolando de dor de barriga. (pp. 49-50)

Esses momentos de descontração infantil revezam-se com outros como o do capítulo “A roça do Raul”, em que vemos nitidamente a proposta de Tales para a criança brasileira que vive na zona rural: o trabalho na roça, que irá garantir o futuro da família e o crescimento econômico do País. Nesta passagem do livro, Mário sai a passear e encontra Raul, seu colega de escola, de manhã cedo, com enxada na mão, cuidando de sua própria plantação (Ilustração 13). Assim se dá o diálogo entre as duas crianças:

- Não é roça de papai. É minha roça, respondeu Raul parando. Aqui é assim. Também tenho a minha plantação.
- Você não nos contou nada, hem?
- Palavra que me esqueci. Pois fique sabendo, agora, que só no ano passado, de milho, feijão e arroz colhi e vendi para mais de cem mil réis. E não é só isso. Também crio. Tenho as minhas galinhas, o meu leitão, a minha vaca...
- Seu pai não se importa, Raul?
- Ele até gosta. Procura ensinar-me naquilo em que não estou muito prático.

- E que faz você com o dinheiro?
- Quis dá-lo a papai, ou comprar o que precisasse, mas ele não deixou. Então guardei-o para ir arranjando um capitalzinho, com o qual, algum dia...
- ... você comprará também o seu sítio, não é assim?
- É, Mário. Você adivinhou. É isso mesmo...
- Pois estou enlevado com a sua idéia. Eu também hei de fazer a minha roça e a minha criação. Sei que papai há de gostar. Vamos, Raul, não pare o seu serviço por nossa causa.
- Então, com licença. Preciso aproveitar a fresca da manhã. (pp. 88-89)



Ilustração 13: A roça do Raul

Na seqüência, aproveitando o entusiasmo do menino quanto à idéia de cultivar a terra, Tales apresenta, com detalhes, a revista *Chácaras e Quintais*, de cunho rural. Um marketing com viés didático que incentiva o gosto aos temas voltados ao cultivo, às criações, ao uso dos equipamentos para tirar o melhor da terra:

- A *Chácaras e Quintais*, disse-nos, é uma revista agrícola mensal. Custa 10 mil réis por ano. Por essa quantia ensina muitas coisas à lavoura. Ensina a criar aves, tais como: galinhas, marrecos, perus, pombos e pássaros cantores; a criar abelhas, coelhos, carneiros, porcos, cavalos, cabras, vacas... mandioca, batatas, amendoim, plantas frutíferas, ervas medicinais, hortaliças, flores... É, enfim, um guia indispensável na mão do agricultor que gosta de aprender cada vez mais, e quer plantar e criar pelos métodos mais modernos, por conseguinte mais simples, mais fáceis, mais baratos e mais lucrativos. (p. 97)

Nas páginas seguintes, há um capítulo dedicado à criação de galinhas em que o homem da roça tem sua sabedoria valorizada diante do saber do homem da cidade:

- Na cidade, disse ele, pensam que se cria, arranjando-se uma galinha, um galo, três varas para poleiro, um caixão com palha, uma latinha com água, restos de comida e ... pronto!
- Haverá gente assim? perguntou mamãe.
- Há gente que assim pensa e assim faz. (p. 98)

É a mãe de Mário que se encanta com a revista e resolve investir na criação, já pensando nos lucros que teria: alimentaria a família com os ovos e os frangos e ainda venderia o excedente, aumentando a criação.

Passam-se três anos, e o progresso chega ao sítio (Ilustração 14): encanamentos substituíram as idas e vindas com baldes até a bica, e o telefone tirou a necessidade de os empregados irem à cidade a cavalo dar e receber recados. Além disso, estavam em pleno desenvolvimento o pomar, os jardins, o colmeal, a horta. Tudo conquistado com muito trabalho e esforço da família.

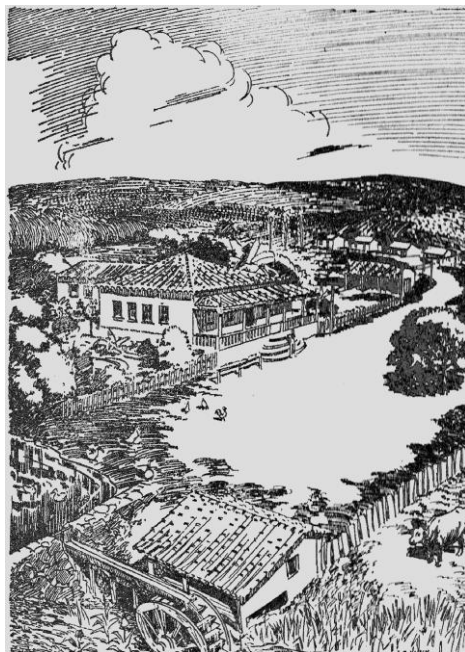


Ilustração 14: O sítio, três anos depois

Aproveitando o sucesso com os negócios do sítio, Raimundo chega à conclusão de que está na hora de o filho escolher uma profissão para seguir. Então, ao conversar com um amigo, diz o seguinte:

- Tenho refletido sobre o que farei de Mário. Gasto horas inteiras pensando nisso e ainda não decidi coisa alguma.
- Ainda não decidiu coisa alguma? E por quê? O seu filho não vai seguir a vida agrícola? Não mostra inclinação pelos trabalhos da agricultura? Não demonstra jeito e gosto pelo viver no sítio?

- Sabe, Sr. Pontes, não decidi coisa alguma, nem sei por quê. Mário gosta demais do viver campestre e tem forte inclinação pelos trabalhos da agricultura. Tem um jeito extraordinário para lidar com plantas e animais. (pp. 161-162)

Então, fala de seu temor sobre o futuro do menino. Para ele poderiam existir carreiras mais rentáveis, com mais vantagens. A resposta do amigo é imediata e peremptória, com Tales colocando na boca do personagem toda a sua crença no poder e na nobreza da agricultura:

- Mais vantagens? Ora, seu Raimundo, por favor, não diga disparates. Pois admite que haja, dentre as carreiras que se acham ao nosso alcance, uma outra que seja mais rendosa, mais honrosa e mais brilhante que a de agricultor? A sua vida, meu amigo, a sua volta à lavoura e o seu próprio sítio “Congonhal” não serão, talvez, a melhor prova em favor do que estou dizendo? Fique certo de que na continuação do seu trabalho proveitoso, seguindo o seu exemplo, Mário encontrará a felicidade e a riqueza e se tornará um cidadão útil e estimado. (p. 162)

E prossegue o autor, pondo por terra a falsa idéia de que os roceiros seriam pessoas sem profissão, sem estudo. Na fala do personagem Pontes, amigo de Raimundo, Tales reforça a importância da agricultura na história do Brasil, mencionando que graças a ela o País pode conhecer a riqueza ao cultivar a cana-de-açúcar e o café.

Aproveitando os elogios à agricultura e a profissão louvável dos agrônomos, o escritor insere no capítulo seguinte um recorte de jornal sobre a Escola Agrícola Luiz de Queiroz. Um texto repleto de frases de efeito, esbanjando patriotismo e exaltando o trabalho no campo. Devido à importância do seu conteúdo, transcrevo, abaixo, algumas partes.

Escola Agrícola Luiz de Queiroz: Festa de Formatura

Conforme noticiamos, efetuou-se ontem a festa de formatura dos agrônomos deste ano, pela Escola Agrícola.

Às 8 horas, sob um céu límpido, claro, prometendo um dia cheio de sol, começaram a chegar à escola as pessoas que desejavam assistir ao plantio da árvore.

Às nove horas mais ou menos, em presença do Vice-presidente do Estado e do Secretário da Agricultura, autoridades locais, Exmas. Senhoras, gentis senhoritas, inúmeros cavaleiros, lentes, alunos da Escola e representantes da imprensa, dois agronomandos plantaram, em um canteiro sito entre o edifício da Escola e o campo de futebol, um guarita, a árvore da turma.

Terminado o plantio, falou um dos agronomandos, que pronunciou um belo discurso.

Disse que a árvore que ali se plantou simboliza o dever que todos temos de engrandecer a Pátria, renovando a sua flora, e constitui uma lição aos que, desapiadadamente, devastam as nossas matas, sem medir os males que esse modo de proceder ocasiona.

À sombra da árvore simbólica da turma, poder-se-ão reunir, em futuro não remoto, os alunos que ora se despedem da Escola, ouvindo o cantar do passaredo aninhado em seus ramos, recordando os tempos descuidosos e felizes de estudantes.

Terminando, o orador pede que seja feita uma reação sistemática, forte e ininterrupta contra o extermínio das nossas matas.

Em seguida, os novos agrônomos se colocaram militarmente em fileira para receber a caderneta de reservista do Exército.

(...)

É da cultura da terra que depende a grandeza do Brasil. E a terra, portanto, que os novos agrônomos devem cultivar, é para ela que se devem dirigir.

(...)

Muito ainda podem fazer os agrônomos e conjura-os não só a se utilizarem dos seus conhecimentos científicos, como também a propagar o amor ao campo, a chamar para ele os homens válidos. **Porque a riqueza é a base de toda organização social e a agricultura é a base de toda a riqueza.**

(pp. 163-165, grifo meu)

Então, Mário parte para a Escola Agrícola, levando sonhos e muita vontade de ajudar o Brasil a crescer. Assim termina *Saudade*, acenando para o estabelecimento no campo como uma forma de também obter riqueza (não apenas nos centros urbanos, não somente nas fábricas e indústrias).

Ao longo de todo o livro há reprodução de poesias que ressaltam os temas abordados na história, como a grandiosidade da natureza e a saudade da infância. São, ao todo, sete poemas de autores como Guilherme de Almeida, Álvares de Azevedo, Ricardo Gonçalves, Canto e Melo, e Camões. A seguir, irei transcrever quatro deles, cujos versos sintetizam a atmosfera que Tales pretendia transmitir em *Saudade*.

Tarde

Oh! Vós que respirais a poeira da cidade,
Jamais entenderéis a doce suavidade,
A música dorida, a estranha nostalgia,
Que vem da solidão quando desmaia o dia!

Vós nunca entenderéis essa rude grandeza,
Essa infinita paz, essa imensa tristeza,
Que sai do coração da mata bruta, quando
Resplandecem no céu os astros palpitando!

É preciso viver longe da turba humana,
Longe do mundo vão, longe da vida insana,
Para sentir, amar, ouvir essa tristeza,
Que exala, ao pôr-do-sol, a maga Natureza.
(p. 78)

Guilherme de Almeida, nos versos de “Tarde”, faz o contraponto que permeia todo o enredo de *Saudade*, que é a oposição do campo (espaço natural) à cidade (espaço

artificial). Diz ele que o homem urbano, que vive de modo insano em um mundo “vão” e poluído, é privado da paz infinita que vem da natureza.

Na poesia abaixo, Álvares Azevedo Sobrinho descreve com grandiloquência os primeiros momentos de uma manhã. Para isso, exagera nas cores, nos adjetivos, e compara os elementos da natureza à jóias (verde campo de esmeralda; áurea luz). Tudo é festa, vida, esplendor. No espaço rural o amanhecer é mágico, límpido, sem poluição, sem turba, sem superficialidades:

Manhã

Rompe a manhã! Nas árvores do monte
Estende o sol o seu dourado manto;
O azul do céu reflete-se no pranto
Do orvalho; tristemente de uma fonte

Por sobre o verde campo de esmeralda
Vai serpeando a límpida corrente,
E da montanha na festiva fralda,
Esbate-se a áurea luz tremulamente.

Sorrindo vem, em fúlgido esplendor,
A primavera derramando flores
E vozes soltas e canções de amor...

E ouve-se, ao longe, em coro, de repente,
O canto dos alígeros tenores
E os galos a cantar festivamente.
(p. 85)

Mais à frente, o poema “A árvore”, de Ricardo Gonçalves, uma voz aconselha o amor às árvores, por elas serem sagradas, cheias de poesia, e propõe uma oração para bendizê-las por tudo o que trazem de benefício aos seres: sombra, morada, perfumes. Os versos a seguir servem de intróito para o capítulo “Pomar”, em que Mário planta uma árvore, pela primeira vez em sua vida, e faz planos de, no futuro, mostrar os pessegueiros que plantara no pomar à sua família.

A árvore

Ama-a; – toda árvore é sagrada –
Ama esta esplêndida morada
De abelhas de ouro e aves gentis!
Busca entender tanta poesia
Da natureza que a bendiz!

Ama-a, na glória matutina,
Entre os vapores da neblina,
Que toda a envolvem, como véus,
Cheia dos prantos da alvorada,
Ou melancólica, estampada

No ouro e na púrpura dos céus...

E reza então: “Bendita sejas
 Por tuas frondes benfazejas,
 Pelos teus cânticos triunfais;
 Por tuas flores e perfumes,
 Pelos teus pássaros implumes,
 Por tuas sombras maternais!
 (p. 118)

A penúltima poesia do livro, “Aves”, de Canto e Melo, é uma ode às aves, a seu canto que enche de alegria os caminhos, os prados, a serra. O poeta diz que elas são “a alma errante das flores mortas”, almas volantes que atravessam os espaços levando seu doce cantar.

Aves

Que seria da paz dos caminhos,
 Ao raiar das auroras suaves,
 Se não fosse a tarefa dos ninhos,
 Se não fosse o concerto das aves?

Ao rigor da canícula ardente
 Quando a brisa se torna em mormaço
 Como é doce escutar a torrente,
 E o gorjeio das aves no espaço!

Cantai, ó aves amantes!
 Cantai no prado e na serra!
 Vós sois as almas errantes
 Das flores mortas na terra.
 (p. 135)

O último poema, inserido depois do encerramento da história de *Saudade*, fecha magistralmente as idéias apresentadas por Tales de Andrade na obra. Os versos de “A vida no campo”, do poeta português Luís de Camões, fazem coro e finalizam a proposta do escritor brasileiro, dando louvores aos que trabalham a terra e dela retiram seu alimento, os que têm a sede saciada pelas fontes, e não se corroem com a ambição de possuir ouro, riquezas materiais. Ao invés disso, sua fortuna é o campo florido, os animais saltitando e a convivência pacífica e harmoniosa com toda forma de vida.

A vida no campo

Oh! Lavradores bem-aventurados,
 Se conhecessem seu contentamento!
 Como vivem no campo sossegados!

Dá-lhes a justa terra o mantimento,
 Dá-lhes a fonte clara de água pura,
 Mudem suas ovelhas cento a cento.

Vive um com árvores contente,
Sem lhe quebrar o sono repousado,
A grã cobiça de ouro reluzente.

Se suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltam.

Ditoso seja aquele que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou.
(p. 170)

Tales de Andrade vai continuar, nas obras seguintes, a construção das representações sociais da natureza, da vida no campo em oposição à cidade, do progresso e do desenvolvimento sustentável, segundo as quais o homem deve fixar-se no meio rural, cultivando a terra. Esse reforço à política ruralista também é percebida nos demais livros do autor. Na seqüência, analisarei *El-Rei Dom Sapo*, que tem como proposta incentivar a proteção aos animais úteis à lavoura.

4.3 *El-rei Dom Sapo*

Logo no início desta história, Tales de Andrade aproveita para reforçar o perfil dos homens rurais como sendo incansáveis trabalhadores. Ao apresentar a beleza e a prosperidade do sítio Campestre, diz ele que quem não conhecesse os donos poderia imaginar que se tratava de gente muito rica para manter a propriedade daquela maneira. Entretanto, todos os cuidados e o zelo vinham das mãos de um casal de velhos lavradores: nhô Fidélis e nhá Vicência, que viviam para o cultivo da terra e a este labor dedicavam seu tempo.

Segundo o narrador, para o casal não havia preguiça ou cansaço. Assim como o ditado “Deus ajuda a quem cedo madruga”, os dois recebiam como prêmio divino a fartura e a formosura do Campestre.

Até que um dia, ao voltarem de uma festa religiosa no povoado, são surpreendidos pelo choro de um bebê que havia sido abandonado à sua porta. Muito piedosos, eles adotam a criança e o batizam com o nome de Agapito. Este, embora tivesse todo amor e carinho por parte dos pais adotivos, revela-se um menino extremamente cruel e de má índole:

Aos nove anos de idade, tornara-se o terror da redondeza. Martirizava os animais inofensivos. Cortara as orelhas e o rabo do Taperá, um cachorro de

estimação, guarda do sítio. Jogara água fervendo no pobre gato, o Caruncho, que morreu com o corpo feito uma ferida. Às vezes, pegava um frango e arrancava-lhe, aos punhados, todas as penas. Esvaziava os cochos para ver as criações padecendo sede. Por todos os cantos do sítio, armava esparrelas, arapucas, visgos, alçapões... Não largava do bodoque. Vivia com os bolsos cheios de pelotas, que atirava aos cavalos, às vacas, aos porcos... Quando ia à roça, sentia um prazer indizível em pisar, de propósito, as plantinhas que nasciam, milho, feijão, arroz... Gostava de malhar as árvores. (pp. 46-47)

Para tristeza dos velhos, o menino não se corrige por nada, não havendo castigo que o endireitasse ou o fizesse mais piedoso para com a natureza.

Há, então, uma pausa na história, e o escritor passa a narração para outro cenário, de mais fantasia, aos moldes de uma fábula, indo para o Brejo Sétimo Reino dos Bons Animais, governado por El-Rei Dom Sapo, animal muito sábio e querido por todos os seres.

Tales insere na história a idéia de que o Homem seria o deus dos animais. Portanto, estes jamais poderiam atacar ou prejudicar os humanos, devendo sempre defendê-los, ainda que, para isso, tivessem que lutar uns contra os outros.

Nesse momento no Brejo, comenta-se que tudo ia muito bem até Agapito surgir nos arredores, tirando o sossego dos pacíficos habitantes. Em sucessivas audiências, El-Rei passa a ouvir reclamações dos atos bizarros cometidos pelo menino, e vê-se diante de uma situação bastante desconfortável: a revolta dos bichos (Ilustração 15).

Chegava Dona Lagartixa, carregada numa padiola e gemendo, contava que o menino lhe havia arrancado um pedaço da cauda. Vinha a Senhora Tico-tico de luto, enxugando os olhos lacrimosos e avermelhados, e descrevia uma triste cena, de cortar os corações. O malvado lhe descobrira o ninho, na forquilha alta do cambará, e, sem lhe atender aos rogos, esmagara-lhes os queridos filhotes. (p. 48)



Ilustração 15: Dona Lagartixa se queixa a El-rei

Mas El-rei Dom Sapo sempre tinha uma palavra de sabedoria, de fortaleza, e tentava apaziguar a situação o quanto podia, argumentando contra os que clamavam por justiça. Justificava que Agapito era homem, ou seja, tinha raciocínio, e que haveria de compreender, um dia, o mal que traria a si e aos seus semelhantes se continuasse a agir daquela forma. Tudo em vão. Muitos, indignados com a situação, resolvem partir para a revanche, e vão até o lugar onde estaria El-rei. Lá chegando, são informados de que Dom Sapo não poderia recebê-los naquela hora. Perdendo totalmente a compostura, invadem a toca do governante e procuram por ele, aos gritos, acusando-o de covardia e traição.

No auge da confusão aparece Agapito, que grita e ameaça um sapo. Os bichos, agarrados de pavor, percebem que o sapo era El-rei, disfarçado de um qualquer, sem os trajes oficiais. Este, então, lhes diz:

Coragem, meu povo! (...) Lancei mão de um plano e quis verificar pelos meus próprios olhos toda a razão das queixas apresentadas. Cheguei bem perto do menino, que estava adormecido. Eu queria escutar-lhe o peito, a ver se nele batia um coração. O bruxo acordou e me perseguiu. Oh! Meu bom povo! Foi uma fuzilaria de pelotadas! Pulando para a esquerda, saltando para a direita, cá estou. (p. 50)

Tendo dito isso, propõe que todos abandonem o sítio, transferindo o Sétimo Reino dos Bons Animais para outro local, onde “o Homem fosse humano” (p. 50). Finalmente, recebe o apoio dos demais, e todos partem do sítio.

Com a debandada geral dos bichos do brejo, o Campestre foi assaltado e invadido por centenas de bichos daninhos. Eram gafanhotos que estragavam os milharais, brocas que furavam canas, mariposas que atacavam o colmeal. Além desses, saúvas, moscas, caramujos, piolhos e muitos outros acabavam com o sítio, espalhando desgraça e feiúra por toda parte. É curioso notar que Tales de Andrade considera a esses seres como “bichos maus”, pois prejudicam o homem. Assim sendo, percebemos uma divisão entre homens bons (que respeitam e protegem a natureza) e homens maus (que acabam com a natureza e a destroem), bichos bons (que cuidam para que o mundo não seja infestado por pragas) e bichos maus (que devastam as plantações e põem a perder todo o trabalho humano). Não há meio termo. Homens e bichos são definidos segundo características bastante marcadas, maniqueístas.

Mesmo com os esforços de nhô Fidelis e nhá Vitória, o Campestre definha. Até que um dia chega ao povoado um homem e diz que, por ordem do governo, toda criança tem de estudar, sob pena de os pais pagarem multa e até irem parar na prisão. Então, o casal vê no ocorrido um sinal de que a escola seria a salvação para consertar Agapito. Conforme observa Soares (p. 160, 2007), a idéia de regeneração pela escola era um mote no Brasil durante os primeiros anos do século 20, tendo os projetos educacionais para o ensino

público a missão de, além de higienizar, disciplinar e moldar os intelectos, fazer isso também com os corpos e os sentimentos das crianças.

Como por milagre, a escola transformou por completo o menino:

Quanta paciência da professora! Que de artifícios ela precisou lançar mão para curá-lo! Mas, cada dia que se passava, era uma pequena vitória alcançada sobre os maus hábitos do menino.

Por fim, como água mole em pedra dura tanto bate até que fura, a brandura é que venceu. Agapito principiou a querer bem aos velhinhos que o criavam. Ficou obediente, dócil. Mas não ficou assim só para com eles. Principiou a ser bom para todos e, a pouco e pouco, tornou-se estimado de toda gente – homens e mulheres, velhos, moços e crianças. (p. 55)

De volta ao Campestre, Agapito encontra um sapo saudoso que havia retornado para relembrar os bons tempos e, ao invés de torturá-lo como o usual, ele fica feliz e o pega em suas mãos, carinhosamente.

Então, o sapo corre para contar a novidade a El-rei. Os bichos desconfiam da repentina mudança e resolvem testar o menino. Um canário e um tangará vão como isca ver o comportamento de Agapito e se surpreendem com o resultado:

O Tangará foi o primeiro que subiu à tribuna.

- Minha boa gente, disse ele, elevando a voz. Chegando ao Campestre, descobri logo o menino. Desenvolvi, então, toda a minha ciência, para tentá-lo. Bem à frente dele, bem junto dele, dancei e requebrei, à vontade. Pois cruzou os braços e ficou enlevado, a espiar-me. Sorria de gosto. Depois, quando abri as asas e voei, suspirando ele disse: - que pena!

O Canário tomou, então, a palavra e disse por sua vez: hoje. Cantei tudo o que eu soube e o que pude, diante do menino. Pois ele me ouviu com um respeito e um enlevo, como ninguém me ouviu ainda. Se não me engano, até chorou! (p. 59)

Transbordando de alegria, todos retornam ao Campestre e enfrentam as pragas, exterminando-as. Finalmente, tudo volta a ser como era antes no sítio: paz, abundância, prosperidade. Com a diferença de que agora Agapito era um moço bondoso e muito querido pelos demais, graças à mudança interior ocasionada pela educação.

4.4 Bem-te-vi feiticeiro

Paulo, Jorge e Marcelo são crianças do meio urbano, às vésperas das férias escolares. Cheios de planos, conversam sobre o que fazer (Ilustração 16). Assim começa esta história, voltada à sensibilização do público infantil para a defesa dos pássaros.

Marcelo, o personagem principal, conta que vai viajar para o sertão, e seu discurso é cheio de agressividade e desejo de caçar e matar passarinhos por pura diversão. Diz ele que na cidade não havia como fazer isso, pois os pelotes e o chumbo caíam nos telhados, nos postes ou na torre da igreja. Além disso, sua mãe não admitia o uso de estilingue. Em contradição, ao mesmo tempo em que expressa suas intenções destruidoras, ele fala das belezas do local, sem se dar conta de que estaria contribuindo para estragar a paisagem, caso viesse a concretizá-las.

- Hão de ver comigo os passarinhos! Hão de ver pelotes e chumbo, sem descanso! É em troca do que sofro na cidade, onde não se pode caçar. (...) Quem puxa um estilingue perto de mamãe? Quem? Nos arrebaldes da cidade, pelos pastos e pelas estradas, há bandos de anus pretos, que são feios, gritadores, sem-vergonha. Quem lhes dá importância? Ninguém! Mas no sertão, lá na fazenda do padrinho Florindo, lá sim, há milhares de aves, grandes e bonitas, de todas as espécies. Segundo ouvi dizer, lá sim, dá gosto de caçar. Perto da casa, no terreiro, na horta, no chiqueirão, no pomar, no pasto e na roça há de tudo (...). E, na floresta, então?! (pp. 4-5)

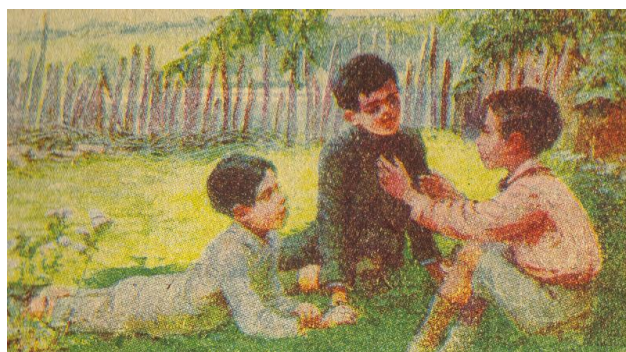


Ilustração 16: Planos para as férias

Ao despedir-se dos colegas, promete trazer presentes como “cigarras, borboletas, bicos de tucano, pedras de crista, plumagem de valor, algum couro de coati”. Provas de sua *bravura* como caçador esperto e que sabe tirar vantagem de sua caça.

Chegando ao campo, Marcelo mostra-se encantado com a vida dos que moram lá. A vida pulsando em cada milímetro da natureza, e tudo era tão belo que até parecia “coisa de outro mundo”.

Como não havia de parecer-lhe assim, se os seus olhos e ouvidos andavam atentos aos milhares de aves, de todos os tamanhos e de todos os feitios, que se faziam ver, por toda parte, e se faziam ouvir, por todos os cantos? (p. 13)

Nem mesmo toda a exuberância faz o menino desistir de caçar, e ele combina sair em companhia do primo Pedro para que ambos possam perseguir os pássaros. Entretanto,

no grande dia da caça, uma chuva forte estraga os planos. Aborrecidos com a falta de sorte, os meninos saem no dia seguinte, escondidos, em direção à floresta, levando uma espingarda e um facão (Ilustração 17).



Ilustração 17: O dia da caça

No meio do mato, Marcelo avista um bem-te-vi e passa a persegui-lo insistentemente, sentindo-se provocado como se estivesse sendo desafiado a um duelo.

- Bem-te-vi! Gritou um passarinho no alto de um jacarandá.
 - Ah! É você que nos viu? disse Marcelo, aprontando a espingarda. Pois vai comer fogo e não nos verá mais. É isso!
 - Bem-te-vi! Repetiu o passarinho, voando para outra árvore.
 - Isso, agora, é desaforo. É demais!
- E os meninos, sem dar um pio, foram andando, pé por pé, até a árvore onde o bem-te-vi, como um endiabrado moleque, parecia desafiá-los. (pp. 15-16)

Os meninos ficam tão entretidos com a perseguição que se distanciam cada vez mais de onde estavam, embrenhando-se na mata fechada. Até que começa a escurecer e a soprar um vento furioso, anunciando uma tempestade. Apavorados e desorientados, pensam que o mundo está prestes a desabar. Então, surge um enorme bem-te-vi, do tamanho de um homem, e começa a falar com eles.

- O pássaro gigante, olhando-os de frente, sem piscar, olhando-os como quem lhes olhasse os corações, abriu devagarinho o enorme bico e assim falou:
- Eu sou o Bem-te-vi, rei das aves nestas matas. Chamam-me Feiticeiro, mas não faço mal a ninguém. Fui criado por Deus e a Deus pertence e obedeço. Sou, por isso, amigo e servidor do Homem. Sou, por isso, meus homenzinhos, vosso amigo e vosso servidor! (p. 21)

Essa fala do pássaro assemelha-se à do sapo El-Rei da história contada anteriormente, em que se justifica a subserviência da natureza, já que o homem foi feito por Deus à Sua imagem e semelhança, numa tentativa de encontrar razão para o domínio da humanidade e a obediência dos demais.

Como a chuva estava cada vez mais forte e assustadora, o rei das aves oferece abrigo aos meninos, levando-os para seu ninho, que nem parecia casa de passarinho, mas de ser humano. Havia panelas, pratos, peneiras, panos, para espanto dos dois. O Bem-te-vi dá aos dois alimento e sacia sua sede: pedaços de mandioca assada e adoçada com mel de jataí. Depois de recobradas as forças, o pássaro pede que os meninos ouçam com atenção ao que tem para dizer (Ilustração 18). Neste instante, Tales de Andrade coloca na fala do Bem-te-vi toda a mensagem do livro, que é a importância dos pássaros para o controle das pragas e alegria dos homens com o seu canto. Mas começa a chorar, explicando que apesar de tantos bens que fazem, não são reconhecidos e, sim, atacados pelos “filhos de Deus”, que lhes tiram a vida e a liberdade sem o menor arrependimento:

- Fracos e inocentes, desprotegidos e sem defesa, somos fortaleza e proteção dos racionais. E que aspiramos em troca de tal dedicação e em paga de benefícios tais? Somente a paz! Apenas respeito às dádivas que Deus nos fez – da vida e da liberdade. Será muito querer? Será pretender o impossível? Violar-no-ão o sagrado direito à vida e à liberdade, a nós que só vivemos para o bem? Sim! O Homem, filho de Deus e rei da criação, no faz a guerra sem tréguas. Sim! O Homem, tendo coração e tendo raciocínio, é quem nos rouba a liberdade por todos os meios, sob desculpas as mais injustas; é quem nos arranca a vida, por todas as maneiras, ainda as mais bárbaras! (pp. 25-26)



Ilustração 18: O discurso do Bem-te-vi

Os meninos ficam com muita pena do Bem-te-vi, principalmente quando lhes diz que se as aves pudessem falar, confessariam aos homens o quanto têm afeição por eles e que muitos benefícios lhes trazem.

Cansados com tantos acontecimentos, os meninos acabam adormecendo. No dia seguinte, passada a chuva, os dois despertam e notam que o Bem-te-vi não estava mais por lá. Por mais que gritem seu nome não obtêm resposta. Até que um tiro soa no meio da floresta e eles temem pela vida do pássaro; à entrada da gruta vêm um velho de barbas

brancas e compridas. Este se apresenta, dizendo chamar-se nhô Pacífico – o dono do local onde passaram a noite e que julgavam ser o lar do Bem-te-vi. Os meninos contam a ele o que acontecera na véspera, mas só conseguem arrancar do velho uma gargalhada. Durante as muitas décadas em que vivia na gruta, nunca tinha ouvido falar nessa história de um passarinho gigante.

Antes de Marcelo e o primo irem embora, nhô Pacífico diz a eles que achava justo tudo o que haviam ouvido do Bem-te-vi:

- Se uma pessoa de bom juízo e de bom coração falasse a respeito dos passarinhos, com certeza, diria, também, isso mesmo que vocês me contaram. Um homem que prende ou mata passarinhos não é bem um homem. É meio bugre. É meio bicho. (p. 33)

Em casa, Pedro e Marcelo contam a experiência e, mesmo sem acreditar no relato das crianças, o padrinho de Marcelo proíbe as caçadas nas terras dele, para felicidade dos dois. Entra a voz do narrador, numa espécie de “resumo da ópera”, e conta, em tom emocionado, a mudança que se promovera no íntimo das crianças: primeiro elas queriam apenas matar os passarinhos pelo gosto de vê-los tombar das árvores ou simplesmente almejavam encarcerá-los em gaiolas, mas, depois de ouvir o desabafo do Bem-te-vi, uma profunda transformação se deu em seu interior, e eles tornaram-se defensores dos pássaros.

Com o fim das férias e a retomada das aulas, os três amigos que conversavam no início da história – Marcelo, Paulo e Jorge – planejam uma campanha de proteção aos pássaros, indo a toda parte para pregar o discurso em favor destes, ganhando cada vez mais adesões.

Bateram-se contra a perseguição das aves todos os mestres da cidade, explicando, com clareza, às crianças e ao povo, todas as justas razões por que era um erro e malvadez o exterminar-se os passarinhos. Os escoteiros, entre a criança, conseguiram o compromisso de que ninguém mais engaiolaria ou mataria um passarinho sequer. As mulheres – meninas, moças ou donas de casa, iam obtendo de seus manos, pais, esposos e filhos a promessa de que jamais se entregariam à bárbara diversão. Os jornais da terra, diariamente, traziam artigos e demonstrações favoráveis à conservação e proteção dos passarinhos. (p. 43)

Assim, até a Câmara Municipal foi tocada pela campanha, criando uma lei bastante rigorosa em defesa dos pássaros. Em comemoração, realizou-se uma grande festa na escola de Marcelo: a Festa das Aves, no terceiro sábado de abril.

Durante o evento, Marcelo subiu ao palco e contou, emocionado, o que lhe havia acontecido nas férias. No momento em que narrava sua experiência no meio da floresta, um

bem-te-vi gigante apareceu ao seu lado, colocando-se de frente para a platéia, que, atônita, os observava (Ilustração 19). Todos estavam muito assustados e custavam a crer que aquilo estava mesmo acontecendo. Então, o bem-te-vi tomou a palavra e repetiu tudo o que havia dito aos meninos quando da aparição do pássaro, e agradeceu a todos pela consideração e solidariedade para com o sofrimento das aves. Abraçando Marcelo, despediu-se, dizendo:

- Em nome da passarada eu vos agradeço a festa que lhe fazem. Os pássaros e os Homens estão aliados. Em nome das aves eu confirmo o sagrado juramento dessa aliança eterna. Este abraço é o selo que a garante. (p. 50)

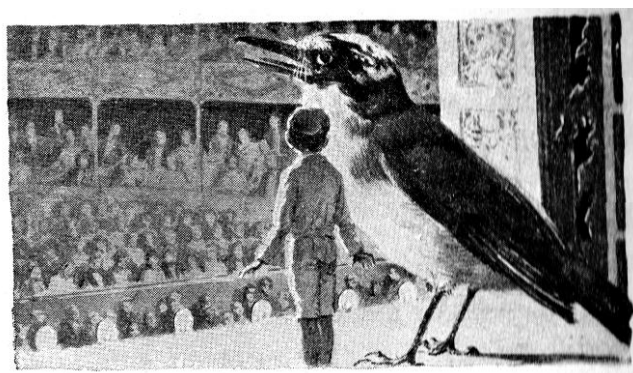


Ilustração 19: Surpresa na Festa das Aves

Depois disso, a ave sumiu por completo, sem deixar pistas. A história termina com uma fala do narrador aos seus pequenos leitores, em que deixa a sua versão para o que se passara na realidade. O texto é informal como uma carta, bastante próxima do leitor, e nele se lê o testemunho de uma pessoa que estava no dia da Festa:

Meus queridos leitores. Sempre fui companheiro e amigo de Marcelo, e sabia, por isso, das suas más inclinações contra os pobres passarinhos. Mais tarde, depois das feiras, quando ele voltou da viagem ao sertão, reparei na mudança por que passara, transformando-se, de repente, em um grande amigo e defensor dos mesmos passarinhos que gostava de perseguir. Achei que isso era uma boa coisa e tive desejos de saber a causa de tamanha reviravolta. Conversei com Marcelo e ouvi, então, de sua própria boca, a maravilhosa história do Bem-te-vi Feiticeiro. Ora, nunca eu soube que o meu amigo fosse um mentiroso, mas, palavra que, por mais que ele me afirmasse ser verdadeira a história que me contara, eu não pude acreditar nela. Não sou como São Tomé, que só acreditava no que via. Até que não sou assim: creio que baleia tem garganta pequena, que há cavalomarinheiro, que o sol é maior do que a terra, e em outras tantas coisas desse jeito. Mas... isso de haver bem-te-vi do tamanho de um homem, e falando como gente? Essa era muito forte! Era mais fácil eu acreditar em bem-te-vis com duas cabeças ou quatro pernas! Olhem: como aluno do grupo escolar, fui à Festa das Aves. Muito antes da hora marcada, lá estava eu, muito firme. Calculem com que cara eu fiquei, diante de mim mesmo, quando, ao lado de Marcelo, apareceu o tal Bem-te-vi. Confesso-lhes que fiquei muito abalado. Fiquei na dúvida. O mundo tinha, mesmo, coisas inexplicáveis!

Mas agora, depois de muito meditar, acho que descobri quem é o Bem-te-vi Feiticeiro! (...) Pode ser que eu esteja enganado, mas... para mim é... Olhem, não contem a ninguém. É segredo... Para mim, o Bem-te-vi Feiticeiro não passa de nhô Pacífico! Como ele arranhou roupa de passarinho e fazia papel de passarinho, isso não sei. Para mim, o Bem-te-vi Feiticeiro é o nhô Pacífico, o guarda do mato, dono da gruta onde havia lanterna acesa, catre arranjadinho e mandioca assada, com mel de jataí...

Nas últimas páginas do livro, Tales de Andrade publicou informações interessantes sobre a vida dos pássaros, a Festa dos Passarinhos e a lei de autoria da Câmara Municipal de Piracicaba para proteção aos passarinhos. Devido ao valor histórico desta, em especial se observarmos a data em que foi assinada – em agosto de 1920 – podemos concluir que já havia um movimento em torno das questões ambientais, independentemente das motivações que fizeram com que fosse criada a lei. Transcrevo abaixo, a título de curiosidade, o teor do documento.

“De ordem do cidadão Fernando Febeliano da Costa, prefeito municipal desta cidade Piracicaba. Os fiscais das zonas Norte, Sul e Oeste desta cidade, para conhecimento de todos, fazem transcrever os artigos 7, 8 e 9 da lei n. 84, de 18 de julho de 1918, que diz:

Art. 7 – É proibida a caça de pássaros, por qualquer meio, bem como a destruição de seus ovos e ninhos, salvo quanto aos pássaros daninhos, no período compreendido de 1 de setembro a 1 de março. Multa de Cr\$ 20,00, dobrada na reincidência.

Art. 8 – Durante a época da proibição da caça, é defeso vender ou comprar pássaros mortos. Multa de Cr\$ 5,00, dobrada na reincidência.

Art. 9 – É proibido:

a) caçar com armas de fogo dentro dos povoados ou a distância menor de 100 metros de seu perímetro.

Do que para constar foi lavrado o presente edital, que vai publicado pela imprensa.

Piracicaba, 31 de agosto de 1920.

Os fiscais: Antônio José Maral, Pedro de Marco, Marcelino A. Ribeiro.” (p. 56)

4.5 Árvores milagrosas

Neste livro, o Quissássa, um velho sítio, agoniza por falta de cultivo adequado em suas terras. O dono, Augusto, fora o desbravador, abrindo o mato, fazendo queimadas e plantando as primeiras mudas. Porém, com o correr dos anos, a produção caiu e o sítio entrou em acentuado declínio – vieram pragas, as madeiras das casas apodreceram, as vacas e os porcos definharam. Nada dava certo, nenhuma semente vingava. E não havia motivo para isso, pois o Quissássa possuía recursos abundantes, com terras fortes e nascentes de água pura.

Quando do falecimento de Augusto, toda a propriedade passou a ser de seu filho, Nhô Lalau que, infelizmente, é vítima de um acidente fatal, e deixa tudo para a viúva Dona Virgínia e seu filho Quinzinho.

Ambos eram muito frágeis e de pouco tino para tocar o sítio, de modo que toda a vizinhança os aconselhava a vender as terras e tentar a vida longe de lá. Porém, o menino sempre rechaçava as propostas e dizia que ele e a mãe nunca iriam se desfazer do Quissássa. Assim justificava:

O sítio é nosso, queremos bem a essas terras. Por que havemos de sair daqui? O Quissássa há de dar para viver. (...) Não faltam palmitos na capoeira, nem bagres, traíras e lambaris nas águas. Não faltam almeirões, carurus, serralhas e taiobas por aí, nem mel e caça no mato. Não se há de passar fome, nem pedir esmola. Deus olhará por nós, mamãezinha do coração. (p. 12)

Então acontece uma reviravolta, e Quinzinho, antes magro e fraco, põe-se a fazer exercícios físicos e a alimentar-se como um atleta, tomando leite de cabra e gemas para ganhar peso e resistência. Com o exercício físico e a nova dieta, o menino torna-se mais corajoso e auto-confiante, e passa a ter muitas idéias para desenvolver as terras do sítio. Uma delas é conseguir pessoas dispostas a morar nas terras e a trabalhar nelas em troca de módicos aluguéis. Tanto Quinzinho como Dona Virgínia animam-se com as perspectivas de crescimento.

Entre os inquilinos estava Tio Gabriel, um africano que havia sido escravo, mas que, apesar da idade avançada, manuseava a enxada e o machado como ninguém. Para completar, ele tinha o dom de contar histórias, atraindo a atenção de todos para ouvi-lo. Com esse personagem, Tales de Andrade homenageia a matriz africana, que tanto contribuiu para a literatura brasileira, conforme mencionado na Parte I desta dissertação. Há que se notar que, ao invés de ser mulher, ele insere um homem como narrador dos *causos*, o que, embora acontecesse, não era tão comum quanto a figura feminina.

Além do seu auxílio no trabalho, e de seus conselhos a propósito das mil pequenas coisas da lavoura, tio Gabriel valia no Quissássa como uma distração para todos. Sabia histórias da África e do Norte, histórias das grandes cidades e dos mares, narrativas de guerra, lendas de bichos e de assombrações, contos de bugres, de fadas, de malfetores... Todas as noites a casa de Tio Gabriel ficava dura de gente para ouvi-lo, e ele sempre contava alguma coisa nova. (p. 16)

Apesar de ser muito bem tratado por todos no sítio, fica nítida a marca de racismo da época, quando os negros eram considerados mercadoria: "*Aquele velho negro tinha sido uma ótima aquisição para a economia de Quissássa*" (p. 16).

Tudo vai bem, até que um dia Tio Gabriel conta a impressionante história de uma árvore com poderes mágicos, capaz de curar doentes, fazer cegos enxergarem, tirar qualquer tipo de dor e sofrimento, bastando, para isso, que o enfermo coma um pedaço de seus frutos (Ilustração 20). Estes, vendidos a preço de ouro, faziam a riqueza do dono. Quinzinho fica encantado ao ouvir do narrador que a história era verdadeira e pede mais detalhes sobre a aparência da árvore. Fica sabendo que a árvore está na cidade de Diamantina e que, a cada quatro anos, no dia 29 de fevereiro, é possível conseguir uma muda da planta.



Ilustração 20: Histórias do Tio Gabriel

Por essa época as plantações no Quissássa começam a verdejar, e crescem o feijão, o, o arroz, o milho. Como tudo estava bem no sítio, o menino decide partir em busca da árvore milagrosa, pois naquele ano haveria 29 de fevereiro.

Depois de cavalgar de sol a sol, Quinzinho chega a Diamantina e resolve parar numa estalagem para descansar. Lá ele comenta com o dono do estabelecimento o motivo de sua longa viagem. Para sua decepção, o hoteleiro lhe diz que a milagrosa árvore não existia mais, e narra o infortúnio da história:

Há alguns anos, em certo arrabalde desta cidade, numa chácara, descobriram uma árvore extraordinária. Contavam que suas frutas, flores e folhas produziam curas prodigiosas. Todo mundo correu em visita à árvore encantada, experimentando-lhe os produtos como remédio para tudo: para dor de cabeça e dor de ouvidos, para dor de olhos e dor de barriga. (...) Ora, a árvore tinha dono. A princípio ele não cobrava nada pelas folhas da sua preciosa planta e só vendia os frutos. Mais tarde, porém, com o incalculável aumento da freguesia, principiou a aceitar que lhe oferecessem dinheiro, a troco de cada folha. Por fim, apenas para deixar que vissem a milagrosa, recebia esmolas. (pp. 34-35)

Então, como castigo para a ganância do homem, que explorava as pessoas e cobrava fortunas por aquilo que a natureza lhe dera de graça, a árvore começa a ser questionada pelo governo, que nomeia cientistas de renome para estudar as propriedades da planta. Com isso, descobrem que a árvore não tinha nada de milagrosa, mas, ao contrário, até fazia mal à saúde. O dono, diante do escândalo, some de Diamantina:

E foi assim que a árvore ficou sem valer nada. Ela já tinha valido de muito... ao felizardo que a explorara, explorando a ignorância e a credence do povo. Os milagres que ela fizera não foram o de curar enfermos, foram outros muito diferentes. Ela encheu de ouro os bolsos de um espertalhão e abriu os olhos de milhares de ingênuos. (p. 36)

Quinzinho resolve partir para o sítio, desolado, sem saber como encarar a mãe e as demais pessoas que tanto depositaram esperanças na árvore. No meio do caminho, um homem misterioso começa a conversar com ele e, ao saber da história, diz que o menino não havia perdido de todo a viagem. Ele diz que Quinzinho não vai voltar para o sítio de mãos vazias, mas que levará uma muda da verdadeira árvore milagrosa – que não cura doenças ou dá frutos de ouro e prata, mas que realiza outros tipos de milagres.

O menino a princípio acha que o homem era louco, mas depois percebe que estava enganado. O viajante diz que a árvore era uma laranjeira baiana, e conta a origem da planta:

Sou norte-americano. Lá no meu país, no estado da Califórnia, é que conheci a árvore milagrosa, uma laranjeira baiana. Foi plantada num lugar chamado Riverside, no ano de 1873, pela senhora Elisa Tibbets. Deu ótimas e belas frutas. Os meus patrícios apreciaram tanto a laranjeira baiana que procuraram, desde logo, multiplicar sem conta aquela árvore preciosa. Hoje, meu amigo, milhões e milhões de laranjeiras fazem o encanto, a riqueza e a felicidade daquelas terras (...). Você há de levar para lá ao menos uma boa muda da verdadeira árvore que faz milagres. Passe por Limeira ou Piracicaba. Ali lhe venderão a muda indicada e lhe darão todos os necessários ensinamentos sobre o plantio e o cultivo da abençoada planta brasileira, que enriqueceu um estado de minha pátria. Vá, creia no que estou dizendo. Faça como Elisa Tibbets. Transforme o seu Quissássa na Califórnia Brasileira, ou antes num laranjal sem fim, que a fortuna e a glória o farão feliz. (pp. 43-44)

De volta ao sítio, Quinzinho fez tudo conforme ensinado. Anos depois, as laranjas cresceram e foram vendidas até para o exterior, fazendo com que os habitantes melhorassem de vida e que o menino e a mãe tivessem fortuna (Ilustração 21). Tudo fruto do trabalho de todos, e não da exploração de pessoas crédulas e ingênuas. Assim, o progresso chega ao sítio: lojas, oficinas, telefone, luz elétrica, cinema e automóveis, e todos vivem felizes com a descoberta de que a cultura inteligente pode trazer a fortuna. Aquela,

sim, era a verdadeira árvore milagrosa, que levava ventura, prosperidade, e ainda embelezava as terras.

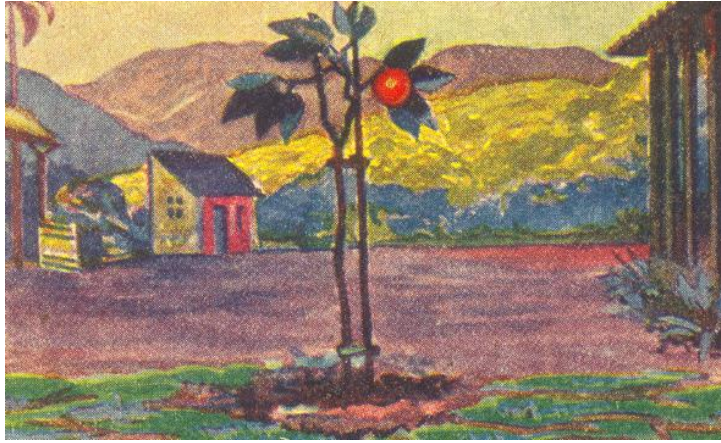


Ilustração 21: Nasce a árvore milagrosa

Com esta história aparentemente leve e despretensiosa, Tales nos leva a refletir sobre alguns pontos, como a exploração indevida da natureza pelo homem, que não gera lucro, mas miséria e perdição. Quando se deixa contaminar pela ganância, prejudicando o semelhante em benefício próprio, o homem acaba sendo castigado de alguma maneira. Outra consideração é quanto ao progresso. Vemos que as pessoas não saem do campo atrás dele, mas é ele quem chega ao campo. Fica, pois, o reforço da idéia de que não é preciso partir para a cidade atrás de conforto e de melhores condições de vida. Se a população souber trabalhar a terra de modo correto, poderá gozar das vantagens da tecnologia sem ter de deixar o meio rural.

E, por fim, a utopia da “Califórnia Brasileira”, ou seja, do crescimento da economia nacional equiparando-se a exemplos bem-sucedidos do exterior, a serem perseguidos e conquistados pelo Brasil.

5. Monteiro Lobato

Maior fenômeno da literatura infantil no Brasil, admirado e respeitado por leitores do mundo inteiro, Monteiro Lobato foi um contador de histórias dos mais preciosos, sensível à escuta da infância e de seus anseios de fantasia numa época em que as crianças eram disfarçadas de adulto, e os livros falavam, em linguagem difícil de entender, sobre coisas que não existiam no País. Com originalidade, ele soube juntar os dois mundos, o real e o imaginário, e conseguiu criar um espaço que resistiu ao tempo e às gerações: o Sítio do Pica-pau Amarelo.

O escritor, nascido em 1882, em Taubaté, São Paulo, teve a oportunidade de vivenciar grandes fatos que mudaram a história do Brasil e do mundo, desde a abolição da escravatura, o nascimento da República, a Revolução de 30, a Era Vargas, as duas Grandes Guerras Mundiais, o lançamento da bomba em Hiroshima e Nagasaki (Coelho, p. 637). Enfim, testemunhou os eventos mais marcantes do início do século 20, sempre almejando aquilo que considerava o progresso da Nação: o crescimento da economia brasileira advinda do petróleo e da industrialização, a exemplo do que ocorria nos Estados Unidos.

Além do desenvolvimento econômico, lutou pela divulgação da cultura e pelo incentivo à leitura. Foi um dos intelectuais que mais se preocupou com a carência de livros que encantassem a infância do Brasil e que pudessem falar um idioma comum sem ser maçante. Em uma das passagens do livro *Reinações de Narizinho*, deixa explícita essa questão:

- Coitada de vovó! – disse um dia Narizinho. – De tanto contar histórias ficou que nem bagaço de caju; a gente espreme, espreme e não sai mais nem um pingo.

Era pura verdade aquilo – tão verdade que a boa senhora teve de escrever a um livreiro de São Paulo, pedindo que lhe mandasse quanto livro fosse aparecendo. O livreiro assim o fez. Mandou um e depois outro e depois outro e por fim mandou o *Pinóquio*. (p. 36)

E a mercadoria era tão rara e escassa que Dona Benta, a avó de Narizinho, tinha de ler aos netos com parcimônia, cada dia um pouquinho, para que sobrassem páginas para os dias seguintes:

- Viva! Exclamou Pedrinho quando o correio entregou o pacote. – Vou lê-lo para mim só, debaixo da jabuticabeira.

- Alto lá! – interveio Dona Benta. – Quem vai ler o *Pinóquio* para que todos ouçam, sou eu, e só o lerei três capítulos por dia, de modo que o livro dure e nosso prazer se prolongue. (p. 36)

Assim mesmo, o livro que conseguem é tradução de um clássico estrangeiro, o Pinocchio, do italiano Carlo Collodi, em português de Portugal. A mais fiel declaração desse momento árido da literatura infantil é feita neste episódio do Sítio:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. (p. 36)

As histórias de Lobato para crianças estão ambientadas no Sítio do Pica-Pau Amarelo, de propriedade da avó de Narizinho e Pedrinho, uma senhora bastante culta e letrada: Dona Benta Encerrabodes Oliveira. Com ela mora a neta Lúcia, mais conhecida como Narizinho – por causa do nariz arrebitado – e Tia Nastácia, cozinheira de mão cheia que acredita em superstições e vive apavorada com as coisas que as crianças aprontam. Também conta histórias do folclore, sobre os terríveis habitantes da mata. Ela é quem fez a boneca Emília, uma bruxa de pano e olhos de retrós, e a deu para Narizinho (Ilustração 22). Mas nem só de personagens femininos é feita a turma do Sítio. Ainda há Pedrinho, o neto de Dona Benta que mora na cidade e passa as férias com a avó e a prima, e o Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho que usa cartola e é muitíssimo inteligente. Os demais personagens aparecem ao longo das histórias; alguns são animais do Sítio, outros são criaturas da mata saídas do folclore (cuca, saci). Há também os que participam esporadicamente, como as princesas dos contos de fada e grandes nomes da história mundial.

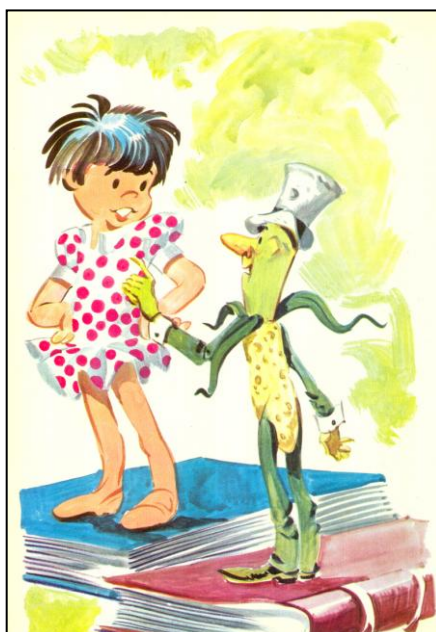


Ilustração 22: Emília e Visconde

O Sítio é um espaço onde todos os sonhos se tornam reais, e onde as crianças são mais espertas do que os adultos. Não há proibições, castigos, imposições dos mais velhos. Pelo contrário, todos falam de igual para igual, sejam pequenos, grandes, humanos, bonecos. Juntos, eles traçam as histórias que querem viver, e vão da lua ao fundo do mar, da gruta do mítico Minotauro à Conferência da Paz, em Berlim.

A relação dos humanos com a natureza dá-se de formas distintas: ora os animais e os vegetais falam e interagem com os adultos e as crianças, ora voltam à sua condição original, sem fantasia, mas longe de serem considerados cenário ou mera paisagem bucólica. E eles têm atitudes e personalidades similares às das pessoas e correspondem, muitas vezes, à imagem que essas fazem a seu respeito: o jabuti é lento, o porquinho é medroso e comilão, a barata é ágil e antipática.

Também é recorrente o emprego do substantivo “burro” de maneira pejorativa, como, por exemplo, em certo trecho em que o Príncipe Escamado pergunta à Narizinho qual seria a utilidade do guarda-chuva e, ao ouvir da menina que o objeto servia para que as pessoas se protegessem da água, ele sugere que o levassem na próxima viagem ao Reino das Águas Claras, para que não se molhassem:

Tanta graça achou a menina nessa pergunta que não resistiu à tentação de agarrá-lo e beijá-lo na testa.
- Você é um burrinho, sabe, Príncipe? Um amor de burrinho...
Como ignorasse o que queria dizer burrinho, o Príncipe não se ofendeu.
(*Reinações de Narizinho*, p. 119)

E também o substantivo “cachorro” como se fosse xingamento: “Seu cachorro! Vá dar informações erradas na casa do diabo!” (*O poço do Visconde*, p. 84), além de “selvagem”: “Dona Benta suspirou. Impossível domar aquela pequena selvagem” (*O poço do Visconde*, p. 30).

Gonçalves (1989, p. 25) comenta que o uso de tais expressões demonstra a concepção de natureza que predomina no Ocidente, como sendo o oposto à cultura. Ou seja, a cultura é algo superior, que controla a natureza. Desse modo, temos a “agricultura”, que significa a domesticação da natureza, das plantações. É a natureza subjugada ao homem. Chamar alguém de burro como sinônimo de pessoa pouco inteligente, ou de porco, para dizer que não tem asseio (os porcos chafurdam na lama), segue a lógica das representações sociais – idéias nascidas em determinado período, no meio de um grupo social, e mantidas pelo imaginário coletivo.

Quanto à vegetação no Sítio, as árvores frutíferas são um caso de amor à parte. No pomar as crianças entregam aos doces prazeres das frutas e passam horas nesse deleite.

Felizmente era tempo de jabuticabas. No Sítio de Dona Benta havia vários pés, mas bastava um para que todos se regaliassem até enjoar. Justamente

naquela semana as jabuticabas tinham chegado “no ponto” e a menina não fazia outra coisa senão chupar jabuticabas. Volta e meia trepava à árvore, que nem uma macaquinha. Escolhia as mais bonitas, punha-as entre os dentes e *tloc!* E depois do *tloc*, uma engolidinha de caldo e – *pluft!* – caroço fora. E *tloc, pluf, tloc, pluf*, lá passava o dia inteiro na árvore. (*Reinações de Narizinho*, p. 38)

Os dois primos dirigiam-se ao pomar aos pinotes. Era lá, debaixo das velhas árvores, que trocavam confidências e planejavam as grandes aventuras pelo mundo das maravilhas. (*Reinações de Narizinho*, p. 52)
Enquanto a boneca se vestia, a menina correu ao pomar em procura de Pedrinho, que estava ocupado em chupar laranjas-lima. (*Reinações de Narizinho*, p. 79)

As árvores também têm um sentido especial para os adultos, além do sabor das frutas e da sombra de sua copa; elas possuem estreita ligação com suas vidas, as lembranças do passado. Dona Benta dizia que cada uma das árvores do pomar remetia a “qualquer coisa de sua meninice ou mocidade e, por essa razão, não permitia que ninguém as cortasse” (*O Saci*, p. 15). À semelhança de animais, que as pessoas adotam como de estimação, as árvores do pomar de Dona Benta tinham donos: as jabuticabeiras eram de Pedrinho; a pitangueira, de Emília; a mangueira de manga-espada era propriedade de Narizinho; os pés de mamão pertenciam à Tia Nastácia. Até o Visconde de Sabugosa possuía um pezinho de romã feio e raquítico. E todos amavam o pomar.

Entretanto, este era apenas um dos mimos de Dona Benta. O jardim também se constituía motivo de orgulho e de paixão para ela:

O jardim ficava nos fundos da sala de jantar, um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta: esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-de-macaco, dois pés de jasmim-do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim-manga. Plantado na calçada e a subir pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer. (*O Saci*, p. 14)

Embora muito do que aconteça quando as crianças estão em contato com a natureza seja fantasia, há momentos em que o autor apela para a realidade, como, por exemplo, quando Tia Nastácia cozinha peixes para o almoço. Apesar de viver aventuras no Reino das Águas Claras e até mesmo tornar-se noiva de um peixe, este fato não impede que, em dadas ocasiões, o peixe nada mais seja do que um alimento a ser comido, sem que, para isso, se façam explicações que justifiquem a transição da fantasia para a realidade. É que Monteiro Lobato conhecia muito bem seu público infantil a ponto de considerar desnecessários tais ajustes que, para as crianças, são totalmente prescindíveis.

Em certos trechos o escritor descreve hábitos do mundo animal e cria respostas para aquilo que os humanos sempre quiseram saber, como sobre o que conversam as formigas quando passam em carreiras e se encostam – quem nunca se fez tal pergunta?

Fazia um sol quente e parado. Nas árvores, um ou outro tico-tico só; e no chão, só formiguinhas ruivas. Para matar o tempo a menina pôs-se a observar o corre-corre delas, esquecendo a briga com a boneca.

- Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena a gente não entender o que dizem...

- A gente é modo de dizer – replicou Emília, porque eu entendo muito bem o que dizem.

- Sério, Emília?

- Sério, sim, Narizinho. Entendo muito bem e, se você ficar aqui comigo, contarei todas as historinhas que elas conversam. Repare. Vem vindo aquela de lá e esta de cá. Assim que se encontrarem, vão parar e conversar.

Dito e feito. As formiguinhas encontraram-se, pararam e começaram a trocar sinais de entendimento.

- Fiquei na mesma! – disse a menina.

- Pois eu entendi tudo – declarou a boneca. – A que veio de lá disse: - “Encontrou o cadáver do grilinho verde?”. A que veio de cá respondeu: - “Não!”. A de lá: - “Pois volte e procure perto daquela pedra onde mora o besouro manco”. Esta formiga que dá ordens deve ser alguma dona de casa lá do formigueiro. Repare seus modos de mandona; está sempre a entrar e sair do burquinho, como quem dirige um serviço. A outra com certeza é uma simples carregadeira.

Havia de ser isso mesmo, porque logo depois chegou uma terceira, muito apressada, que cochichou com a mandona e lá se foi mais apressada ainda.

- Que é que disse esta? perguntou Narizinho.

- Disse que haviam descoberto uma bela minhoca perto da porteira, mas que precisavam de auxílio para conduzi-la. (*Reinações de Narizinho*, p. 45)

Lobato trata de maneira bastante natural o modo como os insetos e demais bichos fazem para sobreviver, narrando, sem apelo emocional, seu comportamento e conseqüente morte. Esta não é poupada aos leitores, mas considerada, de forma normal, como algo que faz parte da vida. Há trechos em que a descrição é naturalista, como se estivéssemos em uma aula de biologia. A curiosidade e o olhar investigativo regem as ações dos personagens.

Teve vontade de libertar a prisioneira, mas a curiosidade de ver o que aconteceria foi maior – e deixou a triste minhoca entregue ao trágico destino. Novas formiguinhas foram chegando, que de um bote – *zás!* – ferravam a minhoca sem dó. Não demorou muito e já eram mais de vinte. A minhoca bem que espinoteou; por fim, exausta, foi moleando o corpo até que morreu bem morrida. As formiguinhas então principiaram a arrastá-la para o formigueiro.

Que custo! A minhoca era das mais gordas, pesando umas sete arrobas – arrobinhas de formiga, e além disso ia enganchando pelo caminho em quanto pedregulho ou capim havia; mas as carregadeiras sabiam dar volta a todos os embaraços.

Depois de meia hora de trabalhadeira deram com a minhoca na boca do formigueiro. Aí, nova atrapalhação. Por mais que experimentassem, não houve jeito de recolhê-la inteira. Nisto apareceu a formiga mandona. Examinou o caso e deu ordem para que a picassem vários roletes. Aquilo foi *zás-trás!* Em três tempos fez-se o serviço e os roletes de carne foram levados para dentro. (*Reinações de Narizinho*, p. 46)

Quando há referências à cadeia alimentar, a mesma naturalidade é usada: “O mundo é isto mesmo. Um come o outro. A Vaca Mocha come as donas Palhas e a gente come as vacas. A vida é um come-come danado! (*Reinações de Narizinho*, p. 81).

O escritor inclui alguns detalhes interessantes sobre as características de seus personagens, como ao mencionar que os besouros eram entendidos em questões de terra, já que viviam cavando buracos, e que por isso o besouro estava tentando descobrir de que era feita a montanha. Essas pinceladas de curiosas informações dão um gosto especial à leitura, acrescentando um quê de científico à fantasia e aproveitando cada oportunidade para ensinar, como acontece nesta passagem: “Um velho caranguejo que tirara uma gorda taturana para valsar, apertou-a tanto nos braços que a furou com o ferrão. A pobre dama deu um berro ao ver espirrar aquele líquido verde que as taturanas têm dentro de si” (*Reinações de Narizinho*, vol. 1, p. 27).

A seguir, veremos *Reinações de Narizinho* e as obras *O Saci*, *As Caçadas de Pedrinho*, *O poço do Visconde* e *A reforma da natureza*. Algumas histórias de *Reinações* foram subtraídas desta análise, pois se tratam de fábulas e contos de fada, excluídos desta dissertação, conforme explicado na metodologia.

5.1 *Reinações de Narizinho*

O maior mérito desta obra de Monteiro Lobato não é ter sido o primeiro livro escrito pelo autor para o público infantil, mas, sim, corresponder ao nascimento da mais impressionante literatura realizada no Brasil, dedicada às crianças, com personagens que em poucos anos viriam a tornar-se grandes amigos de meninas e meninos no País e no exterior. Quantos de nós não sonhamos em visitar o Sítio do Pica-Pau Amarelo e passar horas – talvez a vida inteira, o que não seria má idéia! – em companhia de Emília, Narizinho, Pedrinho, Visconde?

Era 1921 quando a Editora Monteiro Lobato & Cia. publicou a história, com o nome de *Narizinho Arrebitado*, para ser utilizada como leitura escolar, conforme informação constante na capa da primeira edição. São histórias de pura fantasia, onde a realidade e a imaginação não se separam, mas interagem. Na seqüência, abordarei seis delas: *Narizinho Arrebitado*, *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *O Marquês de Rabicó*, *O Casamento de Narizinho*, *Aventuras do Príncipe*, *O Gato Félix*.

5.1.1 Narizinho Arrebitado

A história inicia-se com a descrição, aparentemente melancólica, de uma *velha*¹⁵ de mais de 60 anos sentada sozinha na varanda, com uma cestinha de costura ao colo. Mas o narrador diz que se engana quem pensa que ela é uma figura solitária; ela vive cercada dos que a amam, e sua vida nada tem de monótona. Afinal, são tantas as aventuras por que passam todos no Sítio que seria impossível alguém sentir-se entediado.

Depois, vem Lúcia, a Narizinho, neta de Dona Benta, morena como jambo, bem diferente dos tipos europeus lidos até então. Se fizermos uma comparação com a obra de Tales de Andrade, cujas histórias foram narradas anteriormente, vemos que este não costumava descrever os personagens infantis pela aparência, mas pelo caráter.

Em seguida, Tia Nastácia, apresentada como “negra de estimação” e a boneca Emília, alter ego do escritor (Coelho, 1981, p. 645). Depois dela, uma outra paixão de Narizinho toma forma e colore-se diante do leitor: o ribeirão de águas “*apressadinhas e mexeriqueiras*” (p. 12), que passa pelos fundos do pomar.

Tudo começa com uma soneca tirada por Narizinho enquanto alimentava os lambaris do ribeirão. Seus olhos pesam e ela acaba adormecendo, até que sente cócegas e descobre um peixinho *vestido de gente* na ponta do seu nariz, a conversar com um besouro, também trajado como humano, de sobrecasaca e bengala. Os dois, com muitas medidas e educação, contam o que faziam por aqueles lados. O peixe, que na verdade era o Príncipe Escamado, estava recuperando-se de duas escamas lascadas e, por recomendação médica, havia buscado os “*ares do campo*” (p. 13). O curioso tratamento fora prescrito pelo Doutor Caramujo, que achara indicado o peixe sair das águas para experimentar o ar.

O besouro diz estranhar a consistência do morro (na verdade, é o nariz da menina), que supõe ser de mármore. Os dois permanecem tentando solucionar o mistério daquelas terras até que o besouro cutuca o fundo do nariz da menina, ao que ela responde com um forte espirro, lançando-o pelos ares. Passado o susto, Narizinho se apresenta e diz que ela é quem joga pãezinhos todos os dias nas águas do ribeirão, e o peixe responde que, vista da água, ela parecia ser bem diferente. Então o Príncipe a convida para conhecer o Reino das Águas Claras, em companhia da boneca Emília. A partir daí, inverte-se a situação: da terra para as profundezas das águas. Para tornar mais real a imaginação, Monteiro Lobato enriquece de detalhes a história, colocando objetos interessantíssimos, como a lanterna viva de vaga-lume, para iluminar a gruta escura, e o chão de nácar furta-cor, tão escorregadio que Emília caiu umas tantas vezes.

¹⁵ No começo do século 20, a expectativa de longevidade e de qualidade de vida era bastante distinta da que hoje conhecemos. Daí Lobato considerar Dona Benta uma velha.

Durante a visita, a barata mais famosa do mundo procura o Príncipe para queixar-se da fuga dos seus personagens de suas histórias. Trata-se de Dona Carochinha, uma alusão ao livro *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel, que trazia contos diversos. Lobato aproveita, com isso, para criticar a falta de literatura para as crianças, pois os temas infantis eram sempre os mesmos e repetiam os moldes europeus. No caso, os personagens da barata contadora de histórias estavam fartos de viverem sempre as mesmas aventuras, sem renovação.

E novidade é o que não falta na obra do autor, como a bonita narração sobre a Dona Aranha, costureira do Reino, que fora incumbida pelo Príncipe de fazer um vestido deslumbrante para Narizinho participar do baile. Este, feito de teia cor-de-rosa com estrelinhas de ouro, ficou ainda mais bonito com os adereços: diadema de orvalho, braceletes de rubi, anéis de brilhantes do mar, fivelas de esmeraldas do mar e uma grande rosa do mar no peito. Para finalizar a produção, Dona Aranha salpica o vestido com o pó de borboleta furta-todas-as-cores. O resultado foi tanta beleza que o espelho se quebrou de alto a baixo. Era o encantamento que se desfazia. Quando nascera, uma fada má havia jogado sobre ela a maldição de ser aranha e costureira a vida toda. Porém, uma fada boa conseguiu desfazer a magia, dando-lhe um espelho que seria sua libertação. No dia em que ela fizesse o vestido mais lindo do mundo, a ponto de o espelho se quebrar, deixaria de ser aranha e poderia escolher o que quisesse ser. E assim acontece, mas Dona Aranha decide continuar aranha para o resto da vida, partindo da seguinte *lógica*:

Acho melhor ficar no que sou. Assim, manca duma perna, se viro princesa, ficarei sendo a Princesa Manca; se viro sereia, ficarei sendo a Sereia Manca e todos caçoarão de mim. Além do mais, como já sou aranha há mil anos, estou acostumadíssima. (p. 25)

Chega a hora do baile e Narizinho observa, com atenção, as curiosas criaturas convidadas para a festa. Até pássaros se deleitam no Reino:

Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo. (p. 26)

Acontecem fatos inusitados durante a estada de Narizinho, mas talvez o principal seja a pílula falante que é dada à Emília para acabar de vez com a mudez da boneca.

Narizinho Arrebitado termina com Emília surpreendendo Dona Benta e Tia Nastácia com seu falatório:

A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental.
 - Que é, sinhá? – perguntou.
 - A boneca de Narizinho está falando!...
 A boa negra deu uma risada gostosa, com a beijaria inteira.
 - Impossível, sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê.
 - Mangando o seu nariz! – gritou Emília furiosa. – Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o Doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?
 A negra abriu a maior boca do mundo.
 - E fala mesmo, sinhá!... – exclamou no auge do assombro. – Fala que nem uma gente! Credo! O mundo está perdido...
 E encostou-se à parede para não cair. (p. 33)

E assim termina o capítulo, com o espanto de Dona Benta e Tia Nastácia diante da boneca que agora fala.

5.1.2 O Sítio do Pica-Pau Amarelo

Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Emília estão felicíssimas com a chegada iminente de Pedrinho, neto de Dona Benta, programada para a próxima semana. Pedrinho também é criança, tem 10 anos, e, portanto, *fala a mesma língua* que Narizinho; por isso há coisas que a menina só comenta com ele – e não com os adultos, por saber que ninguém acreditaria em suas palavras. (“*Para Pedrinho, sim, posso contar tudo, tudo...*”, p. 37).

A ansiedade pela visita de Pedrinho podia ser aliviada com uma outra notícia muito boa: era tempo de jabuticabas, e as jabuticabeiras estavam carregadas. Quando isso acontecia, Narizinho trepava nas árvores e compartilhava os prazeres das frutas com abelhas e vespas, além do porco Rabicó, que ficava ao pé das jabuticabeiras, esperando que alguma caísse perto. Tão envolvida estava que, quando se deu conta, a língua havia sido mordida por uma vespa que comia da mesma jabuticaba. Narizinho deu um enorme grito e cuspiu longe a vespa. Esta agoniza e acaba morrendo, conforme narra Emília:

Ela ficou ainda quase uma hora metida dentro da casca, toda arrebetadinha, movendo ora uma perna, ora outra. Afinal parou. Tinha morrido. Vieram as formigas cuidar do enterro. Olharam, olharam, estudaram o melhor meio de a tirar dali. Chamaram outras e, por fim, deram começo ao serviço. Cada qual a agarrou por uma perninha e, puxa que puxa, logo a arrancaram de dentro da jabuticaba. E foram-na arrastando por ali afora até a cova, que é o burquinho onde as formigas moram. Lá pararam à espera do fazedor de discursos. (p. 41)

Entre o enterro da vespa e uma pescaria em que Emília consegue pegar uma traíra, Pedrinho chega da cidade, e na estação já o espera o cavalo pangaré, seu preferido. De férias do colégio, ele vem sozinho, de trem, para ficar um bom tempo em companhia da vó e da prima.

Um pensamento de Pedrinho sobre Narizinho deixa clara a distinção que havia entre as pessoas da roça e as da cidade, especialmente sob o aspecto cultural e intelectual: *“Aquele prima, apesar de viver na roça, estava se tornando mais esperta do que todas as meninas da cidade.”* (p. 51)

Já acomodado e tendo contado as notícias da cidade, Pedrinho fica sabendo das aventuras vividas pela prima e por Emília no Reino das Águas Claras e se empolga com a fuga dos personagens dos livros infantis.

No dia seguinte as duas partem com Rabicó para o Reino das Abelhas, a convite destas. Mas, no meio do caminho, são surpreendidas por uma quadrilha de lagartos assaltantes comandada por Tom Mix, famoso *cowboy* do cinema, ídolo de muitos meninos à época. Lobato faz uma sátira ao colocar o herói como líder do bando. Narizinho só consegue se livrar dele porque arranca macela da perna de Emília e o engana, dizendo ser ouro, e o bandido sequer desconfia.

No Reino das Abelhas, Narizinho maravilha-se com a organização de todas as abelhas e com o regime de igualdade entre elas, e lamenta não ser assim no mundo dos seres humanos.

- Faça o favor, senhora abelhinha, de nos dar uma informação. Quem é, afinal de contas, que manda neste reino? A rainha?
- Não senhora! – respondeu a abelha. – Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto somos perfeitas. (p. 66)

A natureza, sábia, tem muito a ensinar àqueles que julgam saber de tudo; segundo a menina, nela não havia pobreza, aleijados, cegos, mas Emília discorda, lembrando ter visto um besouro manco que pede esmolas. Porém, Emília está no seu papel “de ser Emília”, ou seja, de contestar tudo. Entretanto, dá o braço a torcer, e lamenta não ser abelha:

Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem gente e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colméia daquelas, toda a vida ocupadas num trabalho tão lindo como esse de recolher o mel e o pólen das flores... (p. 67)

Depois de pedir às abelhas uma prova do mel de flores de jabuticabeira e um pouco de cera bem branca para levar à Tia Nastácia, Narizinho voltou para o Sítio. Mas lá tem uma

triste surpresa: Tia Nastácia havia se transformado em uma galinha preta, e Dona Benta em uma tartaruga. Felizmente, era tudo sonho.

5.1.3 O Marquês de Rabicó

Nesta história, Lobato conta como o leitão Rabicó, cujo nome se deve à sua cauda diminuta, conseguiu notoriedade no Sítio, desde o nascimento com mais seis irmãos leitõezinhos. O leitor embarca na narração, enchendo-se de carinho pelos sete leitõezinhos até que há um estranhamento, uma quebra na leitura, e fica sabendo que o destino dos gordinhos leitões é o forno:

Vida de leitão no Sítio do Pica-Pau Amarelo não é das mais invejáveis. Está o lindo animalzinho brincando no terreiro, feliz, gordo como uma bola. Dona Benta olha e diz:

- Tia Nastácia, a prima Dodoca vem jantar hoje aqui. Acho bom pegar “aquele um”! – e aponta para o coitado.

A negra vai ao paiol, toma uma espiga de milho e grita no terreiro – xuque, xuque, xuque!

Os bobinhos ouvem e vêm correndo atrás do milho que ela começa a debulhar, e comem, comem, comem. De repente a malvada se abaixa e – nhoc! – segura pela perna o tal “aquele um”. E pode o coitadinho espernear e berrar quanto queira! Não tem remédio. Vai arrastado para a cozinha, onde é assassinado com uma faca de ponta.

E se fosse só isso! Depois de assassinado é pelado com água fervendo, é destripado, temperado e, afinal, assado ao forno. Na hora do jantar reaparece na mesa, mas muito diferente do que era. Vem num grande prato, rodeado de rodela de limão, com um ovo cozido na boca. E ninguém lamenta a sorte do coitadinho. Todos tratam mais é de cortar o seu pedaço e comê-lo gulosamente, dizendo:

- Está delicioso! (p. 76)

Rabicó escapa, mas chega um dia em que Dona Benta resolve assá-lo para o jantar de aniversário do neto. Narizinho ouve a avó combinar o menu com Tia Nastácia e esconde Rabicó, bem longe, ao pé de uma árvore. Tia Nastácia não o encontra, mas diz que do Ano-Novo não escapará. Narizinho, então, resolve casar Emília com o leitão e, para convencer a boneca, disse ser este um príncipe transformado em leitão por uma fada. Para confirmar sua invenção, ela e Pedrinho arrumam um sabugo de milho e dizem para a boneca que este é o Senhor Visconde de Sabugosa, pai de Rabicó, que confirma toda a história.

Às pressas, realiza-se a cerimônia de casamento com a presença das pessoas do Sítio e de algumas pedras, tijolos e paus representando os ausentes. Mesmo os animais são convidados e observam de longe.

Tudo corre bem até à hora dos cumprimentos, quando Rabicó avança sobre a mesa dos doces e foge enlouquecido com uma cocada. Pedrinho, irritado com a descompostura do noivo, confessa à boneca que tudo não passou de uma mentira.

No Ano-Novo, Tia Nastácia capricha nas comidas: pastéis, frangos assados, peru recheado e... leitão! Ao ver a travessa, Narizinho começa a chorar e diz a Pedrinho que se trata de Rabicó. A única feliz no jantar era Emília, julgando-se viúva do guloso. Mas, na realidade, não era Rabicó. Este, ao contrário do que todos pensavam, fora muito esperto e, escutando os planos de Tia Nastácia, vai para bem distante e no caminho encontra um porquinho muito parecido com ele. Então, tem uma ardilosa idéia, mentindo para seu sócia que havia deixado vários pedaços de abóbora no Sítio. O coitado do leitão acredita e acaba na bandeja. Surpreendentemente, Rabicó não era tão bobo quanto parecia.

5.1.4 O Casamento de Narizinho

Enquanto isso, nas profundezas do Reino das Águas Claras, o Príncipe Escamado padece de uma doença grave, mas curável: *narizinho-arrebitadite*, ou seja, paixão aguda pela neta de Dona Benta. Aconselhado pelo Dr. Caramujo, resolve pedir a mão da menina em casamento.

Neste capítulo, além das aventuras maravilhosas vividas com detalhes no fundo do mar, Lobato enfatiza a importância dos livros para a formação cultural. Para isso, utiliza a figura do Visconde, sabugo de milho, que, ao cair atrás da estante da biblioteca do Sítio por três semanas, acaba lendo todos os livros disponíveis e ficando muito culto. Em várias passagens, o autor reforça o letramento:

Vovó sabe porque lê nos livros e é nos livros que está a ciência de tudo. Vovó sabe mais coisas do mar, sem nunca ter visto o mar, do que este Senhor Caramujo que nele nasceu e mora. Quer ver?
E voltando-se para o ilustre doutor:
- Diga, doutor, qual é o seu nome científico? (p. 100)

Como se o leitor estivesse também mergulhando em direção ao Reino das Águas Claras, onde até Emília – que não sabe nadar – consegue respirar debaixo d'água, o escritor aguça a curiosidade infantil diante da multiplicidade de espécies, dando mostras da biodiversidade marinha. Imaginemos o espanto que isso causava nas crianças, pois na época em que o livro foi lançado o fundo do mar era um mistério para os pequenos:

Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. (pp. 105-106)

Entre os impressionantes seres estava a lula que, por possuir um saco de tinta dentro de seu corpo, era a escrevente do Reino. Lobato não perdia nenhuma oportunidade para ensinar:

O Doutor Caramujo mandou chamar uma Senhora Lula, à qual disse:
- A senhora, que é a escrevente do mar, porque tem dentro do corpo uma pena de osso e um tinteiro de tinta, faça uma carta bem bonita pedindo a mão de Narizinho para o nosso amado Príncipe. (p. 93)

Depois de muitas confusões (Rabicó fica preso nas garras de um polvo e é salvo por peixes-elétricos, que acabam electrocutando a *fera*), Narizinho e o Príncipe Escamado se casam, com todas as pompas e circunstâncias próprias, faltando apenas a coroação. Mas a coroa do Príncipe desaparece, e a cerimônia acaba em uma grande confusão. No Sítio, Emília diz à Narizinho ter visto Rabicó comendo a coroa.

5.1.5 Aventuras do Príncipe

Sentadas à sombra de uma jabuticabeira, Narizinho e Emília ouvem um miado muito semelhante ao do Gato Félix, do desenho norte-americano de muito sucesso entre o público infantil. Lobato o insere, assim como fez com Tom Mix, criando um divertido e inusitado intercâmbio de estrelas estrangeiras com os personagens do Sítio.

O Gato surge diante das duas e diz que está no Brasil para fazer uma pesquisa sobre ratos a fim de descobrir os mais gostosos do mundo. Conta que estava indo a toda parte, inclusive ao fundo do mar, e que trouxe de lá um recado do Príncipe Escamado para a menina. Na mensagem, o Príncipe agendava para aquela tarde uma visita ao Sítio a fim de conhecer Dona Benta e os demais.

Narizinho resolve fazer uma surpresa e não conta nada para a avó. Quando chega a tarde, Tia Nastácia chega à porta e quase morre de susto ao ver uma comitiva de peixes, caramujos, conchas e muitos outros seres do mar. Para decepção do Príncipe, Dona Benta e Tia Nastácia quase morrem de susto e custam a recuperar-se, só se acalmando muito tempo depois.

Com o correr das horas, Tia Nastácia perdeu o medo dos bichos ao ver que não mordiam. Tanto que fez amizade com Miss Sardine, uma sardinha norte-americana, mostrando a cozinha pacientemente. Já Dona Aranha encantou-se com os objetos de costura de Dona Benta, menos com a máquina de costura. E Lobato coloca na boca de Emília uma comparação da máquina com a natureza, quando diz o seguinte à Aranha costureira:

- Muito pesada e complicada – disse para Emília, que era a mostradeira de tudo.
- Vendo-se só com a Aranha, a boneca regalou-se de fazer quantas perguntinhas quis.
- Acho muito mais bonito esse seu sistema de trazer o carretel dentro da barriga – disse ela. – Só não compreendo como a senhora faz para engolir um carretel...
- Eu não engulo carretéis, menina – explicou a Aranha. – Nós nascemos com o carretel dentro. (p. 124)

Ao falarem de comidas, a Aranha explica que no mar as coisas são diferentes: lá cada um come o outro. Enquanto conversam, ela não perde tempo e vai cerzendo uma meia. Vendo a perfeição da costura, Emília diz à Aranha que esta poderia ficar rica, caso se mudasse para a cidade, mas a costureira pergunta o que faria com o dinheiro. Emília, sem saber o que retrucar, diz que Pedrinho sempre fala que é bom ter dinheiro. Mas o assunto não vinga.

Fora da casa, Narizinho leva o Príncipe para conhecer a vaca mocha, um grande mistério para ele, que nunca ouvira falar sobre tal bicho, e faz perguntas a respeito da aparência da vaca:

- E que é isto que ela tem pendurado aqui embaixo?
- São as tetas – explicou a menina. – Teta quer dizer torneirinha de leite. Tia Nastácia espreme essas tetas para tirar uma água branca chamada leite. Todas as manhãs eu tomo um copo desse leite bem quentinho e espumante, tirado justamente dessas torneirinhas. (p. 129)

As muitas outras questões do Príncipe são respondidas de forma tão criativa quanto essa das tetas, até que a vaca dá um mugido e quase o mata de susto, provocando-lhes desconfortáveis palpitações. E ao entrarem na casa, um novo baque: Miss Sardine tanto mexeu nas coisas da cozinha que acabou desequilibrando-se e caiu numa frigideira. O Príncipe não resistiu e desmaiou de susto.

Nos textos de Lobato para crianças, até as situações mais dramáticas são motivo para saídas bem-humoradas. A morte da sardinha é um desses casos. Mesmo triste, Tia Nastácia come a Miss Sardine e lambe os beiços:

- Que confusão horrível foi!... Enquanto isso, Tia Nastácia tirava da frigideira o cadáver de Miss Sardine para mostrá-lo à Dona Benta.
- Veja, sinhá! Tão galantina que até depois de morta ainda conserva os traços...
- E a negra cheirou a sardinha frita, e depois a provou, e ficou com água na boca e comeu-lhe um pedacinho, e disse arregalando os olhos:
- Bem gostosinha, sinhá. Prove... Muito melhor que esses lambaris aqui do rio... (p. 133)

Recuperando-se do desmaio, o Príncipe só pensa em voltar para o Reino. Depois das despedidas, quando o pessoal do Sítio dava por certa a partida, ouvem o Gato Félix

implorando por socorro, dizendo que o Príncipe havia se afogado, pois, embora peixe, ele estava há muitas horas fora d'água e desaprendera a nadar. A história termina em suspenso, deixando a continuação para a próxima: O Gato Félix.

5.1.6 O Gato Félix

Narzinho chega ao ribeirão, mas não vê nem sombra do Príncipe. Então, pede ao Gato Félix que conte suas aventuras, já que era um gato muito famoso. Ele aceita e começa a narrar a história de seu avô, que viera para a América no porão do navio de Cristóvão Colombo, mas fala tanta mentira que Visconde, muito sábio, o interrompe o tempo todo para protestar.

Colombo adiantou-se para apertar a mão do índio. Em seguida o índio virou-se para os companheiros lá longe e gritou: estamos descobertos, rapaziada! Este é o tal Cristóvão Colombo que vem tomar conta das nossas terras. O tempo antigo lá se foi. Daqui por diante é vida nova (...). Nesse ponto da história, o Visconde botou a cabeça fora da lata e disse: Não acreditem! A descoberta da América não foi assim, foi muito diferente! Eu li toda a história de Colombo num livro de Dona Benta. Posso afirmar que o Gato Félix está inventando. (p. 140)

No final da história, Visconde desmascara o gato: ele não era o Gato Félix, mas apenas um falsificado qualquer, que roubava pintos do galinheiro do Sítio para comer.

5.2 O Saci

Nesta história, Lobato explora a riqueza do folclore brasileiro e das lendas que povoam o imaginário popular, apresentando as criaturas que residem no mato, como a mula-sem-cabeça, o lobisomem, o boi-tatá e o saci.

Pedrinho está de férias no Sítio e inventa mais uma aventura para distrair-se. Dessa vez, resolve procurar Tio Barnabé, preto velho cheio de sabedoria, para que o ensine a caçar saci. Segundo reza o folclore, os sacis são meninos de uma perna só, gorro vermelho na cabeça – a famosa carapuça –, que vivem no meio da floresta a aprontar diabruras.

O preto velho, admirado com a coragem do menino, conta-lhe sobre as maldades que os sacis gostam de fazer – nada de muito grave, apenas azedar o leite, esconder as tesouras de cortar unha, botar mosca na sopa, gorar os ovos das ninhadas, entre outras – e diz que, para capturá-los é preciso esperar a formação de um redemoinho (em todo

redemoinho tem um saci!) e, então, jogar sobre ele uma peneira. Certo de que o saci ficou preso, basta prendê-lo dentro em uma garrafa cuja rolha tenha o risco de uma cruz.

Assim faz o neto de Dona Benta e, feliz da vida, captura o Saci. Uma vez de posse da criatura endiabrada, embrenha-se na floresta para satisfazer ao sonho antigo de conhecer os mistérios escondidos por lá. Chegando ao meio da mata, encanta-se com o colorido da fauna, as imensas árvores com raízes semelhantes a sucuris, os sons da folhagem ao vento; enfim, uma impressão que nunca mais se apagaria de sua memória.

À beira de um riacho de águas límpida, Pedrinho deita-se para melhor apreciar aquela beleza toda e percebe que dentro da garrafa o Saci está desassossegado, como se quisesse falar algo.

- Que aconteceu que está assim inquieto, meu caro Saci? – perguntou-lhe em tom brincalhão.
- Aconteceu que este lugar é o mais perigoso da floresta; e que se a noite pilhar você aqui, era uma vez o noivo de Dona Benta... Pedrinho sentiu um arrepio correr-lhe pelo fim da espinha.
- Por quê? - perguntou, olhando resabiadamente para todos os lados.
- Porque é justamente aqui o coração da mata, ponto de reunião de sacis, lobisomens, bruxas, caiporas e até da mula-sem-cabeça. Sem meu socorro você estará perdido, porque não há mais tempo de voltar para casa, nem você sabe o caminho. (p. 28)

O Saci promete ajudar, em troca da sua carapuça e da liberdade. Pedrinho, sem alternativa, aceita a proposta, e ambos firmam o acordo de que o molequinho de uma só perna levaria o menino são e salvo ao Sítio. A partir daí o neto de Dona Benta é guiado pela misteriosa floresta e vê coisas incríveis, como os taquaruçus onde nascem e crescem os sacis (“espionou com um olho só e viu um saczinho de tamanho de um camundongo, já de pitinho na boca e carapucinha na cabeça. Estava todo encolhido no fundo do gomo”, p. 30), uma onça-pintada (“surgiu por entre as folhas a cabeça de uma formidável onça-pintada. Era um animal de extrema beleza, quase tão grande como o tigre de Bengala”, p. 32), uma sucuri que acabara de engolir um boi (“era das maiores que se poderia encontrar, devendo ter pelo menos uns trinta metros de comprimento e a grossura da cabeça de um homem”, p. 33) e até uma briga entre uma muçurana e cascavel (“a muçurana enleou-se na cascavel e as duas reboaram no chão como minhocas loucas. Finalmente a cascavel morreu sufocada, e a muçurana engoliu-a inteirinha, apesar de serem ambas do mesmo tamanho”, p. 34).

Depois de presenciar tantas cenas diferentes, Pedrinho conclui que a vida na floresta era um eterno perigo, e que os animais selvagens nunca tinham sossego, ao que o Saci completa, argumentando que se trata daquilo que os sábios chamam de “luta pela vida”, a famosa “lei da selva”, em que vence o mais forte, onde os mais fracos e menos espertos não têm vez:

- Pois assim é – continuou o Saci. – A lei da floresta é a lei de quem pode mais, ou por ter mais força, ou por ser mais ágil, ou por ser mais astuto. A astúcia, principalmente, é uma grande coisa na floresta (...). Ta vendo ali aquele galhinho seco? Não é galho nenhum, sim um bichinho que finge de galho seco para não ser atacado pelos inimigos.” (p. 35)

O autor mostra que a natureza tem sua própria sabedoria, seus mecanismos de defesa, e que os seres que dela fazem parte já nascem com o instinto de sobrevivência aguçado, agindo como se tivesse estudado por longos anos.

O Saci diz a Pedrinho que qualquer um dos bichinhos vistos por ali mal saía do casulo e já se mostrava esperto, e completa: “não há animal mais estúpido e lerdo para aprender do que o homem” (p. 36). A partir daí começa um bate-boca sem tamanho. Pedrinho, muito ofendido com o comentário do Saci, retruca:

- O que você está dizendo é tolice pura sem mistura. O homem é o rei dos animais! Só o homem tem inteligência. Só ele sabe construir casas de todo jeito, e máquinas, ponte, e aeroplanos, e tudo quanto há. Ah, o homem! Você não sabe o que o homem é, Saci! Era preciso que tivesse lido os livros que eu li em casa da vovó...(p. 36)

Entre os argumentos do Saci estava o de que os bichos sabem fazer suas casas com perfeição, e todos têm abrigo. Pedrinho tenta salvar a honra, afirmando que nenhum bicho é capaz de construir um avião. E o Saci outra vez leva a melhor; afinal, os animais de asa são tão mais evoluídos que voam com os recursos de seu próprio corpo, ao invés do homem, que precisa usar avião.

Pedrinho, furioso, dá o *golpe de misericórdia*: o homem sabe ler! Os animais não sabem!

- Ler! E para que serve ler? Se o homem é a mais boba de todas as criaturas, de que adianta saber ler? Que é ler? Ler é um jeito de saber o que os outros pensaram. Mas que adianta a um bobo saber o que outro bobo pensou? (p. 37)

Já para perder as estribeiras, Pedrinho pede ao moleque que pare com a conversa, pois o estava ofendendo. Afinal, o “homem é a glória da natureza” (p. 37). Espertíssimo, o Saci ironiza, perguntando como é que poderia ser a glória da natureza se na véspera ele mesmo ouvira Dona Benta comentar uma nota no jornal sobre os homens da guerra na Europa?!

Pedrinho intervém: mas e os animais, também eles não lutam entre si? E o Saci justifica que faz parte da lei da vida um comer o outro para saciar a fome, mas a humanidade se digladiava por motivos que nada tinham a ver com a fome: “ Matar por matar

é crime. E só entre os homens existe isso de matar por matar – por esporte, por glória, como eles dizem” (p. 37).

Lobato aproveita a discussão dos dois para manifestar sua crença na criança, pois só nela estaria a salvação do mundo. São os homens grandes que fazem a guerra; as crianças podem até brincar de guerra, mas não a fazem.

Pedrinho, então, fica sem resposta e, no íntimo, pensa em perguntar à Dona Benta se aquilo tudo que o Saci falara procedia ou não.

A luta verbal entre os dois meninos representa, de um lado, a idéia de que o homem é superior à natureza e de que está fora do mundo natural, observando-o apenas, com olhar curioso de cientista. Por sua vez, o Saci é a voz da natureza, enxergando – com desprezo até – a pequenez humana em meio à complexidade da vida dos animais, das plantas, do funcionamento do mundo. Assim, ele também exclui o homem, ou seja, ambos os olhares são arrogantes e excludentes a seu modo, o que demonstra a desarmonia entre eles, como se dois mundos distintos fossem – e não como se tudo compreendesse o meio ambiente, o lugar onde se dão as relações entre os seres.

Mais adiante Pedrinho sente fome, e o Saci providencia, em plena mata, um delicioso banquete: palmito, feito na casca de tatu, cozinhado com óleo de coquinhos e mel. Ele aprecia tanto que chega a dizer ao Saci que ele desbancaria Tia Nastácia como cozinheiro.

De barriga cheia, o menino olha para o céu e aprecia a noite chegando. Uma noite de verdade, sem lampião, apenas os vaga-lumes parados – ou estrelas, como chamam os homens.

Os dois retomam a conversa, e o Saci comenta que Pedrinho não faz idéia do que é a vida na natureza. Essa afirmação reacende a discussão passada, e Pedrinho sente na obrigação de defender sua raça, revidando que não existe coisa no mundo que os homens desconheçam. E, para reforçar, menciona o livro *História Natural*, de Dona Benta, que conta tudo.

Livro para quê, se os seres da natureza já nascem com um “sistema de saber” pronto para uso, questiona o Saci. E completa:

- Não nego o mérito do esforço dos homens. O que digo é que eles são seres atrasadíssimos – tão atrasados que ainda precisam aprender por si mesmos. E nós somos seres aperfeiçoadíssimos porque já não precisamos aprender coisa nenhuma. Já nascemos sabidos. Que é que você preferia: ter nascido já com toda a ciência da vida lá dentro ou ter de ir aprendendo tudo com o maior esforço e à custa de muitos erros? (p. 41)

Daí para frente, o diálogo vai-se encaminhando para questões mais filosóficas, quando Pedrinho questiona o que faz todas as vidas viverem. O Saci define, então, à sua maneira, o que é a Vida, em uma explicação transbordante de ternura e espiritualidade:

- Dentro de cada criatura, bichinho ou plantinha, há uma força que a empurra para a frente. Essa força é a Vida. Empurra e diz no ouvido das criaturinhas o que elas devem fazer. A vida é uma fada invisível. (...) Eu que enxergo tudo nunca pude ver a fada Vida. Só vejo os efeitos dela. Quando um passarinho voa, eu vejo o vôo do passarinho, mas não vejo a fada dentro dele a empurrá-lo.

Da vida, passam ao maior mistério que há: a morte.

- A Vida muda-se de um ser para outro. Quando o ser já está muito velho e escangalhado, a Vida acha que não vale mais a pena continuar lidando com ele e abandona-o. Vai movimentar um novo ser. A fada invisível diverte-se com isso. (pp. 41-42)

Durante o tempo em que estão juntos na floresta, o Saci conta ao menino várias histórias como a do negrinho do pastoreio, da mula-sem-cabeça e outras que fazem parte do folclore brasileiro.

Ao retornarem ao Sítio, são surpreendidos pela notícia de que Narizinho havia sumido. Quem estava por trás de tudo era a Cuca, ser de impressionante feiúra: cara de jacaré e garra de gaviões, que transformara a neta de Dona Benta em pedra.

Com a ajuda do Saci, Pedrinho consegue desfazer o encanto e a menina volta a ser como era: “sem a sua astúcia e conhecimento da vida misteriosa da floresta e dos hábitos da Cuca, eu sozinho nada teria conseguido” (p. 71) – admite.

No Sítio, todos terminam contentes e agradecidos pelo auxílio do negrinho de uma perna só.

5.3 Caçadas de Pedrinho

Pedrinho e a turma vão testar sua coragem e valentia nesta aventura. Certo dia, ao ouvir Rabicó comentar sobre a existência de uma onça na mata, as crianças decidem capturá-la e caçá-la. Para que o plano dê certo, eles mantêm segredo e não contam à Dona Benta e à Tia Nastácia, temendo que as velhas pudessem estragar tudo. Depois de confabularem, saem munidos de armas – faca de pão e espeto de frango – para o combate.

Chegando à mata, descobrem a onça, mas não obtêm sucesso na primeira investida. A onça percebe a presença do grupo e não arreda pé, deixando-os acuados em cima de uma árvore. Pedrinho joga, então, pólvora nos olhos da fera, cegando-a, o que permite o

ataque. Morta e amarrada, a onça é levada ao Sítio com grande orgulho, como um troféu de bravura.

Foi um delírio de contentamento. Os caçadores rodearam a onça morta, discutindo as peripécias da formidável aventura. (...).

- Todos ajudaram a matar a onça e todos merecem louvores. Mas se não fosse a pólvora de Pedrinho, estaríamos perdidos; de maneira que a Pedrinho cabe a melhor parte da vitória. Depois de cegar a onça, tudo ficou mais fácil e cada qual fez o que pode. (pp. 10-11)

Mas vem a vingança (Ilustração 23). Os bichos assistem ao assassinato da onça e ficam apavorados com o que pode acontecer a eles (se as crianças haviam matado um bicho tão forte como a onça, o que seria dos mais fracos, que poderiam ser facilmente dizimados?).

Para evitar o massacre dos que vivem na floresta, é feita uma reunião para discutir que atitude tomar, e o viúvo da onça expressa sua indignação, incitando os demais para uma revanche:

- Eles mataram minha esposa – clamava com voz trêmula de cólera um enorme onção (como dizia a Emília). – Estou viúvo da minha querida onça por artes daqueles meninos daninhos do sítio de Dona Benta. Mataram-na e levaram-na de arrasto, amarrada com cipós, até ao terreiro da casinha onde moram. Tiraram-lhe a pele que depois de esticada e seca ao sol está servindo de tapete na varanda. Ora, isto é crime que pede a mais completa vingança. Guerra, pois! Guerra de morte a essa ninhada de malfeitores.

- Guerra! Guerra! – exclamaram as jaguatiricas e suçuaranas e cachorros-do-mato e iraras ali reunidas. (p. 17).



Ilustração 23: A revanche dos bichos

Para sorte das crianças, no meio da bicharada estavam dois besouros gêmeos espiões de Emília, que imediatamente contam à boneca sobre os planos do ataque ao Sítio. Assim, todos se preparam, subindo em pernas de pau – menos Tia Nastácia, que sobe em um mastro de São Pedro. Emília faz a investida final, jogando granadas cheias de vespas sobre os animais. Logo todos fogem e o Sítio volta à calma.

Porém, desde esse dia Pedrinho fica com a idéia de caçar mais, especialmente rinocerontes:

Queria leões, tigres, rinocerontes, elefantes, panteras, e queixava-se a Dona Benta (como se a boa senhora tivesse culpa) da pobreza do Brasil a respeito de feras. Chegou a propor-lhe que vendesse o sítio para comprar outro bem no centro do Uganda, que é a região da África mais rica em leões. (p. 24)

Nesse meio tempo, chega ao Rio de Janeiro um circo repleto de animais ferozes, entre os quais um rinoceronte. Para desespero da população do Brasil, os jornais noticiam a fuga do rinoceronte, que teria ido rumo às matas da Tijuca.

Lobato aproveita para debochar da falta de assunto da imprensa e exagera na comoção causada pela fuga do bicho, como se nada mais houvesse de importante no País para ser tratado.

Novamente entram em ação os besouros de Emília. Eles falam que o rinoceronte está bem perto do Sítio, na Mata dos Taquaruçus. As crianças seguem para conferir e se deparam com o animal, mas estão sem armas desta vez para abatê-lo. Emília usa o pó de pirlimpimpim¹⁶ e os teletransporta para o terreiro do Sítio.

Dona Benta, ao saber da história, passa, incontinentemente, um telegrama às autoridades do Rio de Janeiro, obtendo a resposta de que as Forças Armadas seriam encaminhadas com urgência para o Sítio.

Lobato não perde a oportunidade de ironizar o governo, dizendo que o caso do rinoceronte tornou-se prioridade absoluta, como se os comandantes da Nação não tivessem nada mais importante com o que se preocupar.

Fazia dois meses que o governo se preocupava seriamente com o caso do rinoceronte fugido, havendo organizado o belo Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte, com um importante chefe geral do serviço, que ganhava três contos por mês e mais doze auxiliares com um conto e seiscentos cada um, afora grande número de datilógrafas e “encostados”. (p. 33)

¹⁶ O pó de pirlimpimpim é um pó mágico capaz de transportar as pessoas de um lugar para qualquer outro do mundo.

Logo os caçadores do rinoceronte, liderados pelo detetive XB2, com armas até os dentes, entram no Sítio e se deparam com o animal andando calmamente. Antes que atirassem, Dona Benta lhes informa que não admitiria tiros em sua propriedade, temendo que quebrassem o vidro das janelas. Prontamente o detetive concorda com ela e muda a posição dos seus homens, passando-os para o lado oposto. Assim, caso errassem a pontaria, o *máximo* que ia acontecer seria matar um macaco:

A dona da propriedade não quer saber de tiros daqui para lá. (...) Temos de passar para o lado de lá. Podemos colocar o canhão e a metralhadora na escadinha da varanda. Desse modo, se houver balas perdidas, poderão apenas alcançar algum macaco na floresta, lá longe. (p. 34)

Então, monta uma estratégia digna de operações bélicas, incluindo a construção de uma linha telefônica dentro do Sítio para que o caso do rinoceronte pudesse ser debatido com mais rapidez, uma vez que as cartas já eram recursos *ultrapassados*.

Assim, por meio de cartas, a coisa levará toda a vida. Não há como o telefone para as comunicações rápidas. Vou telegrafar para o Rio de Janeiro, pedindo a remessa do material necessário para a construção duma linha telefônica. (p. 34)

Dona Benta aceita que instalem a linha, mas não demonstra grandes entusiasmos, pois sua vida no Sítio dispensava esses lampejos de modernidade e progresso (Ilustração 24). Ao ser informada de que o material para a obra já havia chegado, ela diz que não entendia nada daqueles serviços e que nem queria entender. Só pediu para que fosse feito o que deviam fazer, o mais rápido possível.

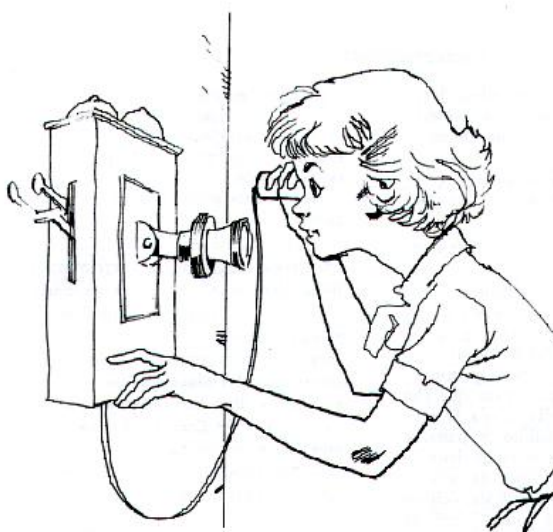


Ilustração 24: O telefone chega ao Sítio

Não satisfeito, o detetive XB2 pede autorização para também construir uma linha de transporte aéreo para levar as armas e as bagagens de seus homens. Dona Benta responde com o mesmo tom: “fizessem como entendessem e não a incomodassem mais”. (p. 37). Pedrinho é que fica boquiaberto com tanta ciência.

Com uma ironia ainda mais mordaz, Lobato critica a demora das obras do governo. Na história, demoraram tanto para construir a linha de transporte que os caçadores do rinoceronte acabaram se tornando familiares para o bicho. Emília também enterneceu-se por ele e descobriu peculiaridades a seu respeito: era um rinoceronte de boa paz, já velho, com a ferocidade nativa quebrada por longos anos de cativo no circo. Só queria uma coisa: sossego. Por isso fugira do circo e viera esconder-se ali, no silêncio do Capoeirão dos Taquaruçus.

Há um diálogo bastante significativo entre a boneca e o rinoceronte, em que ele, muito assustado e magoado por saber das intenções dos caçadores em matá-lo, pergunta que mal teria feito. E Emília responde com naturalidade, provavelmente com a mesma naturalidade com que se matavam animais na época em que Lobato escreveu a sua obra:

- Eles querem matar você – disse-lhe Emília certa manhã. – Trouxeram para esse fim um canhão-revólver e uma metralhadora.
O rinoceronte arrepiou-se todo. Jamais supusera que a atividade daqueles homens e toda a trapalhada das linhas, que andavam assentando, tivessem por fim dar cabo da sua vida.
- Mas por quê? - indagou, em tom magoado. – Que mal fiz eu a essa gente?
- Nenhum, mas você é o que os homens chamam “caça” – e o que é caça deve ser caçado. Quando os homens encontram no seu caminho uma lebre, uma preazinha, um inambu, um pato selvagem ou o que seja, ficam logo assanhadíssimos para matá-lo – só por isso, porque é caça. Mas você não tenha medo que não será caçado (p. 38)

A boneca, muito astuta, troca a pólvora na caixa de munições por farinha de mandioca. E, na hora em que os homens gritaram a ordem de “fogo!” para atirar, saiu do canhão uma chuva de farinha. Como previamente acertado com a boneca, o rinoceronte sai em disparada na direção de seus algozes, e o detetive dá a sua última ordem: “Salve-se quem puder!” (p. 40).

Dessa forma, o governo desiste de vez da captura do rinoceronte, para alegria do Sítio, que passou a ter mais um habitante para suas aventuras (Ilustração 25).



Ilustração 25: Quindim – um novo amigo

Mas num certo dia aparece para falar com Dona Benta o senhor Fritz Muller, dono do circo de onde fugira o animal, exigindo a devolução da fera de seus espetáculos. Novamente Emília apronta, e com o pó de pirlimpimpim manda para bem longe o homem. Assim termina esta aventura, com final feliz graças à esperteza da boneca.

Neste episódio vemos uma situação contraditória: as crianças e Emília animam-se para caçar uma onça e acabam matando-a, sem demonstração de pena do bicho ou qualquer intenção de clemência, mas, por outro lado, diante da presença do rinoceronte – outra fera tão assustadora para o homem quanto a onça – apiedam-se dele, e a boneca faz de tudo para protegê-lo. Outra questão para refletirmos é que a onça, no caso, não apresentava o menor perigo para os habitantes, uma vez que se encontrava distante da civilização, no meio da mata. A turma do Sítio é que saiu à sua procura, ficando evidente a concepção de que o homem deve dominar a natureza para conseguir se impor.

A figura do rinoceronte, uma atração dos espetáculos circenses, remete também à idéia da submissão dos animais diante da humanidade, bastante comum na história dos circos, em que as feras – especialmente as exóticas – eram expostas à população durante as apresentações, atraindo curiosos de todas as idades.

A reunião dos bichos, no meio da floresta, sinaliza uma reação da natureza diante da ação destrutiva do homem, a partir da decisão de massacrarem o Sítio como vingança ao assassinato da onça. O próprio *viúvo* da onça, em seu relato emocionado, sugere o orgulho com que os pequenos caçadores amarraram e exibiram a caça, como prova de superioridade, fazendo um tapete com a pele da onça. Aliás, algo bastante usual entre aqueles que se dedicam à caça é ostentar os restos mortais do animal como prêmio, prova de coragem e grandeza.

5.4 O poço do Visconde

Esta história é a síntese do projeto de Lobato para o crescimento do Brasil. Segundo ele, a descoberta de petróleo no País seria decisiva para elevar a economia brasileira e colocá-la não em pé de igualdade com outras potências mundiais, mas, até mesmo, superá-las.

No início da narração, Narizinho se queixa à Dona Benta dos maus modos que Pedrinho aprendera com os americanos, como sentar-se com os pés para cima enquanto lia o jornal. E Dona Benta dá uma curiosa resposta para justificar o porquê dessa postura americana, dizendo que o menino fazia muito bem em sentar daquele modo, pois as extremidades niveladas ajudavam na circulação, fazendo-a fluir e a cabeça a pensar melhor. Logo fica clara a admiração de Lobato pela América do Norte, como exemplo de país que soube se desenvolver e ter visão estratégica e de futuro.

O jornal lido por Pedrinho traz uma notícia sobre petróleo, o que motiva uma grande discussão, ficando as crianças decididas a perfurar poços até descobrir petróleo no Sítio. Para tanto, o Visconde é incumbido de dar aulas sobre geologia à turma, a fim de identificarem com mais facilidade a terra com potencial para perfuração.

As aulas começam e nem mesmo Tia Nastácia é dispensada, ainda que sob protesto: “pra que ouvir, menina? Não entendo nada mesmo...” (*Poço do Visconde*, p. 13). As explicações do sabugo de milho são extremamente didáticas e detalhadas, e até quem nunca ouviu falar sobre o assunto passa a se familiarizar com termos técnicos e informações curiosas. Por meio de interrupções, as crianças e a boneca fazem perguntas diversas que norteiam e aprofundam o tema tratado. Assim, desde o surgimento da Terra até os tipos de rocha existentes, Visconde esmiúça o assunto, deixando seus alunos cada vez mais sábios e preparados para a empreitada do petróleo. Entre os ensinamentos estava a idéia de a água e o calor serem a mãe e o pai, respectivamente, de toda forma de vida no mundo. Em sua alegoria, diz o sabugo:

- Muito bem – continuou o Visconde. Estávamos já com a crosta da terra endurecida e a água formando os mares, os lagos e rios. Neste ponto começou a dar-se um fenômeno muito interessante. A água, de tanto lidar com o calor e o ar, fez com eles um trato. “Está muito feia a terra, assim reduzida a uma crosta de rocha dura”, disse a água. “Precisamos combinar umas modificações que permitam o aparecimento da vida. Quero ver a terra cheia de verdura e de bichos que andem, corram e se ataquem uns aos outros”. (pp. 10-11)

Nesse trecho fica nítida a concepção de que na natureza todos lutam contra todos, ou seja, prevalece a lei da selva, o caos. Mais adiante, em outro momento da aula, Visconde argumenta que a natureza vive experimentando novidades, por tentativa e erro – o que justifica a evolução dos seres na terra –, até chegar ao ideal: “experimenta, erra; experimenta, erra; súbito, experimenta e acerta – e então fixa ou conserva aquele acerto, e toca para diante com outras experiências” (p. 14). Ao ouvir isso, Narzinho pergunta se, por acaso, teria acertado com os animais, e o sábio sabugo de milho responde que sim: “tanto acertou que aqui estamos nós, animais aperfeiçoadíssimos” (p. 14). O homem, portanto, é o ser mais evoluído, o que se justificaria pela faculdade de pensar, conforme menciona Visconde: “mais tarde, com o desenvolvimento dos animais, surgiu neles uma coisa nova: o Pensamento!” (p. 14).

Em outro momento, passa a falar da biodiversidade terrestre e marinha, utilizando-se de linguagem metafórica:

Na terra a vida só é possível na superfície e até poucos palmos de fundo, onde moram as minhocas. Já no mar a vida é possível até nas maiores profundidades. Mal comparando, a vida na terra é uma folha de papel; e a vida no mar é uma pilha de folhas de papel que vai desde a superfície das ondas até lá no fundo. (...) Por esse motivo a fauna e a flora do mar são imensas, muitíssimo mais ricas que a fauna e a flora da terra. (p. 15).

Tudo é transmitido de maneira criativa, com a aproximação dos conteúdos à realidade do pessoal do Sítio. Por meio de exemplos práticos, os conceitos vão ganhando vida e fazendo sentido para os *alunos* do Visconde (Ilustração 26). Até uma explicação sobre como surge a ferrugem é capaz de entreter os leitores. Visconde ensina que se trata de uma tentativa de recuperar o que a natureza criou e o homem alterou:

O oxigênio é uma espécie de guarda da natureza, com a missão de conservar as coisas num certo estado de equilíbrio. Vemos isso com o ferro. Esse metal não existe na natureza no estado livre de ferro puro. Existe sob forma do óxido de ferro, isto é, misturado ou combinado, com o oxigênio. Os minérios de ferro, ou as pedras de ferro, como o povo diz, não passam dessa combinação – são óxidos de ferro. Mas vai o homem e derrete a pedra e fabrica o ferro metálico de que se utiliza para fazer mil coisas – facas, arame, pregos, vergalhões, chapas, trilhos...
- Ferros de engomar, alfinetes – ajuntou Emília.

- ... tudo enfim que é máquina, instrumento ou material de construção. Mas o Senhor Oxigênio, que não concorda com a mudança, trata logo de desfazer a obra do homem – e enferruja o ferro. Sabem o que é a ferrugem?
- É o que ruge do ferro – disse Emília.
- Ferrugem é o óxido de ferro. É o oxigênio que se liga ao ferro para restabelecer o que a natureza criou e o homem alterou. Vai lentamente trabalhando nisso, sem parar nunca, e força o homem a fabricar muito ferro novo para substituir o ferro velho que volta a ser ferrugem, ou óxido. (pp. 18-19)

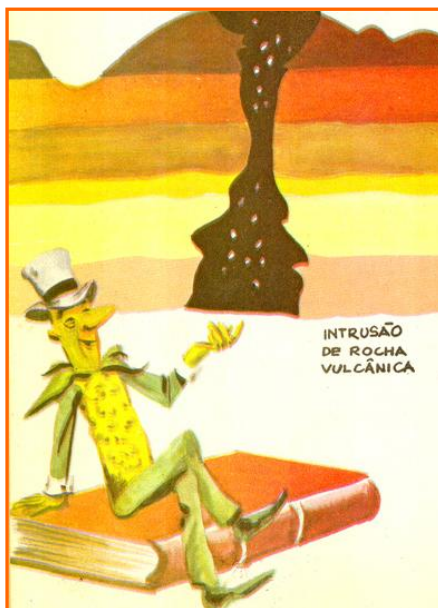


Ilustração 26: Aulas do professor Visconde

Nesta história, Lobato expressa a todo instante sua admiração pelos Estados Unidos como símbolo do desenvolvimento econômico. Em determinado momento, ao perguntarem quantos poços de petróleo foram abertos naquele país, Visconde diz que mais de novecentos mil, e continua: “os americanos são umas feras. E como fazem tudo em ponto grande, tornaram-se o povo mais adiantado e rico do mundo” (p. 25).

E, ao comparar com a situação brasileira, chega à vexatória conclusão de que o Brasil estava atrasadíssimo, já que apenas poços rasos haviam sido abertos. O autor aproveita para defender sua idéia de crescimento para o País, tomando emprestada a voz do Visconde como se sua fosse:

- E por que o Brasil também não produz milhões e milhões de barris? Será que não existe petróleo aqui?
- Não existem perfurações, isso sim, petróleo o Brasil tem para abastecer o mundo inteiro durante séculos. (...)
- Então por que não se perfura no Brasil?
- Porque as companhias estrangeiras que nos vendem petróleo não têm interesse nisso. E como não têm interesse nisso foram convencendo o brasileiro de que aqui, neste enorme território, não havia petróleo. E os brasileiros bobamente se deixaram convencer... (p. 26)

Conforme assinala Lessa (2000), sempre houve obstáculos no que concerne à perfuração de poços no Brasil. Muitas eram as justificativas vindas dos técnicos estrangeiros e de parte do governo brasileiro, mas todas infundadas. Diziam que não havia geólogos suficientes no País e que os engenheiros existentes não eram especializados. Também se afirmava que não se dispunha de mão-de-obra suficiente e – o mais aviltante – que as grandes empresas petrolíferas dos outros países eram muito mais eficientes e que poderiam suprir o Brasil. Assim, em meio a essa luta de interesses, Monteiro Lobato tentava desfazer as idéias preconceituosas e incutidas na cabeça dos brasileiros de que no País não havia a menor chance de prospectar petróleo. Em 1953, dezesseis anos depois do lançamento de *O Poço do Visconde*, é criada a Petrobras, e investe-se na formação de geólogos brasileiros de alta qualificação. Lamentavelmente, Lobato não chegou a ver seu sonho realizado, falecendo em 1948.

Voltando à história, ainda na fala do Visconde, o autor critica a falta de ação e a acomodação dos brasileiros, num desabafo sincero:

- Quando um povo embirra em não arregalar os olhos não há quem o faça ver. As tais companhias pregaram as pálpebras dos brasileiros com alfinetes. Ninguém vê nada, nada, nada... E cada ano o Brasil gasta mais de meio milhão de contos na compra do petróleo que as companhias espertalhonas nos vendem.

- Meio milhão de contos! – exclamou Pedrinho. – Mil trezentos e tantos contos por dia! Quarenta e três contos por hora! Que doença cara é a cegueira... (p. 26)

A gloriosa experiência norte-americana mais uma vez é retomada, como um paradigma a ser alcançado pelo Brasil:

- E quanto petróleo se produz hoje no mundo, Visconde? – indagou Pedrinho.

- Muito. Um colosso. Só os Estados Unidos produzem um bilhão de barris por ano.

- Um bilhão? Puxa! Mil milhões! Mil pilhas de um milhão de barris cada uma! (...)

- (...) O Brasil tem o mesmo tamanho dos Estados Unidos. Se ainda está dormindo, um dia há de acordar – e então...

Emília bateu palmas.

- Viva! Viva! Vamos acordar o Brasil! Rompemos aqui o primeiro poço e pronto – está acordado o Brasil. Viva! Viva!...

- O Brasil poderá suceder aos Estados Unidos na produção do petróleo. (...) E a febre do petróleo pegará no Brasil inteiro, que nem gripe, e começarão a aparecer poços por toda a parte. (pp. 28-29)

Vemos que quando o escritor elogia os americanos, ele enfatiza o grande potencial do Brasil, que poderia superar os Estados Unidos na questão do petróleo, bastando, para

isso, sair da inércia e colocar a mão na massa. Diz ele que é preciso, antes de mais nada, ter a coragem de começar (p. 29).

Lobato via o Brasil como um diamante bruto, um talento a se revelar. Ele tinha consciência dos recursos naturais abundantes a ser explorados e irritava-lhe ver que o País se acabava aos poucos por falta de visão dos governantes e do próprio povo:

- O Brasil, pois, deve ir se preparando para fornecer petróleo para os Estados Unidos, depois de abastecer-se a si próprio.
- Que colosso!
- Realmente. No dia em que tal acontecer e o Brasil passar de comprador a vendedor de petróleo, então deixaremos de ver essa coisa tristíssima de hoje – milhões de brasileiros descalços, analfabetos, andrajosos – na miséria. O Brasil tem todos os elementos para tornar-se um país riquíssimo – mas riquíssimo de verdade, e não, como hoje, apenas rico de “possibilidades” – ou de “garganta”. (p. 29)

Para reforçar a necessidade de furar poços no Brasil, Visconde argumenta sobre as inúmeras facilidades e os benefícios advindos com a transformação do petróleo em energia mecânica, aumentando a eficiência dos trabalhos humanos. As crianças do Sítio ficam cada vez mais convencidas disso – e os leitores, provavelmente, também.

Mais adiante, ao ser questionado se a culpa pelos problemas do País seria do governo, Visconde diz que o real motivo da crise não era a forma de governo, mas a falta de comida para alimentar o povo; pois as pessoas, mal alimentadas, não produzem, não pensam, não se motivam para o progresso.

Entre essas e outras conversas, vão se passando as noites no Sítio, com muitas informações e calorosos debates, até que num certo dia Pedrinho perde a paciência e convoca todos para iniciarem os trabalhos no dia seguinte.

A atitude de Pedrinho retrata a excitação típica da infância; a emoção, em oposição ao racionalismo. Visconde, no papel do cientista, discorda da pressa e argumenta que ainda havia muitas lições de geologia antes de partirem para a prática.

- Feche o livro, Visconde. Resolvemos dar começo ao poço já, já, já. O Visconde fez cara feia.
- Mas como pode haver poço sem ciência, menino? Que bobagem é essa?
- Bobagem ou não, queremos começar o poço imediatamente. (p. 42)

Por mais que insistisse, Visconde foi voto vencido. E foi então que se deram conta de que faltavam operários, ferramentas, casa para alojamento, entre outras necessidades. Mas Emília, num instante, apresenta como solução o faz-de-conta e consegue fazer de conta que existiam várias casinhas para os operários que iriam trabalhar na perfuração dos poços. Pedrinho reclama que as casas estão bonitas e higiênicas demais, e a boneca contrapõe:

- Demais, não! Quanto melhor acomodarmos nossos homens, melhor eles trabalham. Não concordo com o sistema de tratar os operários como se fossem pedras insensíveis. (pp. 43-44)

Devemos lembrar que, à época, primeira metade do século 20, os trabalhadores, principalmente os da indústria, viviam em péssimas condições, muitas vezes chegando a morrer de cansaço devido às longas jornadas de trabalho a que eram submetidos.

Além das instalações físicas, Emília providencia as máquinas e usa o faz-de-conta de número sete para transportá-las no maior avião de carga do mundo.

A busca por petróleo passa a ser considerada a “salvação do Brasil”, a oportunidade de tirar o País da pobreza. Para isso, a turma do Sítio contrata Mister Kalamazoo, notório perfurador de poços, vindo diretamente dos Estados Unidos. Quando Dona Benta fica sabendo da nacionalidade do homem, pergunta como é que as crianças vão fazer para entender o que ele diz, já que fala inglês. Mas a boneca, que sempre pensava em tudo, adianta-se e diz que o rinoceronte Quindim será o intérprete, já que viera de Uganda, possessão inglesa na África.

Uma questão que até então não havia sido mencionada vem à tona: o que fazer com os lucros do petróleo (Ilustração 27)? E cada um diz que destino dará à sua parte nos negócios. Pedrinho escolhe viajar pelo mundo; Narizinho, aplicar tudo na construção de obras assistenciais, como hospitais, creches e bibliotecas, para amenizar a pobreza. Dona Benta aprecia a resposta da neta e menciona o Instituto Rockefeller, cujo fundador fora riquíssimo e investira a fortuna em caridade, e completa que não havia país no mundo onde o petróleo não despejasse benefícios. Visconde, por desconhecer coisas vis como o dinheiro, acaba se engasgando e não responde. Já Emília tem tudo planejado “Botá-lo a juros para ir juntando sempre mais, mais, mais...” (p. 48). Dona Benta a repreende, e ela justifica que aproveitaria dos homens, pois eles eram escravos do dinheiro, e oferecer-lhes-ia empréstimo a juros altíssimos.



Ilustração 27: A fortuna do Sítio

Pouco depois, chega ao Sítio Mister Kalamazoo, e Quindim confessa que se sente um tanto desconfiado com o americano.

- Não sei se este homem merece confiança. Pode ser um agente dos tais trustes que não querem que o Brasil tenha petróleo; pode ser um perfurador subornado, que venha sabotar o nosso poço... (p. 49)

Sob o olhar atento do rinoceronte, Kalamazoo instrui seus trabalhadores – todos especialistas em petróleo, vindos de países como Argentina e Alemanha.

Finalmente, após muito trabalho e suor, o Sítio vê jorrar petróleo, o “petróleo salvador do Brasil, que se levantava numa coluna magnífica até quarenta metros para o céu” (p. 68). Começa, então, a divulgação do fato ao mundo inteiro, e um jornalista consegue ver, com os próprios olhos, o milagre brasileiro. Para Dona Benta ele faz um discurso patriótico inflamado em defesa do crescimento econômico do País (Ilustração 28):

- A descoberta do petróleo representa um fato de significação mais alta do que podemos conceber. Representa algo mais importante do que a própria independência do Brasil. No dia 7 de setembro o Brasil proclamou a sua independência econômica. Em que dia foi
 - O poço jorrou no dia 9 de agosto – respondeu Narizinho.
 - Pois o dia 9 de agosto vai ficar imortalizado na história do nosso País. A República Argentina considera feriado nacional o dia 19 de dezembro, data do aparecimento do petróleo em Comodoro Rivadavia¹⁷. Breve teremos aqui no Brasil o 9 de agosto transformado em data nacional, ao lado do 7 de setembro. Este comemora a nossa independência política; o 9 de agosto comemorará a nossa independência econômica. (p. 73)



¹⁷ Em dezembro de 1907, Comodoro Rivadavia entrou para a história da Argentina. Segundo informações históricas do museu El Petroleo, a descoberta foi acidental: ao buscarem água, encontraram petróleo.

Ilustração 28: Finalmente, petróleo!

A partir da veiculação da notícia, o Sítio ganha fama e começa a receber visitas constantes – uma verdadeira romaria de automóveis – de empresários, engenheiros e curiosos ávidos para testemunhar o milagre. As terras próximas passam a valer uma fortuna, e muitos são os caboclos ingênuos que as vendem sem ter noção do quanto poderiam ganhar se ficassem com a propriedade. Assim acontece com Chico Pirambóia, “caboclão dos legítimos, xucro até mais não poder” (p. 78), que conta a Dona Benta, feliz da vida, sobre a venda, dizendo crer que as pessoas haviam enlouquecido por lhe pagarem 230 mil cruzeiros por uma “pinóia de dez alqueires de sapezal que nunca valeu nem mil cruzeiros” (p. 78). Dona Benta, diante da ignorância do homem, explica que não se tratava de loucura, mas de petróleo, e que os compradores multiplicariam milhões com os alqueires. Chico, em mau português, demonstra ignorância em sua resposta:

- A senhora está se referindo ao tal “criosene”? Ah, então a senhora, que é uma velha de juízo, também “aquerdita” nisso? Criosene” nada. O que deu nessa gente foi loucura, isso ninguém me tira da cabeça. (p. 79)

E ele retorna para casa para pegar os pacotes de dinheiro que guarda, ao invés de deixar numa conta bancária, por achar que no banco a fortuna estaria entregue na mão de desconhecidos. Lobato traça, então, o perfil do caipira sem estudo, matuto, que representa uma parte significativa dos brasileiros na época. Falta-lhe tudo – comida, saneamento básico, escola. Algum tempo depois Dona Benta fica sabendo do triste desfecho do caboclo: fora assaltado e surrado em plena luz dia, perdendo tudo que conseguira: “moeram-no a pancadas (Ilustração 29). Não fosse a sua natureza extraordinariamente rija de caboclo criado na miséria do sapezeiro e já estaria no outro mundo” (p. 78).



Ilustração 29: Coitado do Pirambóia

Até o Coronel Teodorico, conhecido de Dona Benta, caíra na tentação e acabara vendendo suas terras. Ao despedir-se do pessoal do Sítio, demonstra não ter certeza de que fizera um bom negócio. Dona Benta, então, lhe diz que, na realidade, fora um péssimo negócio porque as terras do Coronel eram da mesma formação geológica do Sítio e que, portanto, deveria ter petróleo. Ele responde que é homem da roça, sem estudo, e que não entende de geologia, de petróleo, de economia: “de ciência não pesco um xis” (p. 77), e o valor que lhe pagaram estava de bom tamanho.

- Compadre – disse Dona Benta – o seu mal sempre foi a falta de estudos. Se os tivesse, ou se freqüentasse aqui os nossos serões para ouvir as conversas geológicas do Senhor Visconde, juro que não venderia a fazenda nem por 10 milhões. Aquilo vale ouro, compadre.

No final da conversa, o Coronel diz que vai mudar-se para o Rio de Janeiro, e Dona Benta o aconselha a ter cuidado, pois quem passou a vida toda no mato fica meio *bobo* (p. 78), e o alerta a ficar de olho nas pessoas da cidade, por serem muito ardilosas. A despeito do conselho, ele parte para a cidade e é vítima de um golpe que subtrai quase todo o seu dinheiro. Ao perceber o deslumbramento do Coronel pelos bondes elétricos, um vigarista carioca *vende-lhe* quatro bondes pela quantia de 200 mil cruzeiros.

- Pobre do meu compadre! – suspirou Dona Benta quando soube da história. – Sua sorte foi ter comprado apenas quatro. Se adquirisse vinte e quatro bondes, estaria a estas horas tão limpo como o Chico Pirambóia... (p. 78)

Nas passagens acima o escritor mostra, de um lado, que o desconhecimento é um terrível mal que deixa as pessoas ingênuas à mercê de astutos e gananciosos. O falar errado, as idéias tacanhas e a facilidade com que são enganados demonstram a fragilidade do caipira. Entretanto, mais adiante menciona que Dona Benta, que também nunca saíra da roça, tinha outra formação. Era culta, tinha muitos livros e vivia sempre se atualizando sobre as coisas do mundo. Portanto, o simples fato de viver longe dos centros urbanos não justificava a falta de sabedoria dos demais. Além disso, Lobato narra como o dinheiro modifica a paisagem e as pessoas, nem sempre para melhor:

A vila próxima, que era um vilarejo ordinaríssimo, com duas vendas ainda piores que a do Elias Turco, a igrejinha muito pobre, um farmacêutico caolho, dois curandeiros e um antigo coronel da guarda nacional, começou a transformar-se com rapidez vertiginosa. O preço das casas e terrenos subiu a galope. Casebre que antes do petróleo não alcançavam nem 800 cruzeiros eram vendidos por 30, 40, 50 mil cruzeiros. Casas novas, bonitas,

começaram a erguer-se nos terrenos vagos. Vinha gente de fora aos bandos – gentes das companhias de petróleo e aventureiros. Surgiam casas de sorvete, um cinema, dois três, dez bares. Depois, um cabaré com umas francesas roucas onde às vezes rebentavam brigas medonhas. (p. 75)

Sobre a rapidez com que a vida ia se transformando, Dona Benta faz uma reflexão e conclui, com melancolia, que o antigo começava a ser suplantado pelo novo, pela modernidade:

Sim, o petróleo começava a mudar tudo, não havia dúvidas. Os velhos conhecimentos, os velhos hábitos, as velhas tradições – tudo isso tinha de desaparecer diante da americanização que a indústria traz. E Dona Benta sentiu uma ponta de saudade do sossego antigo. (p. 78)

Até os bois comentavam as mudanças, estranhando tanta movimentação nas terras. Afinal, era uma gente esquisita, que andava toda aparelhada medindo o chão, espiando por uns canudos e dando tiros (p. 80).

No Sítio, os negócios advindos do petróleo prosperam tanto que Dona Benta fica sem saber o que fazer com tamanha fortuna; montanhas de notas de dinheiro empilhadas, sem serventia. Narizinho sugere a construção de um palácio luxuoso, mas a dissuade, argumentando que eles viveriam mais felizes no Sítio do que em qualquer outro lugar. De comum acordo, a turma decide empregar o dinheiro para acabar com a pobreza e ajudar o Brasil. Assim, poderiam construir estradas, pois o que chamavam de estrada no País era, na verdade, uma mentira:

Durante os meses de chuva, o Brasil inteiro só faz uma coisa: atola-se nas estradas, não roda. Nada roda nelas. Os carros de bois atolam até os eixos. Os automóveis atolam a ponto de precisarem de bois para arrancá-los. Os burros de tropa atolam. Tudo atola nas nossas estradas de atolagem. (p. 90)

E, ainda, abrir hospitais: “com os melhores médicos e todas as comodidades, como os hospitais americanos” (p. 90); criar escolas profissionais para a caboclada bronca, pois “eles são aproveitáveis, mas têm que ser ajudados. Por si nada fazem porque nada podem fazer” (p. 90); dar morada aos desabrigados, construindo “casa decentes, com higiene e coisas modernas, que lhes sejam vendidas a prestações bem baixinhas” (p. 90), pois a situação era crítica:

É uma vergonha para a nossa terra como moram as gentes da roça – em casebre de sapé e barro, imundíssimos, sem mobília, sem nada lá dentro. Qualquer toca de bicho do mato, qualquer ninho de João-de-Barro, vale mais que um casebre de caboclo. (p. 90)

E, por idéia do Visconde, criariam a Universidade de Sabugosa, cujo reitor seria o próprio homenageado.

Emília, que até então não se manifestara, diz que poderiam atacar um problema esquecido pelos demais: a domesticação das formigas, e justifica que as pragas destruíam plantações. Sua sugestão era ensiná-las a comer apenas ervas daninhas, deixando intactas as plantações úteis ao homem, como as frutíferas.

No antepenúltimo capítulo – O Brasil tem petróleo! – Lobato leva para a ficção o que se passava na realidade, ou seja, a incredulidade acerca da existência de petróleo no Brasil: “ora, veja! E não é que tínhamos petróleo mesmo?” (p. 91), e profetiza uma verdadeira febre pelo petróleo, com a abertura de poços em todas as regiões do País. Também aproveita para espezinhar os governantes ao dizer que “o Brasil, que não tinha petróleo, que estava oficialmente proibido de ter petróleo, passou a ser o maior produtor de petróleo do mundo” (p. 92).

O País torna-se independente do estrangeiro, utilizando seu próprio petróleo e prosperando cada vez mais. Por meio das descrições das benfeitorias que se deram – automóveis, fogões a gás, asfalto, cinema, escolas, hospitais de qualidade – conclui-se que era isso que faltava ao Brasil para que definitivamente pudesse desenvolver seu potencial.

Ao fim da história, Dona Benta faz uma festa grandiosa, com fartura de comidas e brindes para todos os convidados. Na hora dos discursos, o rinoceronte Quindim emociona a todos ao elogiar a vida que levava no Sítio e ao agradecer a todos pela liberdade que lhe deram (Ilustração 30). Chegada a vez de Mister Kalamazoo ele revela que suas intenções iniciais era sabotar o Sítio, mas que não tivera coragem, diante de tanta sabedoria e nobreza de alma das pessoas do Sítio, em especial de Dona Benta – um poço de sabedoria. Um outro funcionário, Mister Champignon, confessa o mesmo e faz outro comentário: “o Sítio de Dona Benta me mudou. Meu coração está limpo de maldade. O ambiente são aqui do Sítio decantou minha alma” (p. 101).

Com festa termina *O poço do Visconde*, deixando, além da esperança no Brasil, uma mensagem de esperança na bondade do ser humano e na sua capacidade de se transformar interiormente.



Ilustração 30: Festa e discurso

5.5 A reforma da natureza

Termina a Segunda Guerra Mundial e os ditadores, reis e presidentes reúnem-se para assinar um tratado de paz. Porém, não conseguem chegar a acordo nenhum porque cada um, à sua maneira, trazia o coração muito cheio de orgulho e ambição. Então, o rei da Romênia propõe chamarem as pessoas mais sábias e de bons sentimentos que existem no mundo para mediar a reunião: Dona Benta e Tia Nastácia.

Prontamente elas aceitam e todos partem para a Europa – exceto Emília, que trazia consigo a vontade de aprontar escondido. Há um tempo ela ouvira a história de um homem que encontrava milhões de defeitos na natureza e, pegando no sono, sonha que fizera uma verdadeira reforma na natureza.

Junto com uma menina que vem do Rio de Janeiro especialmente para ajudá-la, a boneca começa a colocar em prática seus planos de transformação:

- Sempre achei a Natureza errada (...). Tudo o que está demais está errado. E quanto mais eu estudo a Natureza, mais vejo erros. Para que tanto beijo em Tia Nastácia? Por que dois chifres na frente das vacas e nenhum atrás? Os inimigos atacam mais por trás do que pela frente. E é tudo assim. Erradíssimo. (pp. 8-9)

Ao longo de toda a história, Emília apresenta argumentos que justifiquem suas reformas, como a que sugere para os passarinhos:

- Estou fazendo o passarinho-ninho. A boba da Natureza arruma as coisas às tontas, sem raciocinar. Os passarinhos, por exemplo. Ela os ensina a fazer ninhos nas árvores. Haverá maior perigo? Os ovos e os filhotes ficam sujeitos à chuva, às cobras, às formigas, às ventanias.

E dá início a seu plano pelos passarinhos, fazendo seus ninhos nas costas para que pudessem carregá-los consigo a toda parte onde fosse. As laranjas, por exemplo, cresceriam com uma faquinha por dentro para que a pessoa não tivesse trabalho e a descascasse tão logo a colhesse. E Emília reforça sua admiração pelas formigas, dizendo que se Dona Benta e Tia Nastácia não obtivessem sucesso na reunião da Europa, só restaria que as formigas dominassem o mundo. Quando a amiga lhe pergunta que reforma faria nas formigas, ela responde que nenhuma, pois as formigas eram perfeitas.

Assim a boneca continua, alterando tudo o que julgasse estar merecendo reparo. Até que Dona Benta e os demais retornam da viagem e se assustam com o que vêem. Dona

Benta a repreende e diz que a natureza era por demais sábia e se havia feito alguma obra, o certo seria deixá-la intacta, como de origem.

Visconde volta da Europa encantado com o estudo das glândulas e diz à Emília que estas são a responsável pelo controle de tudo no organismo. Juntos, montam um laboratório no meio do mato e realizam intervenções cirúrgicas as mais diversas, como a de uma centopéia, da qual arrancam seis pernas e implantam em uma minhoca. Mas acaba caindo um temporal e os cercados onde as pacientes ficavam foram destruídos, resultando na fuga dos mesmos. Aborrecida com a enxurrada que havia levado suas criaturas, Emília desiste dos enxertamentos e destripamentos.

Semanas depois, os jornais dão a notícia do aparecimento de estranhos seres, e Pedrinho argumenta tratar-se de puro sensacionalismo, tudo mentira para aumentar as vendas. Mas um caboclo que morava perto do Sítio procura Dona Benta e oferece suas terras à venda, sem explicar a razão verdadeira; estranhando a pressa do vizinho em se desfazer da propriedade, ela o questiona e ouve o seguinte:

- Vi, Dona Benta, uma formiga do tamanho de um tatu. Não “sirria” não, Dona Benta. Minha mulher também “sirriu” quando eu contei a história, mas pra castigo também topou com outra formiga daquela casta, e agora está que nem pode mais de medo, a coitada. (p. 32)

Depois de outras aparições que espalharam uma onda de pânico no Brasil inteiro, chega ao Sítio o ilustre Dr. Zamenhof, chefe dos “procuradores” dos bichos monstruosos. Então, pressionada por Dona Benta, Emília confessa que tudo era fruto de suas “reinações” com o Visconde.

A história termina com a lição – atualíssima, para os dias de hoje, em que as pesquisas genéticas e as clonagens estão em voga – de que o homem não deve mexer no que a natureza criou, pois ela é profundamente sábia em tudo o que faz. E o homem que for desobediente, insistindo nas reformas, irá pagar caro. Ainda que demore, mais cedo ou mais tarde o castigo sempre chega.

PARTE III

6. Quadros de categorias e representações

Para a construção dos quadros, à medida que lia as obras, ia marcando trechos que considerava pertinentes aos pressupostos teóricos desta dissertação, ou seja, os que se referiam às representações sociais pré-estabelecidas no escopo deste estudo. Obtive, com isso, uma extensa lista de frases sobre natureza, relação natureza-homem, campo, cidade, progresso e sustentabilidade – ainda sem qualquer organização.

Uma vez realizada essa primeira parte, passei a agrupar as frases por afinidade temática. Assim, se o conteúdo estava relacionado às representações sociais de progresso, separei um quadro e nele inseri as passagens dos livros.

Após separados os grupos por categoria, analisei o teor das frases e realizei uma filtragem dos dados, organizando-os em representações. Ou seja, dentro do quadro Natureza havia várias idéias, que chamei de representações: a natureza como símbolo de perfeição, beleza, fonte de recursos, entre outras.

Esse procedimento foi feito em cada um dos dez livros (cinco de Tales de Andrade, cinco de Monteiro Lobato), resultando, no final, em diversos quadros, abaixo transcritos.

Para facilitar a visualização, em amarelo estão as categorias; em azul, as representações.

Mais adiante comentarei os quadros, comparando os dois escritores, para saber que mensagem transmitiam às crianças brasileiras do início do século 20 sobre natureza e meio ambiente.

Acerca dos quadros, observo que há frases que destaquei na cor cinza por conterem palavras-chaves das representações. E, ainda, que há frases repetidas em mais de um quadro, por encaixarem-se como exemplo de mais de uma representação social.

<p>Paraíso: beleza, exuberância</p>	<p>Ao amanhecer, Samuel acordou e, sentindo que o ar ali era de uma frescura e de um perfume sem igual, vendo que milhares e milhares eram as flores espalhadas por aqueles lugares e sem número os pássaros que por ali voejavam, não se conteve mais, despertou os companheiros e começou a recitar: “Este céu tem mais estrelas, estas várzeas têm mais flores, estes bosques têm mais vida. Esta vida mais amores” (Filha da floresta, pp. 19-20)</p> <p>No lugar da pequenina casa, onde Eunice nascera, levantou-se uma bela vivenda. Ao redor, estendia-se um grande jardim, com canteiros de rosas, cravos, papoulas, margaridas, lírios e boninas... Depois, vinha a horta. Em seguida, o pomar, com laranjeiras, pessegueiros, figueiras, bananeiras. Mais além, estava o pasto, tão belo que parecia um manto de veludo sobre a terra. Aí estavam as vacas, os cavalos e as mansas ovelhinhas. Depois, viam-se as culturas de cana, de algodão, de milho... Em seguida, lá surgia a floresta, com as suas árvores altas, seculares; com o seu arvoredado miúdo, juntinho; com a sua vestimenta de muitas trepadeiras. (Filha da floresta, p. 22)</p> <p>Enquanto do colmeal milhões de abelhas saíam à procura do néctar das flores para fabricar o mel, centenaes de pombos voavam em torno do pombal. As estradas pareciam lindas avenidas. Ao redor do Recanto Tranquilo cresciam dez mil paineiras que, em certos meses, formavam uma muralha de flores. Ali, tudo era belo, tudo era bom, tudo encantava! A vida corria docemente para Samuel e Eunice, que não se esqueciam de agradecer a Deus a felicidade que lhes concedera. (Filha da floresta, p. 23)</p> <p>A meia légua do povoado, à margem de um riacho, ficava o sítio Campestre, pequenino, mas sempre bem tratado. Dava gosto vê-lo, de longe ou de perto. À distância, parecia um cromó; de perto, era um jardim. (El-rei Dom</p>	<p>Que lindos lugares ela viu! Florestas de coral, bosques de esponjas vivas, campos de algas das formas mais estranhas. Conchas de todos os jeitos e cores. Polvos, enguias, ouriços – milhares de criaturas marinhas tão estranhas que até pareciam mentiras do Barão de Munchausen. (Reinações de Narizinho, p. 20)</p> <p>Passado o quintal vinha o pomar – aquela delícia de pomar! - Por que delícia? - Porque as árvores eram muito velhas, e árvore quanto mais velha melhor para a beleza e a frescura da sombra. Árvore nova pode ser muito boa para dar frutas bonitas, baixinhas e fáceis de apanhar. Mas para a beleza não há como uma árvore bem velha, bem craquenta, com os galhos revestidos de musgos, líquens e parasitos. (O Saci, pp. 14-15)</p> <p>Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas e borboletas. (O Saci, p. 16)</p> <p>E que mais? Ah, sim, o ribeirão que passava pela casa do Tio Barnabé cortava o pasto e vinha fazer as divisas do pomar com as terras de plantação. Impossível haver no mundo um ribeirão mais lindo, de água mais limpa, com tantas pedrinhas roliças de todas as cores no fundo. Em certos pontos viam-se pequenas praias de areia branca. Nas curvas a água quase que parava, formando os célebres “poços” onde Pedrinho pescava lambaris e bagres. (O Saci, p. 18)</p>
--	--	---

	<p>Sapo, p. 43)</p> <p>E, à noite, quando o galo do sítio, o Topetudo, cucuricou pela primeira vez, os animais do Sétimo Reino se puseram em marcha, abandonando o Campestre, que era um Paraíso, sem Agapito, e que havia mudado em Inferno, com ele. (El-rei Dom Sapo, p. 51)</p> <p>la anoitecer. O céu, no poente, estava de todas as cores; parecia um mar de fogo, com ilhas de prata, navios de ouro e repuxos de brilhantes...</p> <p>- Que pôr-do-sol extraordinário! Exclamou o sr. Florindo aos meninos. Reparem como é bonito o céu de nossa terra. (Bem-te-vi feiticeiro, p. 10)</p>	
--	--	--

NATUREZA	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Fonte de recursos</p>	<p>Abaixo da floresta, lá estava a fonte a cantar, jorrando sempre com abundância para a sede de todos – para a sede dos homens, para a sede do gado, para a sede dos pássaros, para a sede das abelhas e cheirosas flores, das saudáveis hortaliças e das árvores boas que davam fruta. Pouco mais abaixo, lá se achava o tanque, onde nadavam dezenas de patos. Enquanto do colmeal milhões de abelhas saíam à procura do néctar das flores para fabricar o mel, centenas de pombos voavam em torno do pombal. (Filha da floresta, p. 22)</p> <p>- Em paga da proteção que a Floresta me dispensa, passo a vida inteira dando de beber a todos – aos homens, ao gado, aos passarinhos, às flores perfumosas, às hortaliças e às árvores boas que dão fruto. (A filha da floresta, p. 26)</p> <p>Dantes, quando possuía a fazenda, tudo parecia cair do céu por descuido. Não pagava aluguel de casa, não pagava água, lenha, café, feijão, arroz, batatas, cebola, banha, leite, queijo, manteiga, frangos, ovos, verduras, frutas, flores... (Saudade, p. 15)</p> <p>Papai levou-nos à bica. Ao pé de uma árvore, vertia</p>	

	<p>um jorro d'água clara. Todos bebemos dela. - Subam nesse toco, disse papai. Poderão ver como as plantações estão lindas. Penso que colherei carradas e carradas de milho e centenas de alqueires de feijão e de arroz. Hei de ter mantimento para o resto do ano e ainda vender tanto que com o dinheiro possa mandar construir uma boa casa de tijolos, espaçosa, alta, assoalhada, forrada e que sirva definitivamente para nossa morada aqui no sítio. (Saudade, p. 53)</p> <p>- É mesmo, primo. Olhe-se, por exemplo, o vegetal. Joga-se na terra uma pequena semente. Dela nasce uma plantinha que vai crescendo, e fica parecida com aquela donde saiu o fruto com a semente que lhe deu a vida. Então, por sua vez, todos os anos e por muitos anos, carrega-se de frutos, cheios de semente... (Saudade, p. 117)</p> <p>Dali a pouco encontramos no pomar. Pomar propriamente ainda não era, pois não havia lá uma planta sequer que já frutificasse. Mas dali a três ou quatro anos, então sim, seria pomar e pomar dos melhores. Era bem grande a área reservada para isso e que estava sendo plantada pouco a pouco. Naquele ano, por exemplo, papai plantara laranjeiras de qualidade, as mais apreciáveis, como a baiana, a cravo, a abacaxi, a serra-d'água, a seleta, a natal, a laranja-lima... Plantara, também, mangueiras, ameixeiras, goiabeiras... E outras espécies mais. Papai era grande apreciador das frutas! (Saudade, p. 120)</p> <p>A admirável laranjeira tinha dado a prova do seu valor, pela grande carga de suas gostosas frutas. Ia, agora, qual mãe carinhosa, dar vida a milhares de laranjeirinhas que, como ela, haviam de florescer e de frutificar também, pagando com liberdade aos que as plantasse. (Árvores milagrosas, pp. 52-53)</p> <p>Com o auxílio de trabalhadores de Quissássa abriram-se mil</p>	
--	--	--

	<p>covas ao lado da laranjeira-mãe e mil laranjeirinhas, mil filhotes, enxertadas e pegadas, tomaram lugar nessas covas, enfileirando-se como em garboso batalhão vegetal. Quissássa tomara outro aspecto. Aquele belíssimo pomar, tão novo e tão promissor de fartas messes, encantava os olhos e alegrava o coração da gente. (Árvores milagrosas, p. 50)</p> <p>O sítio é nosso, queremos bem a essas terras. Por que havemos de sair daqui? O Quissássa há de dar para viver. (...) Não faltam palmitos na capoeira, nem bagres, traíras e lambaris nas águas. Não faltam almeirões, carurus, serralhas e taiobas por aí, nem mel e caça no mató. Não se há de passar fome, nem pedir esmola. Deus olhará por nós, mamãezinha do coração. (Árvores milagrosas, p. 12)</p>	
--	---	--

NATUREZA	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Modelo de perfeição e organização</p>	<p>Era um recanto onde não faltavam as nascentes de água pura, onde as terras possuíam frescura e força, e onde ninguém apanhara maleitas, amarelão e outras doenças parecidas. Na propriedade inteira não havia partes pedregosas, de piçarra, ou encharcados; e o sítio não era castigado pelas geadas terríveis de rigorosos invernos. (Árvores milagrosas, p. 6)</p>	<p>Já reparou, Emília, como é bem arrumado este reino (<i>sobre o Reino das Abelhas</i>)? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! (Reinações de Narizinho, p. 66)</p> <p>Mas o rei do pomar era o João-de-Barro. Na paineira grande, bem lá no fundo, moravam dois, num ninho feito de argila, em forma de forno de assar pão. Era o casal mais amigo possível. Não se largavam nunca. Onde estava um, também estava por perto o outro. (O Saci, p. 16)</p> <p>A floresta tinha uma vida noturna tão intensa quanto a vida diurna. Entre os homens tudo pára durante certa parte da noite, mas na floresta a vida continua, porque uns seres dormem de dia e vivem de noite e outros dormem de noite e vivem de dia. Assim que os sabiás, sanhaços e tico-ticos se recolhem aos seus pousos ou ninhos, começam a sair das tocas as corujas e morcegos. E as borboletas e mariposas noturnas vêm substituir as borboletas e mariposas diurnas, que adormecem logo que chega a noite. (O Saci, p. 43)</p> <p>Enquanto isso, o Saci repetiu em tom diferente o assobio com que</p>

		<p>chamara o serra-pau; mas dessa vez não veio serra-pau nenhum, sim uma enorme quantidade de vaga-lumes, dos grandes e dos pequenos. Vieram e foram pousando nas folhas e galhos das árvores vizinhas, como se algum invisível guia lhes estivesse a indicar os lugares. (O Saci, p. 50)</p> <p>O gavião e os bem-te-vis obedeceram. Voaram de árvore em árvore, dando uns pios que significavam reunião geral na Figueira Brava no dia seguinte. Essa figueira parecia ter mil anos de idade. Era a maior árvore da zona. Em seu tronco o tempo abrira um enorme oco, no qual dez homens poderiam abrigar-se perfeitamente. Erva nenhuma crescia debaixo dela, porque as ervas não crescem onde não bate sol e ali havia séculos que não batia um raio de sol. (Caçadas de Pedrinho, p. 12)</p> <p>- Órgão é um aparelho que desempenha uma função, isto é, que faz qualquer coisa. Os minerais não têm órgão, por isso são parados. Os vegetais têm. As vidinhas vegetais que surgiram foram se desenvolvendo, ficando cada vez mais complicadas e aperfeiçoadas, até darem os vegetais que temos hoje – as árvores, os capins, tudo. Se analisarmos a matéria que compõe um vegetal, veremos que é toda mineral. Por isso digo que o vegetal é filho do mineral. É o mineral com órgãos. Em certo momento da vida da terra alguns desses vegetais começaram a modificar-se lentissimamente, porque tudo na natureza é terrivelmente lento. Pressa não é com ela. (O poço do Visconde, p. 14)</p>
--	--	---

NATUREZA	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Exemplo de inteligência e sabedoria</p>	<p>El-rei Dom Sapo, que subira ao trono já fazia tantos anos, gastava a maior parte do tempo a ensinar o seu povo a ver no Homem, o Deus dos Animais. “Ele os faz criar, ele os faz destruir”, dizia. E o caso é que ia sendo, indiscutivelmente, o maior e o mais fiel amigo do Homem. Os bons animais tinham fé na palavra de El-rei e, por isso, tudo faziam em benefício do Homem, não o prejudicando, nem o</p>	<p>Está vendo ali aquele galhinho seco?</p> <p>- Sim. Um galhinho como outro qualquer – respondeu o menino.</p> <p>- Pois está muito enganado – replicou o Saci. – Não é galho nenhum, sim um bichinho que finge de galho seco para não ser atacado pelos inimigos. Pedrinho não quis acreditar, mas cutucando o galhinho viu que se mexia. Ficou assombrado da esperteza. (O Saci, p. 35)</p>

	<p>atacando, nem ao que lhe fosse útil, mas, pelo contrário, dando um combate de morte a todos os animais que eram daninhos. (Ei-rei Dom Sapo, pp. 47-48)</p>	<p>A natureza que vive experimentando coisas, depois de criar a vida vegetal resolvera experimentar uma novidade: a vida animal. O processo da natureza é o da experiência e erro. Experimenta, erra; experimenta, erra; súbito, experimenta e acerta – e então fixa ou conserva aquela acerto, e toca para diante com outras experiências. (O poço do Visconde, p. 14)</p> <p>Os sábios sabem que na natureza nada se perde; uma coisa não desaparece, apenas se transforma em outra. Se não está aqui, está ali. Se não está sob esta forma, está sob outra forma. (O poço do Visconde, p. 15)</p> <p>- O oxigênio é uma espécie de guarda da natureza, com a missão de conservar as coisas num certo estado de equilíbrio. Vemos isso com o ferro. Esse metal não existe na natureza no estado livre de ferro puro. Existe sob a forma do óxido de ferro, isto é, misturado ou combinado, com o oxigênio. Os minérios de ferro, ou as pedras de ferro, como o povo diz, não passam dessa combinação – são óxidos de ferro. (O poço do Visconde, pp. 18-19)</p> <p>Dona Benta ficou pensativa. Que mistério, a Natureza! E como ainda está atrasada a ciência dos homens! (O poço do Visconde, p. 57)</p> <p>- Mas que absurdo, Emília, reformar a Natureza! Quem somos nós para corrigir qualquer coisa do que existe E quando reformamos qualquer coisa, aparecem logo muitas conseqüências que não previmos. A obra da Natureza é muito sábia, não pode sofrer reformas de pobres criaturas como nós. Tudo quanto existe levou milhões de anos a formar-se, a adaptar-se; e se está no ponto em que está, existem mil razões para isso. (A reforma da natureza, p. 24)</p> <p>Dona Benta acha que os homens devem formar no mundo uma coisa assim como as formigas. Elas são de muitas raças, ruivas, pretas, saúvas, sarassarás,</p>
--	--	---

		quenquéns, etc., mas vivem perfeitamente lado a lado umas das outras, sem se guerrearem, sem se destruírem. Se as formigas conseguem isso, por que os homens não conseguirão o mesmo? (A reforma da natureza, p. 18)
--	--	---

NATUREZA	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Diversidade</p>	<p>No lugar da pequenina casa, onde Eunice nascera, levantou-se uma bela vivenda. Ao redor, estendia-se um grande jardim, com canteiros de rosas, cravos, papoulas, margaridas, lírios e boninas... Depois, vinha a horta. Em seguida, o pomar, com laranjeiras, pessegueiros, figueiras, bananeiras. Mais além, estava o pasto, tão belo que parecia um manto de veludo sobre a terra. Aí estavam as vacas, os cavalos e as mansas ovelhinhas. Depois, viam-se as culturas de cana, de algodão, de milho... Em seguida, lá surgia a floresta, com as suas árvores altas, seculares; com o seu arvoredado miúdo, juntinho; com a sua vestimenta de muitas trepadeiras. (Filha da floresta, p. 22)</p> <p>Naquele ano, por exemplo, papai plantara laranjeiras de qualidade, as mais apreciáveis, como a baiana, a cravo, a abacaxi, a serra-d'água, a seleta, a natal, a laranja-lima... Plantara, também, mangueiras, ameixeiras, goiabeiras... E outras espécies mais. Papai era grande apreciador das frutas! (Saudade, p. 120)</p> <p>Na horta, os tomates e os pimentões vermelhos pareciam distribuídos como enfeites, por entre a verdura das couves, das alfaces e dos repolhos... Já não se entrava no pomar sem que a vista logo descobrisse alguma fruta amarelinha e tentadora disputada pelos pássaros. O jardim parecia um céu aberto. Da janela do meu quarto, avistava-se o pasto, como um presépio cheio de animais. O trole coberto, e de dois assentos, repousava o rancho, ao lado dos carroções, das carroças, dos arados e dos arreios. No colmeal, atarefadas,</p>	<p>Nas férias do ano anterior Pedrinho havia plantado em cada canto da varanda um pé de cortina japonesa, uma trepadeira que dá uns fios avermelhados da grossura de um barbante, que depois ficam amarelos e descem até quase ao chão, formando uma verdadeira cortina viva. Aquela varanda estava se transformando em jardim, tantas eram as orquídeas que o menino pendurara lá e os vasos de avenca da miúda que ele foi colocando junto à grade. (Reinações de Narizinho, pp. 13-14)</p> <p>Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas e borboletas. (O Saci, p. 16)</p> <p>Que lindos lugares ela viu! Florestas de coral, bosques de esponjas vivas, campos de algas das formas mais estranhas. Conchas de todos os jeitos e cores. Polvos, enguias, ouriços – milhares de criaturas marinhas tão estranhas que até pareciam mentiras do Barão de Munchausen. (Reinações de Narizinho, p. 20)</p> <p>O jardim ficava nos fundos da sala de jantar, um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta: esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-de-macaco, dois pés de jasmim-do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim-manga. Plantado na calçada e a subir pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer. (O Saci, p. 14)</p> <p>No tempo das laranjas o pomar enchia-se de sabiás de peito</p>

	<p>zumbiam milhões de abelhas. Perderiam o tempo os que, no terreiro, tentassem contar a galinhada. (Saudade, p. 160)</p> <p>Perto da casa, no terreiro, na horta, no chiqueirão, no pomar, no pasto e na roça, há de tudo: rolinhas, sanhaços, graúnas, tesouras, bem-te-vis, chanchãs... A todo instante, estão cortando o ar beija-flores e gaviões ou bandos de pombos, de maitacas e de tuís... Dizem que é uma beleza sem conta! (Bem-te-vi feiticeiro, p. 5)</p> <p>Não faltam palmitos na capoeira, nem bagres, traíras e lambaris nas águas. Não faltam almeirões, carurus, serralhas e taiobas por aí, nem mel e caça no mato. Não se há de passar fome, nem pedir esmola. Deus olhará por nós, mamãezinha do coração. (Árvores milagrosas, p. 12)</p>	<p>vermelho, amigos de cantar a célebre música-de-sabiá que os pais vão ensinando aos filhotes, sempre igualzinha, sem a menor mudança. E havia os sanhaços cor de cinza clara. E as saíras azuis. E as graúnas pretíssimas. E muito canário-da-terra, muito papa-capim, tízio, pintassilgo, rolinha, corruíla... (O Saci, p. 16)</p> <p>Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. (Reinações de Narizinho, pp. 105-106)</p> <p>Vieram as pacas, tão medrosinhas; vieram os veados ariscos; as antas pesadonas; os quatis sempre alegres e brincalhões; os cachorros-do-mato e as iraras de olhar duro; as jaguatiricas de movimentos macios. Vieram os tatus encapotados em suas cascas rijas; as lontras embrulhadas em suas capas de pele macia como o veludo; as preás assustadinhas. Também vieram cobras – as jibóias enormes que engolem um bezerro taludo; as cascavéis de guizos na ponta da cauda; as lindas corais vermelhas; as muçuranas que se alimentam de cobras venenosas sem que nada lhes aconteça. E sapos – desde o sapo-ferreiro, cujo coxo lembra marteladas em bigorna, até a pequenina perereca, que vive pererecando pelo mundo. E aves, desde o negro urubu fedorento, até essa jóia de asas que se chama beija-flor. E ainda insetos – borboletas de todos os desenhos e cores, besouros de todas as cascas, serra-paus de todas as serras. E joaninhas e louva-a-deus e carrapatos... (Caçadas de Pedrinho, pp. 12-13)</p> <p>(...) a fauna e a flora do mar são imensas, muitíssimos mais ricas que a fauna e a flora da terra. Os cetáceos e os peixes representam as formas graúdas de vida marinha – as baleias, os tubarões, os espadartes, os atuns, os salmões, os arenques.</p>
--	---	---

		<p>Mas muito mais que isso são as formas de vida miudinha, que em vez de nadar, bóiam na imensa massa líquida. Se a flora e fauna miúda fossem juntadas num bloco dariam uma montanha muito maior que a formada de todos os peixes. (O poço do Visconde, p. 15)</p> <p>- Que pena não termos nascido nessa época! – suspirou Emília. O mundo está hoje uma vergonha em matéria de bichos, sobretudo aqui no Brasil. Umas paquinhas, umas capivaras e umas tais onças aí pelos fundões, que a gente nunca vê. Só se salva a África, com uma bicharia ainda bem bonita – girafas, rinocerontes, hipopótamos, leões... (O poço do Visconde, p. 42)</p>
--	--	---

NATUREZA	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>“Lei da selva”</p>		<p>Tanta graça achou a menina nessa pergunta que não resistiu à tentação de agarrá-lo e beijá-lo na testa.</p> <p>- Você é um burrinho, sabe, Príncipe? Um amor de burrinho...</p> <p>Como ignorasse o que queria dizer burrinho, o Príncipe não se ofendeu. (Reinações de Narizinho, p. 119)</p> <p>- Depois temos a Era Mesozóica, ou Secundária, cujos terrenos se compõem de argilas, piçarras, calcários de conchas. Surgem fósseis de plantas já bastante adiantadas, como as coníferas, as cicadácias, os grandes fetos arbóreos; e também fósseis de sapos gigantescos, sáurios enormes, plesiossauros, ictiossauros, lagartões voadores, toda essa bicharada que parece pesadelo, quando a vemos reconstruída nas salas dos museus paleontológicos. São as camadas mais românticas da crosta da terra. A vida naquele tempo era muito mais violenta que hoje, de modo que o Mesozóico parece um verdadeiro romance de monstruosidade. (O poço do Visconde, p. 41)</p> <p>- Que horror! – exclamou Pedrinho. – A vida nesta floresta não tem sossego. Só agora compreendo por que os animais</p>

		<p>selvagens são tão assustados. A vida deles corre um risco permanente, de modo que só escapam os que estão com todos os sentidos sempre alerta.</p> <p>- É o que os sábios chamam a luta pela vida. Uma criatura vive da outra. Uma come a outra. Mas, para que uma criatura possa comer outra, é preciso que seja mais forte – do contrário vai comer e sai comida. (O Saci, p. 34)</p> <p>- Pois assim é – continuou o Saci. – A lei da floresta é a lei de quem pode mais, ou por ter mais força, ou por ser mais ágil, ou por ser mais astuto. A astúcia, principalmente, é uma grande coisa na floresta. (O Saci, p. 35)</p> <p>- Está louco, Pedrinho? Não sabe que onça é um bicho feroz que come gente?</p> <p>- Sei, sim, como também sei que gente mata onça. (Caçadas de Pedrinho, p. 7)</p> <p>- Esses seres, se são gente, recebem o nome de anima nobile – almas nobres; se são bichos, recebem o nome de anima vile – almas vis. (A reforma da natureza, p. 30)</p>
--	--	--

RELAÇÃO NATUREZA-HOMEM	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Natureza recompensa e ajuda a quem a respeita</p>	<p>Sílvio era o seu nome. Crescera forte e era inteligente. Era adorado pelos pais, estimado de todos os que o conheciam, e querido pelos próprios animais da fazenda. Como não havia de ser assim? Aos pais, ele obedecia sorrindo. Era delicado para com os empregados. Tratava os animais com carinho. É verdade que subia às árvores como um serelepe, mas nunca tirou um ninho. Corria pelo campo como um veado, saltava como um cabrito, nadava como um pato e mergulhava como um peixe. Mas não armava arapucas ou alçapões para prender os pássaros.</p> <p>- Para quê? Dizia ele. Para ouvi-los cantar? Para ouvi-los cantar, basta não ser surdo.</p> <p>Montava em potros velhacos e gostava de tourear bezerras. Pela escuridão da noite era capaz de atravessar o parque, sozinho. Mas não andava armado de</p>	

	<p>bodoque ou de atiradeira para matar os pobres passarinhos.</p> <p>- Para quê? Dizia ele. Para comê-los? Passarinho é só pena! Mais vale um frango novo ou um peru magro do que cinquenta passarinhos juntos. Em vez de persegui-los, tratava deles. Em vez de maltratar os animais, fazia-lhes bem. Era por isso que uma corruíra chegava bem pertinho dele, sem medo, todas as manhãs, catando pulgões e larvazinhas. Era por isso que um sapo, morador sob umas pedras, no parque, não fugia à sua passagem. Era por isso que os patos o rodeavam quando ele ia nadar. Era por isso que o cavalo acudia correndo ao seu chamado. Era por isso que os cães o festejavam... (A filha da floresta p. 24)</p> <p>Estava sentado ao pé da fonte, olhando as águas saírem debaixo da terra, borbulhando, tão claras, tão puras, tão gostosas... Como se explicava aquilo? Onde vinha tanta água, tanta água, sempre a sair, sempre a sair, dia e noite a sair, sem se acabar?! Era uma coisa esquisita. E Sílvio disse:</p> <p>- "Oh, meu Deus! Quem saberá o segredo das fontes?"</p> <p>Trazida pela brisa ou pelas águas, uma voz lhe respondeu:</p> <p>- "Eu sei".</p> <p>Sílvio olhou para todos os lados e viu que estava só. Teve medo e quis fugir. Não o fez, porque dentre as águas da fonte saiu uma fada muito linda que lhe disse com doçura:</p> <p>- "Não fuja, bom menino. Não se assuste e nada receie de mim. Sou a Filha da Floresta. Sei que você protege os pássaros, sei que trata bem dos animais. Por isso, vendo que você deseja conhecer o segredo das fontes, aqui estou para explicar esse segredo". (A filha da floresta, p. 25)</p> <p>- Meu bom menino. Você bem sabe que está no seio da Floresta Grande e em presença da Rainha das Árvores. Bem sei, também, o que pretende. A você, que conheceu o segredo da fonte e que tudo fez para sua salvação, darei os meios para ressuscitá-la. E dizendo isso, tirou debaixo do xale um feixe de pequeninas plantas e uma porunga.</p>	
--	--	--

	<p>- Tome. São mudinhas e sementes encantadas. São mudinhas e sementes de todas as árvores que formavam a floresta protetora da fonte. Vá, Sílvio! É forçoso plantá-las sem demora! (A filha da floresta, p. 34)</p> <p>Ele, o nhô Fidélis, estava com os cabelos todos brancos, mas era um homem ainda vigoroso. Amava a terra e sabia tratá-la como ninguém. Amava as boas plantações e os bons animais, tanto que até parecia compreendê-los. Ela, a nhá Vicência, tinha, como o esposo, a cabeça alvejando, mas ainda sozinha dava conta dos serviços da casa e do tratamento das criações. Ambos desconheciam a preguiça. Não desperdiçavam o tempo. E, como um prêmio dos céus, tudo lhes corria bem. (El-rei Dom Sapo, p. 43)</p>	
--	--	--

RELAÇÃO NATUREZA-HOMEM	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Natureza é piedosa e perdoa o homem</p>	<p>Dos olhos de Sílvio, que fora vê-la, caíram também as últimas lágrimas.</p> <p>- Oh! Meu Deus! Exclamou ele. Como foi possível acontecer tudo isso? Que fazer, agora? Se eu pudesse ressuscitar as árvores? Saindo da terra, uma conhecida voz lhe respondeu, muito baixinho:</p> <p>- Você pode. A bondade tudo pode. Você é bondoso. Viu o quanto você fez para salvar-me. Acompanhei o seu sofrimento... merece que eu lhe ensine a maneira de ressuscitar as árvores. (A filha da floresta, p. 31)</p> <p>O trovão ribombou. Nuvens e nuvens apareceram, correndo baixas pelo espaço. O vento principiou a soprar devagarinho, brandamente. O abafamento insuportável do ar foi se transformando numa frescura agradável. Grossos pingos principiaram a cair, aqui e ali, por toda parte. Era a chuva!</p> <p>E a chuva caiu, abundante e pesada. Caiu como uma bênção celestial sobre aqueles lugares, há pouco tão desolados, há pouco tão tristes!</p> <p>E a chuva caiu como um bálsamo para o sofrimento dos animais e</p>	

	<p>para o sofrimento das plantas. (A filha da floresta, p. 35)</p> <p>Um dia, na aula, Agapito começou a chorar.</p> <p>- Que é isso? perguntou-lhe a professora. Você está doente? Ele se levantou e, num desabafo, contou tudo:</p> <p>- É que a senhora explicou uma coisa aí, que me abriu os olhos. Eu sou o culpado de o sítio do padrinho estar do jeito em que está, praguejado que descoroça a gente.</p> <p>- Não entendo.</p> <p>- Pois é. A senhora não acabou de dizer que se não fossem os bons animais, os animais úteis, como os passarinhos, os sapos, as lagartixas, os morcegos, as corujas, o homem estaria perdido, por não ser capaz de vencer, sozinho, os animais ruins?</p> <p>- Disse, sim. E é a verdade.</p> <p>- Pois eu sempre fui o maior inimigo desses animais. Nem sei quantos passarinhos eu prendi e matei, de toda maneira. E sapos? E lagartixas? E corujas? Mas, de hoje em diante, minha mestra...</p> <p>- Que é que você pretende fazer?</p> <p>- De hoje em diante, minha mestra, hei de ser amigo desses amigos. (El-rei Dom Sapo, p. 56)</p> <p>- Um sapo por aqui? Há quanto tempo não vejo um sapo! exclamou Agapito. Ah! Coitadinho! Está morto! Quem seria o malvado que o matou? Abaixou-se e, com delicadeza, ergueu o animal.</p> <p>- Quando é que eu havia de pensar que este animal é bom, é um dos nossos melhores amigos? O Untanha ficou tão admirado ao ouvir essas palavras, que se esqueceu do papel de morto e abriu a boca!</p> <p>- Vive?! Que bom! De certo só está machucado! Como hei de fazer para cura-lo? Ah! Se a gente o puser n'água com certeza há de sarar.</p> <p>E Agapito carregou o Untanha, com todo o cuidado possível, até a primeira água, onde o soltou. (El-rei Dom Sapo, p. 57)</p>	
--	--	--

RELAÇÃO NATUREZA-HOMEM	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
	Quando os malditos anões ergueram os machados reluzentes para matar o pobre	

<p>Natureza intervém para salvar o homem bom da maldade do homem mau</p>	<p>Sílvio, um sapo enorme, maior do que um cavalo, pulou na estrada e esguichou-lhes, pelo rosto, um líquido esverdinhado e corrosivo. O capataz e os anões, gemendo e praguejando, começaram a rolar e a se estorcer pela poeira da estrada. Pareciam cegos! Sílvio reconheceu logo que o seu salvador era aquele sapão monstrengo que morava sobre uma das pedras, lá no parque de sua casa. Quis agradecer-lhe o benefício, mas ele já havia desaparecido. (A filha da floresta, p. 33)</p>	
---	---	--

<p>RELAÇÃO NATUREZA-HOMEM</p>	<p>TALES DE ANDRADE</p>	<p>MONTEIRO LOBATO</p>
<p>A natureza se rebela</p>	<p>Começaram, de toda parte e a todo instante, a surgir bandos de queixosos. As horas que El-rei e seus ministros costumavam destinar às audiências já não bastavam para as encomendas. Chegava Dona Lagartixa, carregada numa padiola e gemendo, contava que o menino lhe havia arrancado um pedaço da cauda. Vinha a Senhora Tico-tico, de luto, enxugando os olhos lacrimosos e avermelhados, e descrevia uma triste cena, de cortar os corações. O malvado lhe descobrira o ninho, na forquilha alta do cambará, e, sem lhe atender aos rogos, esmagara-lhe os queridos filhotes. E era assim um sem-número de reclamações. Sabiás, sapos, morcegos, libélulas, anus, muçuranas, corujas, lagartixas, cuiabanas, louva-a-deus... formavam uma romaria interminável à lagoa da Barroca Funda.</p> <p>- Justiça! Queremos justiça! reclamavam. (El-rei Dom Sapo, p. 48)</p> <p>E, à noite, quando o galo do sítio, o Topetudo, cucuricou pela primeira vez, os animais do Sétimo Reino se puseram em marcha, abandonando o Campestre, que era um Paraíso, sem Agapito, e que havia mudado em Inferno, com ele. (El-rei Dom Sapo, p. 51)</p> <p>Nhô Fidélis e nhá Vicência, depois de fazer tudo o que sabiam, se lembraram e lhes foi aconselhado para a salvação do Campestre, depois de gastar, inutilmente, as economias todas</p>	<p>- Amor com amor se paga – disse uma jaguatirica. – Matando a nossa rainha esses meninos nos declaram guerra. Paguemos na mesma moeda. Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto ao sítio de Dona Benta. (Caçadas de Pedrinho, p. 14)</p> <p>- Eles mataram minha esposa! – clamava com voz trêmula de cólera um enorme onção (como dizia a Emília). – Estou viúvo da minha querida onça por artes daqueles meninos daninhos do sítio de Dona Benta. Mataram-na e levaram-na de arrasto, amarrada com cipós, até ao terreiro da casinha onde moram. Tiraram-lhe a pele que depois de esticada e seca ao sol está servindo de tapete na varanda. Ora, isto é crime que pede a mais completa vingança. Guerra, pois! Guerra de morte a essa ninhada de malfeitores. (Caçadas de Pedrinho, p. 17)</p>

	<p>com venenos para os bichos, depois que fizeram diversas rezas e o benzimento do sítio, acharam que o compadre Salvador, da Volta Grande, é que tinha razão. Ele é que falava a verdade. Não restava mais dúvida. – O mal atrai o mal. O mau estava atraindo os maus. Agapito era o culpado de toda aquela desgraça. Era preciso expulsá-lo. (El-rei Dom Sapo, p. 52)</p>	
--	--	--

RELAÇÃO NATUREZA-HOMEM	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Boas ações humanas levam a boas ações dos seres da natureza</p>	<p>Não foi preciso que Sílvio, com as suas mãozinhas delicadas, afastasse os ramos para entrar na selva; a folhagem por si se abriu e ele penetrou no seio da mata virgem. (A filha da floresta, p. 33)</p> <p>- Boa Rainha das Árvores, respondeu Sílvio, desconsolado. Levei sete dias e sete noites para vir até aqui. Como chegar depressa à minha casa?</p> <p>- Nas minhas costas! Disse o sapão, surgindo novamente. Sílvio, satisfeitíssimo, amarrou o feixe de mudinhas e a porunga de sementes a tiracolo, abraçou a sua benfeitora e mal subiu às costas do sapão, este saltou pelo espaço, num pulo colossal. (A filha da floresta, p. 34)</p> <p>A laranjeirinha pegou; soltou brotos vigorosos, cresceu e se desenvolveu a olhos vistos, para alegria dos que a tratavam como uma princesa ou rainha. Sempre viveu livre de mato e protegida contra as saúvas; teve sempre a terra fofa e não lhe faltaram água e adubo. Assim, saudável e agradecida, floresceu e frutificou. (Árvores milagrosas, p. 50)</p>	

RELAÇÃO NATUREZA-HOMEM	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>O homem que destrói a natureza</p>	<p>(...) passo a vida inteira dando de beber a todos – aos homens, ao gado, aos passarinhos, às flores perfumosas, às hortaliças e às árvores boas que dão fruto. Mas os homens são ingratos. Os homens destroem a Floresta. E a destruição da Floresta é a minha morte. (A filha da floresta, p. 26)</p> <p>O pai não seria tão ingrato e tão</p>	<p>Apanharam as armas e se arrojaram contra a fera com verdadeira fúria. Narizinho esfregou-lhe a faca no lombo, como se a onça fosse pão e ela quisesse tirar uma fatia. O Visconde conseguiu, depois de várias tentativas, enterrar-lhe no peito o seu sabre de arco de barril. Emília fez o mesmo com o espeto de assar frango. Pedrinho</p>

	<p>mau que mandasse derrubar aquelas matas. Foi pensando em tudo isso que Sílvio entrou na sala, onde encontrou o pai em conversa com um trabalhador.</p> <p>- Está dito, dizia este, com voz desagradável. Está dito! A floresta vai pro chão! Para que serve aquilo? Para morada de passarinhos? Os passarinhos que tratem de fugir. Está dito! A floresta via pro chão!... (A filha da floresta, p. 27)</p> <p>Sílvio ainda chorava quando o homem voltou e, com cara de poucos amigos, disse:</p> <p>- No terreiro, os cães morderam-me; no pasto, o gado me chifrou; na estrada, fui picado pelas abelhas... Não importa! Aqui estou com os meus. A floresta vai para o chão!</p> <p>Na mesma hora encaminharam-se para a floresta e, com uma fúria de doidos, iniciaram a derrubada. Os braços subiam e desciam sem piedade, os machados calavam nos velhos troncos, arrancando-lhes lascas. A cada instante, o fragor de alguma grande árvore a cair abafava o pã-pã dos machados. Uma a uma, iam rolando por terra: as perobeiras, os bálsamos, os jatobás, as juçaras, os pequiás, os cedros, os jaguatirões, os faveiros, os jacarandás, as maçarandubas, as cabriúvas, os araribás, os cambuís...E enquanto o sol a pino queimava como uma brasa, o horroroso capataz derrubador, sempre a grunhir e a arreganhar a dentuça de cachorro louco, lançou fogo numa touceira. Minutos depois, apareceu a primeira labareda, pequena ainda e medrosa; outras labaredas foram aparecendo, aqui, ali, por toda parte; logo depois, soprado pelos ventos, o fogo se estendeu por tudo, cresceu, tomou conta do terreno, roncou com uma violência de mil demônios, devorou as tranqueiras, torrou a folhada, torrou a galharada, despejou para o céu um mundão de fumaceira negra, estreljada de faíscas. Era o triste espetáculo! Era a queimada! (A filha da floresta, pp. 28-29)</p> <p>Uma ponta acesa de cigarro, jogada por acaso, à beira do caminho, incendiou os canaviais, incendiou as cercas, queimou o</p>	<p>macetou-lhe o crânio com a coronha da sua espingarda. Até Rabicó perdeu o medo e, depois de carregar de novo o canhão, deu-lhe um bom tiro à queimadura. Assim atacada de todos os lados, a onça não teve remédio senão morrer. (Caçadas de Pedrinho, p.10)</p> <p>- Eles querem matar você – disse-lhe Emília certa manhã. – Trouxeram para esse fim um canhão-revólver e uma metralhadora. O rinoceronte arrepiou-se todo. Jamais supusera que a atividade daqueles homens e toda a trapalhada das linhas, que andavam assentando, tivessem por fim dar cabo da sua vida.</p> <p>- Mas por quê? - indagou, em tom magoado. – Que mal fiz eu a essa gente?</p> <p>- Nenhum, mas você é o que os homens chamam “caça” – e o que é caça deve ser caçado. Quando os homens encontram no seu caminho uma lebre, uma preazinha, um inambu, um pato selvagem ou o que seja, ficam logo assanhadíssimos para matá-lo – só por isso, porque é caça. Mas você não tenha medo que não será caçado (Caçadas de Pedrinho, p. 38)</p>
--	--	--

pasto. Vacas, cavalos e ovelhas, tristes, moribundos, mugiam, rinchavam e baliavam, enquanto bandos de corvos a grasnar voejavam pelo espaço. Morreram as hortaliças, morreram as flores. As árvores do pasto e do pomar também secavam

Depois veio a desgraça. Um sol de fogo, da manhã à noite, todos os dias e durante meses a fio, ardia no céu sem nuvens. Os caminhos ficaram empoeirados; as terras, endurecidas, racharam-se; os algodoais, os cafezais, os milharais, os canaviais... mirraram, enrolando as folhas.. E a fonte? A fonte dobrara as suas águas, talvez para morrer mais depressa, porque, de repente, principiou a diminuir, a diminuir... e já não era senão um fio d'água.

(A filha da floresta, p. 30)

Aos nove anos de idade, tornou-se o terror da redondeza. Martirizava os animais inofensivos. Cortara as orelhas e o rabo do Taperá, um cachorro de estimação, guarda do sítio. Jogara água fervendo no pobre gato, o Caruncho, que morreu com o corpo feito uma ferida. Às vezes, pegava um frango e arrancava-lhe, aos punhados, todas as penas. Esvaziava os cochos para ver as criações padecendo sede. Por todos os cantos do sítio, armava esparrelas, arapucas, visgos, alçapões... Não largava do bodoque. Vivia com os bolsos cheios de pelotas, que atirava aos cavalos, às vacas, aos porcos... Quando ia à roça, sentia um prazer indizível em pisar, de propósito, as plantinhas que nasciam, milho, feijão, arroz... Gostava de malhar as árvores.

(El-rei Dom Sapo, pp. 46-47)

- Não de ver comigo os passarinhos! Não de ver pelotes e chumbo, sem descanso! É em troca do que sofro na cidade, onde não se pode caçar. (...) Quem puxa um estilingue perto de mamãe? Quem? Nos arrebaldes da cidade, pelos pastos e pelas estradas, há bandos de anus pretos, que são feios, gritadores, sem-vergonha. Quem lhes dá importância? Ninguém! Mas no sertão, lá na fazenda do padrinho Florindo, lá sim, há milhares de aves, grandes e bonitas, de todas as

	<p>espécies. Segundo ouvi dizer, lá sim, dá gosto de caçar. Perto da casa, no terreiro, na horta, no chiqueirão, no pomar, no pasto e na roça há de tudo (...). E, na floresta, então?! (Bem-te-vi feiticeiro, pp. 4-5)</p> <p>- Fracos e inocentes, desprotegidos e sem defesa, somos fortaleza e proteção dos racionais. E que aspiramos em troca de tal dedicação e em paga de benefícios tais? Somente a paz! Apenas respeito às dádivas que Deus nos fez – da vida e da liberdade. Será muito querer? Será pretender o impossível? Violar-no-ão o sagrado direito à vida e à liberdade, a nós que só vivemos para o bem? Sim! O Homem, filho de Deus e rei da criação, nos faz a guerra sem tréguas. Sim. O Homem, tendo coração e tendo raciocínio, é quem nos rouba a liberdade por todos os meios, sob desculpas as mais injustas; é quem nos arranca a vida, por todas as maneiras, ainda as mais bárbaras! (Bem-te-vi feiticeiro, pp. 25-26)</p>	
--	--	--

RELAÇÃO NATUREZA-HOMEM	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>O homem ama a natureza e a protege</p>	<p>-Sabe, patrão, disse ele macaco não se mata. Eu, pelo menos, desde que me aconteceu uma, larguei de querer liquidar com essa raça de bichos. Foi assim: um dia, no meio de um mato virgem, vi um bando de macacos numa árvore. Apontei a espingarda para uma, que carregava um macaquinho. Assim matava dois de um golpe. Já ia fazer fogo, mas não tive coragem. (Saudade, p. 43)</p>	<p>Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm. Lúcia toma a boneca e vai passear à beira d'água, onde se senta na raiz dum velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris. Não há peixe do rio que não a conheça; assim que ela aparece, todos acodem numa grande fome. Os mais miúdos chegam pertinho; os graúdos parece que desconfiam da boneca, pois ficam ressabiados, a espiar de longe. (Reinações de Narizinho, p. 12)</p>

RELAÇÃO NATUREZA-HOMEM	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
	<p>Enleve-me com a criação de</p>	<p>- E eu acho – disse ela – que</p>

<p>O homem domestica a natureza</p>	<p>abelhas. Quarenta e tantos caixões, todos pintados iguazinhos e em fila ao lado do cafezal. Gabriel, disposto como estava, deu-me logo uma série de explicações sobre as abelhas.</p> <p>- Eu não pensava que se pudesse criá-las daquele jeito, obrigando-as a fabricar os favos nos quadros certos e podendo abri-lhes os caixões, a qualquer hora, para ver o andamento da colheita de mel.</p> <p>- Isso é que se chama ciência! Ter por aí milhões de abelhinhas, catando o mel de todas as flores, para pô-lo à nossa disposição!</p> <p>- É isso mesmo. Papai tira um bom rendimento com as abelhas. Vende muitos cem mil réis de mel e cera por ano. Se mais tivesse, mais venderia. Depois, contam e é sabido que onde há abelhas as plantações dão muito mais. (A filha da floresta, p. 69)</p>	<p>poderemos atacar um problema em que ninguém ainda pensou: a domesticação das formigas... Todos olharam para a boneca, muito espantados.</p> <p>- Sim, o homem domesticou vários animais, como o boi, o cavalo, o cachorro. Por que não há de domesticar mais um – a formiga? Dizem que o estrago que esse bichinho faz na agricultura é imenso, e até aqui o homem, na sua brutalidade, só pensou numa coisa: matar a formiga. Mas por mais que as mate elas aí estão cada vez mais numerosas. Minha idéia é abandonar essa guerra inútil e fazer um tratado de paz entre o homem e a formiga – domesticando-a, como já se fez com o cavalo, o boi e o cão. (O poço do Visconde, p. 90)</p>
--	---	---

CAMPO	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Lugar de paz e felicidade</p>	<p>- Como é a vida no campo, papai?</p> <p>- Viver no campo, meu filho, é viver na simplicidade; é viver com a natureza e encantado pela natureza. Viver no campo é não se importar com o luxo, é não se importar com a fama. Viver no campo é amar as plantas, é amar as fontes. Viver no campo, meu filho, é amar a chuva que faz nascer as sementes e o sol que amadurece os frutos. Viver no campo é amar a tarde, com a sua poesia, a noite com o seu sossego e a aurora com o seu encanto. (A filha da floresta, p. 17)</p> <p>- No campo, só o anoitecer quanto não vale? Aqui... Bem dizem os escritores e cantam os poetas: "A tarde traz a porção de poesia de que precisa o nosso espírito. Todos os rumores tomam a suavidade de um suspiro perdido. Em todas as nuvens se apaga a refulgência de ouro, e o esplendor, que se não deixa fitar, é então atenuado. O céu derrama uma doçura, uma pacificação que penetra na alma e a torna também pacífica e doce... O piar velado e curto dos pássaros traz a lembrança</p>	<p>Quando naquela tarde Pedrinho voltou da escola e disse à Dona Tonica que as férias iam começar dali uma semana, a boa senhora perguntou:</p> <p>- E onde quer passar as feiras deste ano, meu filho?</p> <p>O menino riu-se.</p> <p>- Que pergunta, mamãe! Pois onde mais, senão no sítio de vovó. (O Saci, p. 12)</p> <p>Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas e borboletas. Como Dona Benta nunca admitiu por ali nenhum menino de estilingue, a passarinhada se sentia à vontade e fazia seus ninhos como se estivessem na Ilha da Segurança. O próprio bodoque de Pedrinho não funcionava no pomar. (O Saci, p. 16)</p> <p>- Quando cansar-se da civilização e quiser uma temporada de descanso, escreva-me. Terá sempre um talher na mesa da sua velha comadre. Eu não saio. Continuo na roça. (O poço do Visconde, p. 78)</p> <p>- Minha casinha, compadre, é o palácio da felicidade. Não troco nem pelo Buckingham Palace do Rei Jorge VI... (O poço do Visconde, p. 96)</p>

	<p>de um ninho feliz. Em fila, a boiada volta do pasto, cansada e farta, e vai ainda bebericar no tanque. Um carro retardado, pesado de troncos, geme pela sombra dos atalhos. As casas, voltadas para o poente, com uma ou outra janela acesa em brasa, e os cimos redondos das árvores apinhadas, parecem ficar, de repente, parados, melancólicos e graves, olhando a partida do sol, que mergulha lentamente... Escurece. Os pirlampos, nas sebes, acendem as suas lanterninhas verdes. Vênus cintila no alto. E o dia, aqui no sítio, finda, enquanto ao lado alguém ponteia a viola e canta uma dessas lindas canções brasileiras, longas em saudades e ais, e a lua, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surge, como a escutar, por detrás dos negros montes...". (Saudade, pp. 77-79)</p> <p>O nosso devaneio parou ali. Calamo-nos. Cada qual ficara absorto, um êxtase, enlevado pelas coisas maravilhosas da terra. (Saudade, p. 119)</p> <p>-Arre! Suspirou nhá Vicência, abrindo a porteira de entrada do Campestre. Graças a Deus, estamos em casa! - É verdade, respondeu nhô Fidélis. Não há nada como a casa da gente. E para mim não há dinheiro que pague este silêncio e este sossego! (El-rei Dom Sapo, pp. 44-45)</p> <p>- Pulemos da cama, então. Eu quero ver o sol nascer... E, no terraço, vendo clarear o dia, estiveram na cama até que os chamassem para o copo de leite, tirado da vaca naquele instante. - Ah! Exclamava Marcelo, a cada passo. Valeu a pena ter vindo. Isto é que é vida! O serão parece outro mundo... Como não havia de parecer-lhe assim, se os seus olhos e ouvidos andavam atentos aos milhares de aves, de todos os tamanhos e de todos os feitios, que se faziam ver, por toda parte, e se faziam ouvir, por todos os cantos? (Bem-te-vi feiticeiro, p. 13)</p>	
--	---	--

CAMPO	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
Ambiente saudável e de cura	<p>- Eu me sinto outra, respirando estes ares saudáveis do campo. (Saudade, p. 50)</p> <p>Mamãe, todas as noites, nas suas fervorosas preces, agradecia ao Criador a inspiração que nos encaminhara de volta ao viver da roça, proveitoso, saudável e feliz. (Saudade, p. 161)</p>	

CAMPO	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
Pessoas honestas e trabalhadoras	<p>Passaram-se alguns anos. Com o trabalho de Samuel, por ali, tudo mudou. Aos poucos, como que por encanto, aquelas terras se transformaram numa confortável fazenda, que recebeu o nome de Recanto Tranquilo. Samuel, desde que ali chegara, não parara um só instante (...). Seguindo os conselhos de seu pai e com a sua força de vontade, fez do Recanto Tranquilo um verdadeiro Paraíso. Como tudo mudou! (A filha da floresta, p. 22)</p> <p>- (...) Quero mostrar-lhe as nossas terras. Muito já trabalhamos, mas ainda fizemos pouco, diante do que resta a fazer. Se Deus permitir, hei de transformar isso aqui, pouco a pouco, num verdadeiro jardim. Já que nos saiu má a vida na cidade, já que nos dispusemos a residir no sítio para sempre, estou disposto a cercar a nossa morada de todo o conforto possível. Não me falta esperança, nem coragem, para levar avante esta empreitada.</p> <p>- Pois lhe garanto, Raimundo, que encontrará em mim uma companheira e decidida e pronta para auxiliá-lo a realizar esses dourados planos. (Saudade, p. 52)</p> <p>- Não é roça de papai. É minha roça, respondeu Raul parando. Aqui é assim. Também tenho a minha plantação.</p> <p>- Você não nos contou nada, hem?</p> <p>- Palavra que me esqueci. Pois</p>	

	<p>fique sabendo, agora, que só no ano passado, de milho, feijão e arroz colhi e vendi para mais de cem mil réis. E não é só isso. Também crio. Tenho as minhas galinhas, o meu leitão, a minha vaca...</p> <p>- Seu pai não se importa, Raul?</p> <p>- Ele até gosta. Procura ensinar-me naquilo em que não estou muito prático.</p> <p>- E que faz você com o dinheiro?</p> <p>- Quis dá-lo a papai, ou comprar o que precisasse, mas ele não deixou. Então guardei-o para ir arranjando um capitalzinho, com o qual, algum dia...</p> <p>- ... você comprará também o seu sítio, não é assim?</p> <p>- É, Mário. Você adivinhou. É isso mesmo...</p> <p>- Pois estou enlevado com a sua idéia.</p> <p>Eu também hei de fazer a minha roça e a minha criação. Sei que papai há de gostar. Vamos, Raul, não pare o seu serviço por nossa causa.</p> <p>- Então, com licença. Preciso aproveitar a fresca da manhã.</p> <p>(Saudade, pp. 88-89)</p> <p>Naquele ano, por exemplo, papai plantara laranjeiras de qualidade, as mais apreciáveis, como a baiana, a cravo, a abacaxi, a serra-d'água, a seleta, a natal, a laranja-lima... Plantara, também, mangueiras, ameixeiras, goiabeiras... E outras espécies mais. Papai era grande apreciador das frutas! (Saudade, p. 120)</p> <p>Ele, o nhô Fidélis, estava com os cabelos todos brancos, mas era um homem ainda vigoroso. Amava a terra e sabia tratá-la como ninguém. Amava as boas plantações e os bons animais, tanto que até parecia compreendê-los. Ela, a nhá Vicência, tinha, como o esposo, a cabeça alvejando, mas ainda sozinha dava conta dos serviços da casa e do tratamento das criações. Ambos desconheciam a preguiça. Não desperdiçavam o tempo. E, como um prêmio dos céus, tudo lhes corria bem. (El-rei Dom Sapo, p. 43)</p> <p>A meia légua do povoado, à</p>	
--	---	--

	<p>margem de um riacho, ficava o sítio Campestre, pequenino, mas sempre bem tratado. Dava gosto vê-lo, de longe ou de perto. À distância, parecia um cromó; de perto, era um jardim. (El-rei Dom Sapo, p. 43)</p> <p>Com o auxílio de trabalhadores de Quissássa abriram-se mil covas ao lado da laranjeira-mãe e mil laranjeirinhas, mil filhotes, enxertadas e pegadas, tomaram lugar nessas covas, enfileirando-se como em garboso batalhão vegetal. Quissássa tomara outro aspecto. Aquele belíssimo pomar, tão novo e tão promissor de fartas messes, encantava os olhos e alegrava o coração da gente. (Árvores milagrosas, p. 50)</p>	
--	--	--

CAMPO	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>As pessoas são mais solidárias e amigas</p>	<p>- (...) Depois de anoitecer, a vida prossegue no interior das casas. Aqui, por exemplo, é nessa ocasião que se passam as melhores horas. Ninguém fica à janela, como na cidade, a espiar gente e mais gente, carro e mais carro, bondes, automóveis... Ninguém ouve o rodar dos veículos, a gritaria de um vizinho ou o apitar dos guardas. No meu entender, faz-se coisa mais alegre e mais proveitosa. Raimundo, comodamente estirado na rede, lê os jornais e revistas. Às vezes, lê romances e outros livros. Às vezes, escreve. Eu cuido de crochês e escuto a leitura por meu marido ou meus filhos, os quais ajudam no preparo das lições. Mário e Rosinha estudam ou nos escutam. (...) Muitas vezes, as crianças andam à volta do fogão, esperando que fiquem assadas batatas postas na cinza quente. Quase sempre frito pratadas de “bananinhas” ou de bolinhos de colher. É uma festa. Também é festa se se arrebenta uma caçarolada de pipocas. Habitua-mos a deitar cedo. Quem cedo se levanta, cedo tem sono. Nove horas já é tarde. Em geral, às oito e meia todos vão para a cama. Dorme-se bem. Dorme-se como se deve dormir (...). (Saudade, pp. 79-80)</p>	<p>Quando cansar-se da civilização e quiser uma temporada de descanso, escreva-me. Terá sempre um talher na mesa da sua velha comadre. Eu não saio. Continuo na roça. (O poço do Visconde, p. 78)</p>

CAMPO	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
	<p>- Sabe por que eu estava</p>	<p>Aquela prima, apesar de viver na roça, estava se tornando</p>

<p>Pessoas ignorantes e sem estudo</p>	<p>admirado pela escola? - Não sei, Mário. - Disseram-me que no sítio a escola era relaxada. -Que grande mentira! - Mentira mesmo. (Saudade, p. 64)</p>	<p>mais esperta do que todas as meninas da cidade. (Reinações de Narizinho, p. 51)</p> <p>Emília nasceu aqui na roça e nunca foi à cidade, nem aprendeu costura. Para uma criatura nessas condições, não acha que está bem feitinho? (Reinações de Narizinho, p. 82)</p> <p>Pedrinho calou-se. Embora nunca o houvesse confessado a ninguém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia nenhuma diferença entre ele, que era da cidade, e os demais meninos nascidos e crescidos na roça. Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do endiabrado moleque de uma perna só. (O saci, p. 20)</p> <p>- Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que “exeste”. Gente da cidade não acredita – mas “exeste”. A primeira vez que vi saci eu tinha assim a sua idade. Isso foi no tempo da escravidão, na Fazenda do Passo Fundo, que era do defunto Major Teotônio, pai desse Coronel Teodorico, compadre de sua avó, Dona Benta. (O Saci, p. 21)</p> <p>A Mula-sem-cabeça! Pedrinho estremeceu. Nenhum duende das florestas o apavorava mais que esse estranho e incompreensível monstro, a Mula-sem-cabeça que vomita fogo pelas ventas! Muitas histórias a seu respeito tinha ouvido aos caboclos do sertão e aos negros velhos, embora Dona Benta vivesse dizendo que tudo não passava de crendice. (O Saci, p. 53)</p> <p>Todos concordaram que a lição do Visconde fora boa, exceto Tia Nastácia. A negra dormira o tempo inteiro. E quando Narizinho a censurou por causa disso, respondeu com a maior sinceridade: - Pra que ouvir, menina? Não entendo nada mesmo... (O poço do Visconde, p. 13)</p> <p>Um sitiante de nome Chico</p>
---	--	---

		<p>Pirambóia, caboclo opilado que mal tirava das suas terras (dez alqueires) o necessário para não morrer de fome, vendeu a propriedade por 230 mil cruzeiros – e ainda levou o capadinho de ceva e a cabra. (O poço do Visconde, p. 74)</p> <p>- Verdade. Foi o preço que sempre pedi por ela – e não achei. O melhor que me chegaram foram sessenta e cinco. Agora me ofereceram um milhão de cruzeiros, e como eu fizesse cara muito esquisita (era de espanto), eles pensaram que eu estivesse achando pouco e foram chegando mais 200 mil. Eu não quis saber de histórias. Me veio uma tontura na cabeça, e foi quase sem eu querer que minha boca respondeu: "fechado!". No dia seguinte "vinheram" passar a escritura e bateram em cima da mesa os pacotes...</p> <p>O Coronel estava orgulhosíssimo com a façanha, mas Dona Benta torceu o nariz.</p> <p>- Pois, meu caro compadre, acho que fez um péssimo negócio. Sua fazenda tem a mesma formação geológica do meu sítio, sendo muitíssimo provável que também nela haja petróleo, e muito. (O poço do Visconde, p. 77)</p> <p>O Coronel coçou a cabeça com um risinho de esperteza matuta nos lábios.</p> <p>- Eu, a ser verdadeiro, comadre, nem entendo, nem acredito em nada dessas histórias. Sou homem da roça, como meu pai e meu avô, criadores de porcos e plantadores de milho. De ciência não pesco um xis – nem acredito. Minha fazenda não valia mais de setenta mil cruzeiros. Peguei por ela um milhão e duzentos mil. Que mais poderia eu querer?</p> <p>- Compadre – disse Dona Benta – o seu mal sempre foi a falta de estudos. Se os tivesse, ou se freqüentasse aqui os nossos serões para ouvir as conversas geológicas do Senhor Visconde, juro que não venderia a fazenda nem por 10 milhões. (O poço do</p>
--	--	--

		<p>Visconde, p. 77)</p> <p>O coitadinho do Visconde tudo explicou com a maior clareza possível. Mas o miolo dum criador de porcos de sessenta anos está endurecido. Não recebe mais nada. O Coronel limitou-se a rir do sabuguinho científico.</p> <p>- Basta – disse ele por fim. – Estou muito velho para essas coisas de ciência. Se o “anticriná” daqui entra na minha fazenda, então melhor para quem comprou. Que se arranjem, que tirem muito petróleo e façam bom proveito. Não sou ambicioso. Esta dinheirama está me atrapalhando a vida. Chovem em cima de mim tantos negócios ótimos que a dificuldade está na escolha. (O poço do Visconde, p. 77)</p> <p>No dia seguinte tiveram a visita do Chico Pirambóia, que também vendera o sítio e se preparava para “afundar” no mundo. Era um caboclão dos legítimos, xucro até mais não poder.</p> <p>- Dona Benta – disse ele – vou-me embora com os pacotes no bolso. Esta gente enlouqueceu. Não entendo mais nada. Pois então não é loucura me darem 230 mil por aquela pinóia do meu sítio – dez alqueires de sapezal que nunca valeu nem mil cruzeiros.</p> <p>- Não é loucura, Chico. É apenas o petróleo. Quem deu 230 mil cruzeiros pelo seu sítio vai tirar dele alguns milhões.</p> <p>- A senhora está se referindo ao tal “criosene”? Ah, então a senhora, que é uma velha de juízo, também “aquerdita” nisso? “Criosene” nada. O que deu nessa gente foi loucura, isso ninguém me tira da cabeça. Eu vou fugindo daqui com os cobres antes que eles se arrependam e me assaltam a casa pra pegar outra vez os pacotes. (O poço do Visconde, pp. 78-79)</p> <p>- E também poderemos criar umas boas escolas profissionais para esta caboclada bronca – propôs Narizinho. – Eles são aproveitáveis, mas têm que ser</p>
--	--	---

		<p>ajudados. Por si nada fazem porque nada podem fazer. (O poço do Visconde, p. 90)</p> <p>- Qual, seu Candorra! – disse ele. – Parece que o caso é mesmo como vovó disse: alucinação. Vocês, gente do mato, enxergam muita coisa que não existe. É o medo. (A reforma da natureza, p. 34)</p>
--	--	--

CIDADE	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
Consumismo	<p>Já fazia dois meses que morávamos na cidade e eu ainda tinha muitas saudades do sítio. A nossa vida ficou muito diferente (...). A fim de que não saísse à rua, davam-me brinquedos bonitos, sim, mas que me aborreciam ao cabo de meia hora. (Saudade, p. 12)</p> <p>Depois, descobrindo que no outro lado da rua havia uma grande confeitaria, peguei na pratinha e corri para lá a comprar um tostão de suspiros e broinhas. (Saudade, p. 12)</p> <p>A despesa, já despropositada, crescia cada vez mais. Tudo custava muito dinheiro. Mas não era só isso. Percebia-se explorado pela maioria dos que o rodeavam. Ainda naquele dia arranjava mais um desafeto. E por quê? Somente porque não lhe emprestara certa quantia de dinheiro que estava no banco. (Saudade, p. 15)</p> <p>Eu achava engraçado o jeito de mamãe fazer compras. Não adquiria coisa alguma de um lugar sem saber ao certo dos preços em outra parte. Depois não tinha preguiça nem vergonha de <i>pechinchar</i>. E, com isso, obtinha quase sempre reduções compensadoras. (Saudade, p. 18)</p>	<p>- Se a senhora se mudasse para a cidade havia de ganhar um dinheirão.</p> <p>- E que faria do dinheiro?</p> <p>- Oh, muitas coisas! Poderia comprar uma casa, podia comprar um guarda-chuva. Pedrinho diz que é muito bom ter dinheiro.</p> <p>- E ele tem muito?</p> <p>- Muito! Pedrinho é bastante rico. Tem um cofre com mais de cinco cruzeiros dentro. (Reinações de Narizinho, p. 125)</p>

CIDADE	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
Selva de pedra	<p>Logo que chegamos, andei pela casa toda, que não era tão grande como a da fazenda. Fui ao quintal. Que tristeza! Nem uma árvore! (Saudade, p. 11)</p> <p>Até parece impossível! Mais de três</p>	

	<p>meses e sem emprego! Papai mexia por toda parte, falava com toda gente. Nada! Diziam que a ocasião era imprópria, davam mil desculpas, aconselhavam paciência. Na primeira vaga que aparecesse, não se esqueceriam dele. Promessas, muitas promessas, mas... só promessas. (Saudade, pp. 16-17)</p> <p>Mamãe, por causa das noites que perdera comigo, também ficou adoentada e passou muito tempo sem poder tomar conta da cozinha. Arranjou uma empregada para isso. A despesa da casa cresceu demais com a entrada dessa cozinheira. Ela fazia comida para pôr fora, derramava gordura e ainda carregava para a casa dela tudo quanto podia. (Saudade, p. 17)</p> <p>Pelo que acontecia em casa, vi que o ordenado de papai não permitia larguezas: apenas bastava para a gente viver. Era um medo de que eu gastasse os sapatos, de que comprasse cadernos sem precisar... um dia fiquei de castigo porque, por gosto, quebrara a ponta do meu lápis. (Saudade, p. 18)</p> <p>- Que saudades da fazenda, disse papai suspirando. O senhor não calcula, seu Ferraz, o meu arrependimento por ter abandonado a liberdade do sítio. Ao vender a fazenda, fiz a maior asneira da minha vida.</p> <p>- Também penso nisso, afirmou seu Ferraz. A cidade tem os seus encantos: ruas bem arranjadas, igrejas, teatros, mercados, iluminação, automóveis, muita gente e tantas coisas boas, mas também tem outras que só nos causam desgosto e dão prejuízos.</p> <p>- É isso mesmo, continuou papai. Veja o nosso caso. Levamos uma vida trabalhosa e sem esperanças de melhorar. De que me serve a abundância nos mercados, nas lojas e nas vendas, se tudo é a peso de dinheiro? Para que me prestam os belíssimos e espaçosos prédios que vejo por aí, se a casa onde moramos é pequena, abafada e com uns vizinhos importunos e sem educação? De que me valem as festas e os espetáculos, se para freqüentá-los é preciso tempo, dinheiro e boas roupas? Que grande serviço me prestam as praças ajardinadas, se estão longe</p>	
--	---	--

	<p>de minha pobre vivenda? Depois, seu Ferraz... depois, são os filhos a chorar, porque viram, na vitrina da esquina, um cavalinho de vinte mil réis, ou a gritar porque querem sorvete, melado, amendoim, rebuçados, frutas e mil coisas que os quitandeiros inventam e oferecem pela rua, desde manhã até à noite.</p> <p>- E o senhor não fala do perigo dos veículos em disparada? Lembre-se de que sempre há por aí o caso novo de uma desgraça. É um homem com as pernas quebradas, é uma criança esmagada...</p> <p>- E as doenças, seu Ferraz?</p> <p>(Saudade, pp. 19-21)</p> <p>- Creio que ainda volto a viver no sítio, seu Ferraz.</p> <p>- Pois faz muito bem. Olhe, seu Raimundo – “nem para os ricos é boa a vida da cidade”. (Saudade, p. 21)</p>	
--	--	--

CIDADE	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Artificialismo, vida de aparências</p>	<p>Mamãe obrigava-me a andar bem vestido o dia inteiro. Isso, para mim, era um verdadeiro castigo. (Saudade, p. 12)</p> <p>Havia um guarda-roupa com um espelho comprido onde eu me enxergava dos pés à cabeça. A mesa de jantar fica a maior ou menor, conforme a gente quisesse. Na sala de visitas estenderam um tapete onde se via uma onça pintada. Mamãe vivia ralhando comigo, com receio de que eu estragasse o verniz dos móveis ou engordurasse o assoalho. (Saudade, p. 14)</p> <p>- Nas cidades as tardes não têm todo esse encanto. As atenções voltam-se para o movimento das ruas e o barulho dos veículos não deixa ouvidos para a voz da Natureza. (Saudade, p. 79)</p>	<p>- Pois é – disse a menina sentando-se sobre a mesa – cá estou para conhecê-los pessoalmente. Desde que li as primeiras aventuras de Narizinho, fiquei doida por entrar para o bando. Moro em São Paulo, uma cidade muito desenxabida, com um viaduto muito feio e gente apressada, passeando pelas ruas. Enjoei do tal São Paulo e vim morar aqui. Fiquem certos duma coisa: o único lugar interessante que há no Brasil é este sítio de Dona Benta. (Caçadas de Pedrinho, p. 21)</p>

CIDADE	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Pessoas desonestas, vigaristas, interesseiras</p>	<p>De manhã até à noite batiam palmas ao portão ou faziam soar a campainha. Aquilo parecia não ter fim, enjoava a gente. Era o padeiro, o leiteiro, o verdureiro, o peixeiro, o carteiro, o mascate, o cego, o aleijado e mil outras pessoas que iam oferecer alguma coisa ou pedir (...). (Saudade, p. 14)</p>	<p>- Estou pensando em me mudar para o Rio de Janeiro...</p> <p>- Olho vivo com os grandes centros, compadre! Nós, que passamos a maior parte da nossa vida nestes desertos, ficamos meio bobos. Qualquer pirata das avenidas nos embrulha. Há por lá uns tais</p>

	<p>Disse que as coisas não corriam bem. Efetuara transações infelizes. Só na última partida de açúcar, sofrera um prejuízo de alguns contos de réis. No livro de assentamentos havia um fiado enorme, completamente perdido. Estava todo em mãos de gente velhaca, trampolineira. (Saudade, p. 15)</p> <p>No açougue todo mundo pedia carne boa. Chegada a minha vez, o homem, querendo lograr-me, ia pondo na cesta um pedaço de carne já embrulhada. Eu desenrolava o papel e dizia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - essa eu não levo. É só osso! - Pois você já viu boi sem osso? - Eu não sei. O que sei é que quero alcatra ou filé. <p>Em certa ocasião, ou porque estivesse distraído, ou porque não quisesse discutir com o açougueiro, que era muito estúpido, levei para casa um pedaço de pescoço. (Saudade, p. 18)</p>	<p>passadores do conto-dovigário que são umas pestes. (O poço do Visconde, p. 78)</p> <p>Com o Coronel Teodorico, então, aconteceu uma que até parece pilhéria. Ele nunca havia ido ao Rio de Janeiro, de modo que admirou tudo, principalmente os bondes elétricos. E tanto admirou os bondes elétricos e falou daquilo, que afinal o “dono dos bondes” apareceu, fez camaradagem com ele e acabou levando-o a um bar. Lá fez vir cerveja e contou o excelente negócio que era ter bondes que cobram 20, 30 e 40 centavos de cada pessoa que entre neles para ir daqui até ali. (O poço do Visconde, p. 79)</p>
--	--	--

PROGRESSO	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Maravilhas da tecnologia</p>	<p>- (...) E as invenções e descobertas do homem!? O telégrafo sem fio! Comunicar-se a milhares de quilômetros por meio do espaço! E o fonógrafo, a fotografia, o cinema, os aeroplanos!...</p> <ul style="list-style-type: none"> - E a eletricidade, Juvenal!? Por um simples fiozinho transmitir-se a luz, a força, o calor! - É mesmo de espantar. (Saudade, p. 117) <p>Eram decorridos três anos depois daquela hora. E, em todo esse tempo, quanta coisa já se passara no sítio, comigo e com os meus! Quanta coisa! Agora o Congonhal era bem nosso. Era bem nosso e valia muito mais. Não parecia mais o mesmo. Nhô Lau, cantando modinha, já não baldeava água da bica. O encanamento fazia tal serviço. Nhô Lau, a cavalo, já não ia à cidade, feito recadeiro. Um fio telefônico o substituíra vantajosamente. (Saudade, p. 158)</p> <p>Esses pomares se multiplicavam de ano para ano, embelezando aqueles sítios, enriquecendo aquela gente e valorizando aquelas terras. (...) Por causa deles, a companhia de estrada de ferro instalou ali uma bonita estação com</p>	<p>Assim, por meio de cartas, a coisa levará toda a vida. Não há como o telefone para as comunicações rápidas. Vou telegrafar para o Rio de Janeiro, pedindo a remessa do material necessário para a construção duma linha telefônica. (Caçadas de Pedrinho, p. 34)</p>

	<p>o nome de Quissássa do Laranjal. Assim, como que por encanto, tudo prosperou, progrediu e melhorou por aqueles lugares. (Árvores milagrosas, p. 55)</p> <p>A antiga Quissássa virara Quissássa do Laranjal, teve farmácia, lojas, oficinas, telefone, luz elétrica, cinema, automóveis! Os seus maravilhosos laranjais davam para tudo! Os seus maravilhosos laranjais faziam o doce milagre de lhes dar vida, prosperidade, riqueza e fama! (Árvores milagrosas, p. 56)</p>	
--	---	--

PROGRESSO	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
<p>Melancolia e saudosismo</p>		<p>Encostadas às paredes havia duas meias mesas também de mármore, cheias de enfeites: três casais de içás vestidos, vários caramujos e estrelas-do-mar, duas redomas com velas dentro, tudo colocado sobre os “pertences” de miçangas feitos por Narizinho. Hoje ninguém mais sabe o que é isso. Pertences eram umas rodela de crochê que havia em todas as casas, para botar bibelôs em cima; para o lavatório de Dona Benta, Narizinho fizera pertences de crochê; e para a sala de visitas, fizera aqueles de miçanga de várias cores, da bem miudinha. (O Saci, p. 13)</p> <p>Flores do tempo da mocidade de Dona Benta: esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-de-macaco, dois pés de jasmim-do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim-manga. Plantado na calçada e a subir pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer. (O Saci, p. 14)</p> <p>- Este pé de laranja baiana – costumava dizer – foi o primeiro que tivemos aqui, e dele saíram os enxertos dos outros. Naquele tempo laranja baiana era uma grande novidade. A muda foi presente do defunto Zé das Bichas, um português muito trabalhador que morava numa chácara perto da vila. (O Saci, p. 15)</p>

SUSTENTABILIDADE	TALES DE ANDRADE	MONTEIRO LOBATO
	<p>Nunca, meu filho. Se eu precisar de madeira, mandarei cortar um ou outro pau, somente. Se eu precisar de lenha, apenas mandarei derrubar uma pequena parte da mata, só o que for verdadeiramente necessário, mas, assim mesmo, plantá-la-ei de outra banda, logo depois. E mandarei revolver e esterçar as terras já aproveitadas para plantações; mandarei revolvê-las e adubá-las para que não se cansem e não fiquem velhas, e, assim, não haja pretexto para derrubar matas, em busca de terras descansadas e novas. (A filha da floresta, pp. 37-38)</p>	<p>- O meio que vejo é mudar-nos para outras terras. - Que terras? - replicou a capivara. – Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagens para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora, quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país. (Caçadas de Pedrinho, p. 14)</p>

6.1 Análise comparativa das categorias em Tales de Andrade e Monteiro Lobato

A presença da natureza é constante nas obras dos dois autores. Ora aparece como cenário, sinônimo de beleza e diversidade, servindo de paisagem estática; ora como personagem, participando da história por meio da interação com os seres humanos – esta última forma, encontrada de maneira recorrente em Monteiro Lobato, que utilizava mais o elemento fantástico do que Tales de Andrade.

Além do aspecto estético, há o caráter utilitário das plantas, das fontes e dos animais. Quando, em *Bem-te-vi feiticeiro* trata da proteção dos passarinhos, Tales diz que estes cuidam das plantações e defendem a saúde dos homens. O mesmo acontece em *El-rei Dom Sapo*, quando alguns bichos recebem a pecha de “bichos ruins e daninhos” – entre os quais gafanhotos, saúvas, brocas e moscas.

O mundo natural, pois, está a serviço da humanidade, mesmo que a superioridade desta não implique destruição. O homem subjuga a natureza, a domina e a domestica. Ele é quem decide quem são os “bichos bons” e quem são os “ruins”. E os ruins são os que diretamente afetam as atividades econômicas. No Sítio também vemos o poder que os netos de Dona Benta se auto-concedem para matar uma onça, ao mesmo tempo em que defendem a vida de um rinoceronte e o protegem dos caçadores.

A superioridade é questionada, pois, em *A Reforma da Natureza*, quando a boneca Emília põe-se a reformar as obras da natureza por considerá-las imperfeitas e inacabadas. Com isso, tantas aberrações produz que acaba se convencendo de que ela própria talvez não estivesse muito certa em mexer com os bichos e as plantas como se fossem brinquedos. A esse respeito Dona Benta a repreende, argumentando que a natureza era sábia em tudo o que fazia. Entretanto, a própria Benta acaba aprovando algumas modificações feitas pela boneca.

Embora com diferenças de estilo e de posicionamento, tanto um quanto outro escritor insere a temática ambiental, sobre a natureza e a relação desta com os homens, levando aos pequenos leitores mensagens e reflexões sobre o tema, o que, sem dúvida, representou um avanço para a ecologia. E, com um diferencial: ambos falam da natureza do Brasil. Com as traduções dos livros estrangeiros o leitor tinha acesso apenas às espécies da fauna, da flora e às características da geografia física de outros países, o que distanciava a criança da realidade local. Com Tales e Lobato, meninos e meninas brasileiras viveram aventuras passadas na Mata Atlântica, conheceram as terras férteis do interior paulista, souberam diferenciar animais endêmicos do País e descobriram que as florestas nacionais

abrigam criaturas mitológicas como o Saci, a Cuca, o Boi-Tatá, em histórias tão interessantes – ou mais – do que os incríveis relatos do Barão de Munchausen¹⁸.

Tales aborda a natureza de forma bastante romântica, em especial nas passagens em que enaltece o Brasil (“Que pôr-do-sol extraordinário! Reparem como é bonito o céu de nossa terra”; “Este céu tem mais estrelas, estas várzeas têm mais flores, estes bosques têm mais vida. Esta vida mais amores”). Os locais que servem de cenário para as histórias são, na maioria, rurais, onde a vida é considerada mais tranqüila, saudável. Não é a toa que as crianças, ao saírem de férias, vão felizes para o campo, assim como Pedrinho, neto de Dona Benta, em cujas férias viaja, sistematicamente, ao Sítio.

O autor de *Saudade* faz exaltações à mansidão das águas, à diversidade da floresta, ao verde das plantações, e promove a discussão sobre algo inovador para o início do século 20, que começava a despertar para as máquinas e as grandes fábricas: a preocupação com a preservação, a conservação e a utilização consciente e sustentável dos recursos naturais, sob pena de a humanidade ficar susceptível a pragas e à escassez de água.

Lobato também ressalta a natureza, recheando os textos com seus elementos, mas escreve com viés pendente para o naturalismo, com descrições mais cruas, biológicas, como no episódio da morte de uma minhoca, mencionado na Parte II. Assim como essa, é comum encontrarmos descrições com o olhar da biologia em todos os livros ambientados no Sítio, pois uma das intenções do criador de Emília era transmitir informações, divulgar a ciência, valorizar a racionalidade e a capacidade de o homem aprender cada vez mais. Tanto é que o leitor fica sabendo de muitas características do mundo animal e vegetal, como nome de espécies, hábitos e características científicas da natureza.

Em ambos encontramos referências sinestésicas ao discorrerem sobre a natureza, entre visuais (muralha de flores, mar de fogo, ilhas de prata, tomates e pimentões vermelhos, fruta amarelinha), olfativas (cheirosas flores, urubu fedorento), táteis (amanhecer de frescura sem igual, pasto tão belo que parecia um manto de veludo sobre a terra), auditivas (fonte a cantar, zumbiam milhões de abelhas) e gustativas (gostosas frutas), o que cria proximidade com o leitor e conquista sua cumplicidade à medida que lhe oferece sensações: ele vê, ouve, sente, saboreia e aspira os substantivos do texto. Tales e Lobato escrevem como se estivessem pintando um quadro, com matizes e sensações, explorando a paisagem idílica.

De acordo com os trechos sistematizados nos quadros relativos à natureza, podemos verificar algumas representações que se repetem nos dois escritores: a natureza mostrada com ênfase na beleza e na paz que propicia a todos os que com ela convivem,

¹⁸ A obra *As aventuras do Barão de Munchausen*, de Karl Friedrich Hieronymus von Münchhausen, publicada em 1785, foi uma das mais traduzidas para o público infantil. Narra os feitos grandiosos e repletos de fantasia do Barão.

como se fosse um paraíso, um lugar sagrado (“Ali, tudo era belo, tudo era bom, tudo encantava!”); a natureza vista como fonte de recursos, ou seja, provedora das necessidades humanas e responsável pelo seu sucesso e fracasso (basta lembrar da laranja milagrosa que faz com que a fazenda Quissássa conheça a prosperidade); a natureza como modelo de harmonia, organização e perfeição a serem alcançadas pelo homem (por exemplo, as formigas, cuja inteligência encanta a boneca Emília); a natureza como entidade de profunda sabedoria, que comanda o tempo, as estações, o clima – que Emília tenta mudar na *Reforma da Natureza*, mas não consegue –; a natureza que castiga e pune com maldições como a que se abate sobre o Recanto Tranquilo, em *A filha da floresta*; a natureza megadiversa, constituída por espécies de todo tipo, animais e vegetais de cores, formas, tamanhos variados.

Quanto à categoria natureza–homem, temos os seguintes representações: a natureza dadivosa, que mata a sede do homem, que recompensa aquele que a respeita, mas que também é piedosa e sabe perdoar; e, ainda, a natureza que intervém para salvar o homem bom da maldade do homem mau, ajudando o homem bem intencionado. Do outro lado está a ação humana em prol do desenvolvimento dos recursos naturais, as boas ações humanas que levam a boas ações dos seres da natureza, o homem que não tem cuidado com a natureza e o homem que domestica a natureza e tira dela seu sustento.

Já vimos que as relações entre a humanidade e a natureza são mutáveis conforme o tempo e a cultura em que vive determinada sociedade. Segundo argumenta Gonçalves (2006, p. 74), é preciso superar a concepção de que a natureza é o lugar onde todos lutam contra todos (Lei da Selva) e a de que é um mundo de bondade e harmonia. Na verdade, a natureza não é nenhum desses extremos – caos x cosmos perfeito –, mas “caosmo”, segundo define Morin. Temos de enxergar a complexidade ao invés de reduzirmos as relações entre homem e natureza.

Na literatura de Tales, a criança é levada a respeitar a natureza, espontaneamente ou por imposição. Quando age de maneira prejudicial à mata, aos animais, o homem é severamente punido, tendo a chance de se redimir para, então, a partir do conserto dos danos causados, fazer as pazes com o mundo natural – como o menino Agapito, de *El-rei Dom Sapo*. Já os homens que zelam pelo patrimônio da natureza são agraciados com a abundância de recursos, o que lhes garante paz e prosperidade.

Ainda sobre os personagens infantis, Tales as coloca como muito bondosas, estudiosas, educadas e amáveis com os pais e a natureza (o Mário, de *Saudade*); mas há também as más, irresponsáveis e egoístas (o citado Agapito). Quando não se encaixam em nenhum dos extremos, são como Marcelo, de *Bem-te-vi feiticeiro*, que gostava de abater passarinhos por diversão e não pela vontade pura e simples de destruir. E, ao passar por

um susto, começa a refletir sobre seus atos e acaba se transformando em um defensor dos pássaros.

Para que o indivíduo mude seu modo de ser, é preciso que aconteça algo imprevisto, revelado em sonho ou em situações incomuns. Sílvio, por exemplo, adormece e ouve o clamor da *Filha da floresta* para que defenda a mata da devastação.

No Sítio de Lobato não há o que regenerar. As crianças respeitam, de certo modo, a natureza (à exceção dos momentos em que manifestam prazer em caçar) e interagem o tempo todo com os habitantes do mundo natural. Mas vez por outra os seres humanos estão em disputa (física, como em *Caçadas de Pedrinho*) ou verbal (como as discussões de Pedrinho com o Saci sobre quem seria mais inteligente, se o homem ou a natureza). Quanto à preservação, é interessante observar que Dona Benta não permite que se faça mal às suas plantas e árvores, muito mais por questões emocionais do que ambientais. Ela mantém o jardim e o pomar intactos, por lhe trazerem lembrança de sua meninice e juventude; então, o interesse é perpetuar as lembranças saudosas, mais do que por qualquer outra motivação ecológica.

Lobato utiliza nas frases de Emília palavras que pertencem ao universo da natureza, com sentido pejorativo quando aplicadas aos homens, como, por exemplo, “cachorro”, “burro”, “macacada”. Mas reconhece a sabedoria tanto dos homens como da natureza. Em *Saci* isso fica claro: na mata Pedrinho não iria sobreviver se o Saci não estivesse ao seu lado. Assim como o Saci, no meio dos homens, viveria em perigo e constante ameaça de captura.

Com relação às representações sociais de campo, vemos em *Tales* que este é o local de sossego, de contato com a natureza e fuga da agitação cotidiana. Como bem define Moscovici (2007, p. 167), é o eterno retorno à natureza, que significa “voltar com nossos corpos ao corpo dos corpos, a terra, onde cada um encontra sua morada, nosso *oikos*¹⁹ desde a origem dos tempos”. As pessoas que moram na zona rural são saudáveis e cheias de energia para trabalhar, ao contrário dos roceiros criados por Lobato. Jeca Tatu, Chico Pirambóia e o coronel Teodorico são xucros, sem estudo, doentes e mal nutridos, que fazem bobagens, vendem suas terras a preço de banana, deixam-se enganar por vigaristas da cidade; chegam a ser caricaturais tamanha a ignorância que demonstram. Exceto Dona Benta, que é uma mulher de grande cultura, apaixonada por livros e ciências, e que continua a morar na roça e a preferir o mato à cidade.

Outro ponto divergente entre os dois autores diz respeito à educação do povo da roça. Em *Saudade*, o personagem Mário preocupa-se ao ser transferido da escola da cidade para a rural, pois sempre ouvira dizer que o ensino era fraco se comparado com o da zona

¹⁹ A palavra *oikos* vem do grego e significa “casa”; *logos*, que é “estudo”. Daí, o termo ecologia, que quer dizer “estudo da casa”, “estudo do ambiente”.

urbana. Mas ele se surpreende com a qualidade da professora e o capricho da escola. Pedrinho, sabemos, estuda na cidade. Mas não há menção sobre Narizinho. A menina, inteligente e muito esperta, não frequenta escola. Em alguns episódios, o primo admira-se com o fato de ela morar na roça e saber fazer contas com rapidez e precisão.

Em relação aos ares saudáveis do campo, Tales mostra que as pessoas recuperam de enfermidades quando deixam a cidade e têm contato mais próximo com a natureza. O ar puro e os hábitos simples fazem um enorme bem aos convalescentes.

Há que se observar a postura de Tales diante do contexto em que o Brasil se encontrava. Como as pessoas quisessem tentar a vida nos grandes centros urbanos, o autor procura incentivar o inverso: manter as pessoas no campo, trabalhando em suas hortas, em suas plantações, na tentativa de fortalecer a agricultura e permitir que o País crescesse e prosperasse sem perder mão-de-obra para as indústrias e as metrópoles.

A zona urbana é bastante polêmica para os dois autores, que vêem muitos aspectos negativos entre alguns positivos. As representações giram em torno da visão da cidade como uma selva de pedra, repleta de pessoas desonestas e ambiciosas, cuja vida de aparências leva à desonestidade e à exploração, principalmente dos moradores da roça.

Tales ainda ressalta o consumismo exagerado cada vez mais incentivado pelas vitrines chamativas e os produtos à mostra – desnecessários e totalmente supérfluos. E denuncia a exploração do sistema capitalista, em que há muito trabalho e pouca recompensa, de modo que apenas uma parte reduzida da população, mais abastada, tem acesso à modernidade e ao progresso levado às cidades.

O progresso, para os dois escritores, tem um significado positivo; a tecnologia facilita a vida do homem, tornando a locomoção mais ágil, diminuindo distâncias e permitindo a comunicação em todas as partes do mundo. Mas o cinema, o automóvel e tantas outras materializações da modernidade deixam uma ponta de melancolia pelo passado que até ontem ainda era novidade. A rapidez com que se promoveram mudanças, acentuadamente na virada para o século 20, provocou uma sensação de vazio dificilmente superada. Mesmo em Lobato, defensor ferrenho do petróleo e da indústria, ficou um ranço de saudade, um quê de incompletude nas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a leitura das obras de Tales de Andrade e de Monteiro Lobato, vão-se-nos revelando representações sociais de natureza que nos ajudam a entender o momento histórico em que escreviam. As crianças que liam Tales de Andrade e Monteiro Lobato poderiam pensar que os dois autores tratavam da realidade de dois países distintos, ou sobre o mesmo país, mas em épocas diferentes. O Brasil de Tales tinha no campo sua riqueza, e na agricultura a chave para seu crescimento, graças à força do povo que vive na roça, que labuta incansavelmente, de sol a sol. Para Lobato, a chave para o crescimento econômico estava no petróleo, na criação de indústrias nos moldes americanos. Na sua visão, o meio rural estava falido, fadado à pobreza material e espiritual dos caboclos, homens xucros e preguiçosos.

A própria descrição do governo destoa na obra dos dois escritores. Nos livros de Tales, o governo é participativo e atuante, como em *Saudade*, promovendo a distribuição de sementes e mudas às comunidades e incentivando-as a permanecer no campo para cuidar da lavoura. Lobato considera o governo uma pasmaceira, um opositor ao progresso, um verdadeiro burocrata agindo quando do seu interesse, motivado por razões egoístas e alheio ao plano de crescimento nacional.

Para Tales o desenvolvimento do Brasil estava no cultivo da terra. Para Lobato, no petróleo, nas máquinas. Para ambos, na educação. Isso fica claro na própria trajetória dos escritores, sempre fazendo caminhos que chegavam ao ensino. Lobato acreditava na força da inteligência, do raciocínio, e lutava para que o homem se emancipasse da ignorância, que, segundo ele, era um dos entraves do País. Tales dedicou a vida inteira a formar pessoas e transformar suas realidades, dando-lhes esperanças de que no meio rural encontrariam a verdadeira riqueza brasileira. Lobato povoou o imaginário de joões, marias, josés, e lhes mostrou uma Pátria promissora apesar dos governantes.

A criança leitora do início do século 20 cresceu, então, em meio a paisagens exuberantes, de fauna e flora diversas, protegido por um governo paternalista que incentivava a vida simples e honesta do campo e a economia agrícola. Ou seja, um Brasil promissor, preocupado com a educação e a saúde do povo, formado com esforço e às custas de muito suor e trabalho. Um país que tinha todas as condições necessárias para tornar-se uma potência e que, paulatinamente, galgava este objetivo. Porém, a mesma criança leitora do início do século 20 cresceu em meio a descrições bucólicas da natureza, onde bichos falavam e agiam como gente, à mercê de um governo vagaroso e descompromissado com sua população, e que insistia em fechar os olhos à real riqueza do País – o petróleo – preferindo escravizar-se a superar as demais nações. Um Brasil de

analfabetos, de caboclos doentes e amarelados de fome, um país na contramão do sucesso.

Entre os autores brasileiros que escreviam para crianças e que abordaram a temática da natureza, destacam-se Lúcia Machado de Almeida, com as aventuras da famosa borboleta Atírrira; Menotti del Pichia, com as andanças de João Peralta e Pé-de-Moleque – incluindo o país das formigas; Francisco Marins; Erico Veríssimo. Além desses, também de um país de língua portuguesa, Portugal, temos o célebre Sidónio Muralha, nascido na década de 20, cujo livro *Valéria e a Vida*, uma história sobre a destruição da natureza, veio a ganhar, em 1976, o prêmio “Meio Ambiente na Literatura Infantil”. Tais obras nos permitem concluir que a preocupação com o meio ambiente é anterior aos movimentos ecológicos. Um interessante estudo futuro, além da análise das obras dos autores mencionados, poderia ser a comparação dos escritores brasileiros com os portugueses, para vermos até que ponto a cultura e as representações sociais diferenciaram-se nos dois países.

Finalizo esta dissertação com a certeza de que as mensagens de Tales de Andrade e de Monteiro Lobato continuarão a soar, e que, embora em outro contexto social, em outro momento econômico, encontrarão eco no coração das crianças, pois sua língua é atemporal e universal. Dessa forma, a fada também conhecida como vida, conforme nos ensinou o Saci, será incansável e insistirá em sussurrar ao ouvido dos seres a necessidade de se respeitarem mutuamente e de conservarem o mundo para as próximas vidas que virão, independentemente de ideologia, partido político ou religião. Pois, mais uma vez citando o Saci, a fada – quer dizer, a vida – não pára nunca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Livros

ALMANAQUE DO TICO-TICO, edição comemorativa. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 2006.

ANDRADE, Tales Castanho de. **Saudade**. 64. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editorial Nacional, 1977.

_____. **Bem-te-vi feiticeiro**. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d. (Encanto e Verdade, 3).

_____. **A filha da floresta**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

_____. **Árvores milagrosas**. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d. (Encanto e Verdade, 7).

_____. **El-rei Dom Sapo**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, Eduardo. **Brasil**: uma história – a incrível saga de um país. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil**: visão histórica e crítica. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1987.

COELHO NOVAES, Nelly. **A literatura infantil**. São Paulo: Edições Quiron Ltda., 1981.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

DUARTE, Regina Horta. **História e natureza**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FRACCAROLI, Lenyra Camargo; Instituto Nacional do Livro (Brasil). **Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Jornal dos Livros, 1955.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

_____. **Casa-grande e senzala em quadrinhos**. Ilustração: Ivan Wasth Rodrigues. São Paulo: Global Editora, 2005.

GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem-fantasma: a Ferrovia Madeira–Mamoré e a Modernidade na Selva**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LESSA, Carlos. **Auto-estima e desenvolvimento social**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 1. ed. São Paulo: Editora Globo, 2007. v.1.

_____. **A reforma da natureza**. 38. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____. **O Saci**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

_____. **Caçadas de Pedrinho**. 60. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____. **O poço do Visconde**. 21. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e de ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MEDEIROS, João Bosco. **Manual de redação e normalização textual**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

_____. **Natureza: para pensar a ecologia**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2007.

PÁDUA, José Augusto. **Natureza e projeto nacional: as origens da ecologia política no Brasil**. In: **Ecologia e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; IUPERJ, 1987.

PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 94. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 2. ed. São Paulo: Difel-Difusão Européia do Livro, 1973.

SEVCENKO, Nicolau. **O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In: NOVAIS, Fernando A (coordenador geral da coleção). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

_____. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Virando séculos, v. 7).

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear horizontes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

2. Artigos

ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. In: **Comum**, v. 10, n. 23, p. 122-138, jul./dez. 2004.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: **Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2004.

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. In: **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 1, p. 79-91, jan./abr. 2005.

LAMARÃO, Sérgio. Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao *atraso* brasileiro. In: **Lusotopie**, p. 51-68, 2002.

PAVARINO, Rosana Nantes. Teoria das representações sociais: pertinência para as pesquisas em comunicação de massa. In: **Comunicação e Espaço Público**, ano VII, n. 1 e 2, 2004.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. In: **Ciência da Informação**, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

3. Dissertações

ALEXANDRE, Fernando Luiz. **Literatura e educação na memória de uma cidade**: um olhar sobre Thales Castanho de Andrade. 230 f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

BRAGION, Alexandre Mário. **Saudade**: a utopia ruralista de Thales Castanho de Andrade. 156 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

4. Teses

CIELO, Andréia Vedoin. **Educação ambiental, representações sociais e formação de professores(as)**: de volta à escola com Monteiro Lobato. 131 f. Tese (Doutorado) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e hoje**: caminhos de Ensino. 196 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

5. Sites

PEREIRA, Franz Kreüther. A magia da tradição oral: o contador de histórias, Franz Pereira, 1998. Disponível em: <http://pontodeencontro.proinfo.mec.gov.br/O_Contador_de_Historias.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2007.

Papa-figo. Disponível em:

< <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/galeria/ca80007f.asp>>. Acesso em: 15 dez. 2007.

6. Vídeo

FERRAZ, Isa Grinspum. **O povo brasileiro**. (260 min.). São Paulo: Superfilmes, 2000.